UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

JÚLIO CEZAR RODRIGUES DA SILVA

O PROJETO INFRA EM MOVIMENTO: ESPAÇO *E*-URBANO E EFEITOS DE SENTIDO DOS DISCURSOS DE INFRAESTRUTURA E SUSTENTABILIDADE NA CIDADE

Cáceres-MT
2021

JÚLIO CEZAR RODRIGUES DA SILVA

O PROJETO INFRA EM MOVIMENTO: ESPAÇO *E*-URBANO E EFEITOS DE SENTIDO DOS DISCURSOS DE INFRAESTRUTURA E SUSTENTABILIDADE NA CIDADE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística (PPGL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – *Carlos Alberto Reyes Maldonado* (Unemat), como exigência final para a obtenção de Título de Mestre em Linguística.

Orientação: Profa. Dra. Ana Maria Di Renzo.

Cáceres-MT

2021

© by Júlio Cezar Rodrigues da Silva, 2021.

Luiz Kenji Umeno Alencar CRB 1/2037.

SILVA, Júlio Cezar Rodrigues da.

S586o O Projeto Infra em Movimento: espaço *e*-urbano e efeitos de sentido dos discursos de infraestrutura e sustentabilidade na cidade / Júlio Cezar Rodrigues da Silva – Cáceres, 2021.

136 f.: 30 cm. (ilustrações) II. Color. (sim).

Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação *Stricto Sensu* (Mestrado Acadêmico) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2021.

Orientador: Ana Maria Di Renzo.

1. Análise de Discurso. 2. Efeitos de Sentido. 3. E-urbano. 4. Infraestrutura e Sustentabilidade. 5. Projeto Infra em Movimento. I. Júlio Cezar Rodrigues da Silva. II. O Projeto Infra em Movimento: espaço *e*-urbano e efeitos de sentido dos discursos de infraestrutura e sustentabilidade na cidade.

CDU 81’42

JÚLIO CEZAR RODRIGUES DA SILVA

O PROJETO INFRA EM MOVIMENTO: ESPAÇO *E*-URBANO E EFEITOS DE SENTIDO DOS DISCURSOS DE INFRAESTRUTURA E SUSTENTABILIDADE NA CIDADE

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. **Ana Maria Di Renzo**
Orientadora/Presidente
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística (PPGL)
Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

Profa. Dra. **Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta**
Convidada Interna/Avaliadora
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística (PPGL)
Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

Profa. Dra. **Débora Raquel Hettwer Massmann**
Convidada Externa/Avaliadora
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística e Literatura (PPGLL)
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Profa. Dra. **Patrícia Cristina Brasil Massmann**
Convidada Suplente/Avaliadora Externa
Pesquisadora Colaboradora do Laboratório de Estudos Urbanos (LABEURB/Campinas)
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

APROVADO EM: 22 de fevereiro de 2021.

AGRADECIMENTO À CAPES

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por me conceder uma Bolsa de Estudos de Demanda Social (DS/CAPES) para que eu conseguisse realizar a pesquisa durante os 24 meses para a integralização do Mestrado em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat).

Dedico esta Dissertação de Mestrado:

À tão amada e sempre lembrada em meu coração e memória, ***Leila Dias Leite*** *(in memorian) que lutou bravamente contra um câncer, em fase de metástase. Mulher guerreira que não se abateu com a triste notícia, deixou a mim, aos amigos e sua família no dia 03 de janeiro de 2021. Deus a colocou em meu caminho para que eu percebesse o quão forte podemos ser diante das enfermidades. Para me mostrar que a vida pode ser vivida intensamente com sorriso nos olhos e a loucura de ter a consciência de que amanhã podemos não estar mais vivendo em meio ao mundo material. Somos realmente um suspiro! Tu,* ***Leila****, fostes o suspiro mais intenso que Deus me proporcionou sentir e respirar. Obrigado pelos ensinamentos! Esta Dissertação é toda dedicada a você. Cada linha dedicada a você. Sinto sua presença viva em meus dias. Carregarei as lembranças comigo enquanto eu viver.* ***Te amo!***

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, a força divina que tanto tem me abençoado nas conquistas até hoje.

Agradeço ao apoio da minha querida mãe, **Francisca Francinete da Silva**, do meu pai, **José Pironel Rodrigues** e das minhas irmãs, **Ana Caroline Rodrigues da Silva** e **Ângela Cristina da Silva**. Grato pela vida de vocês, minhas joias. Amo todos, imensamente.

Agradecimento especial à **Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)**, pois foi nela que conquistei muitos caminhos, pessoas, sentimentos e experiências pessoais e profissionais. Tenho muito que agradecer a todos que, de forma direta e/ou indireta contribuíram enormemente à realização desta pesquisa.

Agradeço pela força, carinho e o amor na pessoa de **Cristhiane Santana de Souza**, (segunda mãe), a quem devo os últimos oito anos da minha vida, pois, sem ela, eu não teria conseguido permear os obstáculos com que me deparei diante do percurso da graduação e do mestrado. Agradeço os momentos de conselhos, todas as conversas e compartilhamentos de vivências e o carinho... A ela, todo o amor externado em votos de gratidão.

Em especial, agradeço as inúmeras oportunidades às quais foram proporcionadas a mim e direciono toda a minha admiração e amor à Profa. Dra. **Ana Maria Di Renzo**, (terceira mãe) e querida orientadora que me acolheu no percurso de mestrado. Mulher, mãe, amiga que tanto me ensinou/ensina nas questões cotidianas, pessoais, profissionais e emocionais (Sem mencionar os puxões de orelha merecidos). São poucos que tiveram, em vida, o prazer de conhecer alguém tão simples e dedicada como ela. Não posso esconder e digo isso aos quatro ventos. Te amo muito, Aninha!

Agradeço imensamente à Profa. Dra. **Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta**, pelo companheirismo e pelos ensinamentos, desde a época que estagiei no mestrado ela sempre me encorajou a seguir em frente e ingressar no Curso de Licenciatura em Letras, na Unemat e depois pensar em um mestrado ou doutorado. Hoje, estou finalizando mais uma etapa desta caminhada acadêmica, e adivinhem? Ela esteve comigo até aqui! Obrigado Ana Luiza, por pegar no meu ‘bracinho’ (como a senhora fala com um jeito meigo, rs). Grato pela sua vida!

Ao universo, agradeço pela vida da Profa. Dra. **Débora Raquel Hettwer Massmann**, por aceitar ser banca de qualificação e defesa deste trabalho e por me acolher enquanto orientando no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), o qual tive a oportunidade de ingressar no

processo seletivo para Turma 2021. A senhora faz parte desse processo de lutas e conquistas. Obrigado por tudo!!!

Agradeço a disposição e aceite do convite em participar da banca de qualificação e defesa de minha Dissertação, à Profa. Dra. **Patrícia Cristina Brasil Massmann**, membro externo suplente, que prontamente fez apontamentos ímpares que puderam enriquecer a pesquisa com seu olhar clínico em Análise de Discurso. Obrigado por fazer parte dessa etapa, querida!

À querida Professora Doutora **Edileusa Gimenes Moralis** (*in memorian*), que tanto me deu apoio e auxílio na época de estágio no Mestrado em Linguística, que ainda em vida, acreditava que meu sonho um dia poderia tornar-se possível e dizia que um dia eu também seria um Doutor em Linguística. Onde quer que esteja (*Didi*), saiba que sinto sua falta e que levo para a vida os teus ensinamentos profissionais e pessoais aos quais tive a satisfação de receber.

À querida amiga, irmã, alma gêmea, que sempre esteve/está/estará (assim espero), presente em minha vida, **Jaýne Santos Borges**, pelos puxões de orelha, ajuda nos momentos de tensão na escrita desta dissertação, pois, sem nossos momentos juntos, não haveriam tantas vitórias no processo de escrita das análises. Não haveria sentido em mais esta conquista se não fosse comemorado com ela.

Aos amigos(as) **Clara Rita Santana Magalhães**, **Daniele de Oliveira Pereira da Cunha**, **Vanessa Alvares de Oliveira** e **Danílio Jonathan Infantino Martins**, por todo o apoio dado e nas palavras de motivação e carinho dispensadas a mim.

Aos colegas de turma de mestrado/doutorado, **Gislaine Cristina da Silva**, **Simonne Pereira da Silva Ribeiro**, **José Bráulio da Silva Júnior**, **Márcia Regina de Souza**, **Natanael Vieira de Souza**, **Catherine Rodrigues Lopes**, **Renata Geretti de Souza Jagnow**, **Janaina de Lima da Silva** e demais colegas de curso de mestrado, pelo convívio e parcerias nas disciplinas.

Obrigado a todos e todas!

Sem vocês, não teria tido a mesma emoção durante o percurso que trilhei nesta importante etapa da minha vida...

"*Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro*".
(PÊCHEUX, 2015, p. 53)[1].

[1] PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Traduzido por Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi. 7. Ed., Campinas: Pontes Editores, 2015.

RESUMO

Esta Dissertação de Mestrado se inscreve na Área de Concentração Estudo de Processos Linguísticos, Linha de Pesquisa Estudo de Processos Discursivos, do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Linguística (PPGL), da Universidade do Estado de Mato Grosso – *Carlos Alberto Reyes Maldonado* (Unemat). A pesquisa tem, como aporte teórico-metodológico, a Teoria de Análise de Discurso, materialista, de linha francesa. Analisamos, nesta pesquisa, os efeitos de sentido que circulam *sobre* cidade, bem como a opacidade nos/dos discursos que se inscrevem, ora pela infraestrutura no/do espaço urbano, ora pelas políticas e discursos de sustentabilidade, funcionando – ou não – no espaço urbano. Os materiais de análise são compostos por três vídeos e dois mapas interativos do Projeto Infra em Movimento, fomentado pela Companhia de Concessões Rodoviárias (CCR), a Rede Globo de Televisão e o Banco do Bradesco, em veículos eletrônicos/digitais. Por meio das formulações midiáticas e pelas relações sociais que se estabelecem na contemporaneidade, em contraponto com o silenciamento e o apagamento de outros sentidos de cidade, concebemos que não está em circulação, nos materiais de análise, os reais sentidos de cidade que se materializam por meio de uma *ordem* e uma *organização* próprias. Desse modo, articulamos as discussões a respeito de cidade, sujeito, discurso e mídia/eletrônico, no sentido de produzir um deslocamento às análises do *corpus*, permeando pelos sentidos e formulações outros(as) quando se mobiliza questões de infraestrutura e estabelecem políticas de sustentabilidade, pois, ao passo em que, para que exista a promoção de infraestrutura, necessariamente são acionadas questões de sustentabilidade. Não há como se instaurar a expansão e/ou modernização/atualização do espaço urbano e suas relações, se não houverem, previamente, a exploração dos recursos naturais. Assim, as organizações e empresas, na maioria das vezes de âmbito privado, investem em discursos que são veiculados pelos recursos midiáticos, do eletrônico, no sentido de promoverem e/ou amenizarem os silêncios em relação ao acelerado crescimento citadino e, em contrapartida, a tentativa de implementar, aos sujeitos, qualidade de vida e sustentabilidade à vida na urbe.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Projeto Infra em Movimento. *E*-urbano. Infraestrutura e Sustentabilidade.

ABSTRACT

This Master's Dissertation is part of the Area of Concentration Study of Linguistic Processes, Research Line Study of Discourse Processes, of the *Stricto Sensu* Postgraduate Program in Linguistics (PPGL), of the Mato Grosso State University – Carlos Alberto Reyes Maldonado (Unemat). The research has, as theoretical and methodological support, the Theory of Discourse Analysis, materialist, of French line. We analyze, in this research, the effects of meaning that circulate about the city, as well as the opacity in/of the discourses that are inscribed, either by the infrastructure in/of the urban space, either by the policies and discourses of sustainability, working – or not – in the urban space. The materials of analysis are composed of three videos and two interactive maps of the Projeto Infra em Movimento, promoted by the Companhia de Concessões Rodoviárias (CCR), Rede Globo de Televisão and Banco do Bradesco, in electronic/digital vehicles. Through media formulations and social relations established in contemporaneity, in contrast with the silencing and erasing of other meanings of the city, we conceive that it is not in circulation, in the materials of analysis, the actual meanings of the city that are materialized through an *order* and an *organization* of their own. In this way, we articulate the discussions about the city, subject, discourse and media/electronic, in order to produce a dislocation to the analyses of the corpus, permeating by the meanings and formulations others when they mobilize infrastructure issues and establish sustainability policies, because, while there is the promotion of infrastructure, necessarily sustainability issues are triggered. There is no way to establish the expansion and/or modernization/upgrading of urban space and its relations if there is not, previously, the exploitation of natural resources. Thus, organizations and companies, in most cases private, invest in discourses that are disseminated by media resources, the electronic, in order to promote and / or mitigate the silences in relation to accelerated urban growth and, in return, the attempt to implement, to the subjects, quality of life and sustainability to life in the city.

Keywords: Discourse Analysis. Projeto Infra em Movimento. *E*-urbano. Infrastructure and Sustainability.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa Interativo I (Primeiro material de análise) 70
Figura 2 – Mapa Interativo II (Segundo material de análise) 72
Figura 3 – Resumo sobre cidades verdes, representado pelo ícone de árvore, seguido de vídeo demonstrativo 76
Figura 4 – Mapa interativo do Projeto Infra em Movimento antes das reformulações 80
Figura 5 – CCR nas rodovias 86
Figura 6 – Âmbitos de atuação da CCR 87
Figura 7 – Fios de atuação da CCR pelas Américas 87
Figura 8 – CCR e a concessão de rodovias 88
Figura 9 – CCR e os fios que movimentam as cidades 88
Figura 10 – Infra em Movimento 94
Figura 11 – Infraestrutura em Movimento 95
Figura 12 – Tripé de fomento do Projeto Infra em Movimento 97
Figura 13 – Página oficial do Projeto Infra em Movimento 98
Figura 14 – Fios condutores que ligam cidades, sujeitos, infraestrutura e sustentabilidade 106
Figura 15 – Linhas em movimento e identidade visual do Grupo CCR 107
Figura 16 – O Grupo CCR liga as Américas 107
Figura 17 – Somos a CCR! 108
Figura 18 – CCR e a composição acionária 108
Figura 19 – Acreditamos que transparência gera confiança! 109
Figura 20 – O Grupo CCR sobre 'todos' 109
Figura 21 – Sequência de imagens do vídeo intitulado “Infra em Movimento” 111
Figura 22 – Identidades que aparecem nos materiais veiculados pelo Projeto Infra em Movimento e pelo Grupo CCR 119

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Primeiro mapa interativo do Projeto Infra em Movimento 121
Mapa 2 – Segundo mapa interativo do Projeto Infra em Movimento 123

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

ANAC	Agência Nacional de Aviação Civil;
BM&F	Bolsa de Mercadorias & Futuros;
BOVESPA	Bolsa de Valores de São Paulo;
CCR	Companhia de Concessões Rodoviárias;
CNT	Confederação Nacional dos Transportes;
GG	Grupo Globo;
GIF	*Graphics Interchange Format*;
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;
LABEURB	Laboratório de Estudos Urbanos;
PDB	Projeto Descubra Brasil;
SAMM	Transmissão de Dados em Alta Velocidade;
TIC's	Tecnologias da Informação e Comunicação;
TV	Televisão;
Unemat	Universidade do Estado de Mato Grosso;
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas;
VLT	Veículo Leve Sobre Trilho;
WWW	*World Wide Web*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **16**

1. CIDADE, SUJEITO E DISCURSO **19**

1.1. Pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso *20*

1.2. Olhares sobre cidade *23*

1.3. O processo de infraestrutura e a verticalização das cidades: uma questão contemporânea e seus efeitos *39*

1.4. A cidade enquanto discurso: sentidos em movimento *46*

2. O DISCURSO MIDIÁTICO: UM MODO DE DIZER *SOBRE* A(S) CIDADE(S) **54**

2.1. O discurso midiático/digital sob a ótica discursiva: efeitos de sentido inscritos no espaço urbano *54*

2.2. A mídia enquanto espaço simbólico na produção do efeito de evidência *59*

2.3. O espaço e-urbano: sentidos do eletrônico *62*

2.4. Ordem e organização: o movimento que institui um imaginário de cidade *69*

3. CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO: O FOMENTO PARA A MODERNIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO **82**

3.1. O Projeto Infra em Movimento *83*

3.2. A Companhia de Concessões Rodoviárias (CCR) *99*

3.3. O Banco do Bradesco *114*

3.4. A Rede Globo de Televisão *118*

3.5. Os mapas interativos do Projeto Infra em Movimento *120*

CONSIDERAÇÕES FINAIS **125**

REFERÊNCIAS **127**

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, os estudos *sobre* o espaço urbano têm conquistado a atenção de uma gama de pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, sejam oriundos do urbanismo, das ciências sociais e aplicadas, das ciências humanas e/ou das ciências tecnológicas. Com as ciências da linguagem, não foi diferente, pois, pelos estudos na teoria de Análise de Discurso, inscritos na grande área de linguística, compreende-se o espaço urbano enquanto objeto simbólico, atravessado por discursos e efeitos de sentido.

Para tanto, nesta pesquisa, objetivamos compreender os efeitos de sentido que emergem dos discursos *sobre* cidade, veiculados em vídeos e em dois mapas interativos do Projeto Infra em Movimento, bem como os gestos de interpretação que se inscrevem entre o silenciamento e o apagamento dos sentidos de cidade, pondo, como primazia, uma cidade idealizada, infraestruturada e sustentabilizada, em contraponto com os sentidos que se instauram pela *ordem* e a *organização* das cidades.

O estudo reúne o modo como as concepções citadinas estão relacionadas na organização do espaço urbano, do ponto de vista eletrônico/digital. Esse espaço urbano se inscreve em condições de produção virtuais e se significa em um modo de completude sustentada pela Companhia de Concessões Rodoviárias (CCR), o Banco do Bradesco e a Rede Globo de Televisão, os quais se constituem frente, respectivamente, à infraestrutura, ao capital e ao discurso eletrônico.

Desse modo, elegemos, como *corpus*, alguns vídeos e dois mapas interativos do Projeto Infra em Movimento, o qual possui vinculação por meio de *link* da Rede Globo de Televisão, além de canais de transmissão da Companhia de Concessões Rodoviárias e páginas *on-line* do Banco do Bradesco.

Ou seja, o conteúdo está inscrito no meio digital de várias formas, em diferentes condições de produção. Os mapas interativos projetam um efeito de interlocução com os sujeitos, à medida em que são formulados como instrumentos de consulta e conhecimento para os que habitam o espaço urbano, acerca dos assuntos que dizem respeito ao funcionamento do engendramento social, os quais interferem de forma direta na vida desses sujeitos.

Pela teoria de Análise de Discurso, que tem Michel Pêcheux e Eni Orlandi como precursores – Pêcheux, na França, e Orlandi, no Brasil –, concebemos a cidade enquanto espaço simbólico que se constitui a partir da relação entre língua, sujeito e história (PÊCHEUX, 1975; ORLANDI, 2004).

À análise, buscamos compreender a cidade do ponto de vista discursivo e, a partir desse viés teórico, discutir o espaço urbano segundo outras perspectivas como, por exemplo, os sentidos dicionarizados, da perspectiva urbanística e sociológica de forma breve, uma vez que relacionamos as concepções sob a ótica discursiva, no sentido de compreender esse funcionamento, tendo em vista a relação do espaço urbano virtual com a mídia, o capital e a infraestrutura.

Ademais, este trabalho faz uma interface com a perspectiva sociológica, uma vez que produz compreensões, no que se refere ao desdobramento entre as questões de língua abraçadas ao social, pois é a partir das relações entre o sujeito, a língua, o político e a história, que pomos, em jogo, o movimento entre o que se diz *do* e *sobre* o espaço urbano, na sua relação com a exterioridade da língua, o discurso eletrônico funcionando no seio social em meio à globalização dos sujeitos citadinos.

Tomamos, como referência, os estudos de autores como Pêcheux (1997; 1990; 2009; 2010) e Orlandi (1999; 2004; 2010; 2013; 2015) e recorremos, ainda, aos estudos sobre o meio digital de Dias (2011; 2016), bem como o olhar de Zoppi-Fontana (1998), que permeia a mídia enquanto espaço simbólico à produção do efeito de evidência, e, assim, costuramos as análises que seguem fundamentadas, também, por outros autores que são discutidos à luz da compreensão discursiva sobre os objetos de estudo.

Na Sessão I, discutimos os sentidos sobre cidade, sob os vieses dicionarizado, do urbanismo e sociológico, para que, a partir desses sentidos, possamos deslocar essas concepções, fazendo com que a cidade tome a posição do simbólico na relação com o sujeito, a língua e a história. Discute-se, também, o discurso capitalista de infraestrutura, sustentabilidade e globalização das cidades por meio das mídias, e, por último, a cidade enquanto discurso na produção dos sentidos que constituem o urbano, bem como os sujeitos que compõem este espaço.

Na Sessão II, discutimos a respeito do discurso midiático/eletrônico e o seu modo de dizer *sobre* cidade. O discurso que permeia o espaço urbano e que desloca sujeitos e sentidos é tomado enquanto parte constituinte do *corpus* da pesquisa, pois os sentidos postos em funcionamento através das plataformas eletrônicas produzem efeitos, também, nos sujeitos e costuram sentidos com o espaço urbano.

A mídia, enquanto espaço simbólico na produção do efeito de evidência, constitui-se nessa relação, pois os sujeitos citadinos, em meio à globalização, à industrialização e às questões de sustentabilidade, constituem-se a partir do que é vinculado por essas grandes mídias

que fomentam, pelo efeito ideológico, o que se refere ao sistema de consumo nas cidades agitadas no/do século XXI.

Já na Sessão III, descrevemos e analisamos as condições de produção acerca do Projeto Infra em Movimento em relação à Companhia de Concessões Rodoviárias, ao Banco do Bradesco à Rede Globo de Televisão, contextualizando, também, as condições de produção dos mapas interativos e dos vídeos que elegemos à composição das discussões deste trabalho.

Desse modo, discutimos a relação do espaço urbano tomado enquanto discurso eletrônico e suas maneiras de significar nos contextos contemporâneos, onde tem-se o que quer, quando quer e, na maioria das vezes, onde se quer, por meio do processo de globalização e da tecnologização das relações sociais atreladas à vida na urbe.

Em meio aos discursos de infraestrutura e sustentabilidade, capital e midiático/eletrônico, analisamos os efeitos de sentido dos três grandes pilares que engendram os vídeos e os mapas interativos (Projeto Infra em Movimento, o Grupo CCR e Banco do Bradesco).

Ao investigarmos essas materialidades discursivas, questionamos como esses pilares se constituem na inscrição citadina, entre a sua *ordem* e sua *organização*, pondo em xeque, o que se concebe no digital *sobre* cidade em relação ao real que se tem desse lugar na desordem que se completa e funciona no social.

1. CIDADE, SUJEITO E DISCURSO

A Cidade

"*A cidade não pára,*
A cidade só cresce,
O de cima sobe
E o de baixo desce".
(CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1994)[2].

Nesta sessão, discutimos a respeito da relação entre a cidade, o sujeito e o discurso. Estudamos como essas três vertentes estão funcionando, significando e emergindo efeitos de sentido, no que se refere ao contato com os objetos de estudo da pesquisa. Ou seja, compreendemos o modo como os efeitos de sentido se inscrevem, ao passo em que discutimos a articulação dessas vertentes com questões políticas e da ordem do social e do simbólico, inscritos na história.

Desse modo, deparamo-nos com um vasto campo de significação, em que o analista de discurso pode explorar, pelo questionamento do que se elege como *corpus*, investigando a materialidade discursiva, em questão, e não se ocupando pela busca de resoluções à problemática. Para tanto, faz-se necessário um breve histórico e conceituação a respeito da teoria de Análise de Discurso e da compreensão de alguns conceitos basilares às análises que fazemos do *corpus*.

Fundamentamos os sentidos de cidade, desde o que se materializa nos sentidos dicionarísticos, até o ponto de vista urbanístico e sociológico, não esquecendo do olhar discursivo que costura essas perspectivas, para que possamos conceber as relações entre os discursos eletrônico, de infraestrutura e o que se emerge aos sujeitos citadinos frente à globalização verticalizada e expansionista das cidades projetadas e descritas pelo Projeto Infra em Movimento, como funcionamento possível e que move o mundo.

Discutimos sobre o processo de infraestrutura e verticalização das cidades no que tange aos efeitos tecnológicos da contemporaneidade. Com isso, compreendemos esse viés por meio da concepção teórica de que a cidade e o sujeito estão se constituindo mutuamente, ao passo

[2] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3bCW4B-kk-4. Acesso em: 15 ago. 2020.

em que o digital e o eletrônico os atravessa. Por fim, a cidade como discurso que se inscreve na história.

1.1. Pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso

A Análise de Discurso, tal como a conhecemos hoje, no Brasil, consagra-se enquanto domínio teórico a partir da década de 1960, na França. A teoria tem, como precursor, o teórico Michel Pêcheux (1938-1983). A Análise de Discurso, tem, como objeto de estudo, – o discurso – e trabalha a relação dele entre língua, sujeito e história.

Essa disciplina se constitui no movimento de relação e questionamento de três grandes áreas de conhecimento: a Linguística (língua), a Psicanálise (sujeito) e o Materialismo Histórico (ideologia-história). No Brasil, a condução dos estudos discursivos foi impulsionada pela pesquisadora Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi.

Segundo Orlandi (2010) a Análise de Discurso "tem seu método e o seu objeto próprio que tocam os bordos da linguística, da psicanálise e do marxismo, mas que não se confunde com eles" (ORLANDI, 2010, p. 13). Ou seja, valendo-se do questionamento desses três campos teóricos, a Análise de Discurso põe, em discussão, um domínio que permite a compreensão dos efeitos de sentido que possam emergir entre o batimento com a história e as relações sociais dos sujeitos.

Segundo Orlandi (2010), a Análise de Discurso:

> Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo Histórico perguntando pelo simbólico e se demarca na Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele (ORLANDI, 2010, p. 20).

Ela não se preocupa em colocar respostas à linguística, à psicanálise, tampouco ao marxismo, mas de propor um deslocamento necessário de terreno teórico, a constituir-se noutro campo analítico, em que "o sócio-histórico e o linguístico se relacionem de maneira constitutiva e não periférica" (ORLANDI, 2010, p. 14).

Compreendemos que, quando alçamos um olhar discursivo ao material de análise, ele se torna abundante em relação às possibilidades de sentidos que podem emergir, frente às relações que podem se estabelecer entre a língua, o sujeito e a história. É como nos ensina Orlandi (2013), ao afirmar que "Com a análise não se objetiva interpretar o objeto submetido a ela, mas compreendê-lo em seu modo de significar" (ORLANDI, 2013, p. 4).

O que se faz em Análise de Discurso não é a análise que se produz sobre determinado objeto, mas dos processos discursivos que dele fazem parte (ORLANDI, 2013). O analista de discurso não está inscrito em uma teoria relacionada a processos de interpretação, pois não se prende estritamente às interpretações sobre determinado assunto, ela vai além desse quesito, ela interroga o objeto, bem como sua relação com a exterioridade, com a história. Não nos interessa compreender, mas questionar os caminhos que se estabelecem nas distintas relações entre o sujeito, a língua e a história (ORLANDI, 2013).

Segundo as postulações de Orlandi (2013) "[...] Cabe ao analista, na elaboração de sua análise, e na explicitação de seus resultados, mostrar a eficácia de seus procedimentos e a consistência teórica com que a conduziu" (ORLANDI, 2013, p. 4). Ou seja, na investigação que nosso trabalho se propõe em analisar, deslocamos as concepções que se entende na relação de produção de sentidos por meio dos procedimentos os quais podem ser efetivados e explicitados diante do seio social, podendo produzir efeitos à percepção da movência dos sentidos, dadas as suas condições e produção, tanto em relação ao objeto, quanto à que estamos inseridos, à problematização do objeto proposto.

Tendo em vista essas afirmações, conferimos que, ao final das análises que se fazem na teoria discursiva, os objetos já não significam mais da mesma maneira. Os sentidos se movem e a compreensão que se tinha desses objetos já não se inscreve mais da mesma forma, pois a teoria desconstrói, à medida em que constrói novos sentidos e percebe, por meio da exterioridade que se vale ao objeto, caminhos possíveis ao que se pode voltar para o social, enxergando novas perspectivas, podendo promover rupturas, amparados em Orlandi (2013), onde há a opacidade dos/nos dizer(es).

Desse modo, a teoria, segundo Orlandi (2004):

> [...] é a disciplina que vem ocupar o lugar dessa necessidade teórica, trabalhando a opacidade do dizer e vendo nessa opacidade a intervenção do político, do ideológico, ou seja, o fato mesmo do funcionamento da linguagem: a inscrição da língua na história para que ela signifique (ORLANDI, 2004, p. 20).

Trata-se, portanto, de uma teoria que não toma a língua como estabilizada, fechada em si mesma, uma vez que, para a Análise de Discurso, a ideologia é um ritual com falhas e a língua é sujeita ao equívoco, rompendo-se, assim, o efeito de evidência, possibilitando novos sentidos (PÊCHEUX, 1975).

Nessa relação, a teoria chega ao Brasil, a partir da década de 1979, por meio do trabalho da pesquisadora Eni Orlandi, que estuda e mobiliza a teoria, ressignificada e pensada

na relação sujeito, língua e história, dando, a ela, novas perspectivas. Os estudos nessa área perpassam os meandros da língua(gem), e, como ciência que estuda as questões que dizem respeito ao discurso e sua relação com a exterioridade, esse campo teórico de pesquisa tem, cada vez mais, se interessado pelas questões que se referem à mídia como objeto de investigação – a mídia abraçada ao(s) sujeito(s) e o espaço urbano.

Tendo em vista o processo de globalização, o crescimento acelerado das cidades e o crescimento demográfico da população mundial, principalmente após a Revolução Industrial, as cidades têm crescido à medida em que a mídia, também tem se instituído no meio social enquanto condutora de informações, ciência e promotora da internacionalização das questões sociais.

Com isso, pensamos no modo como a Análise de Discurso reflete "[...] sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua" (ORLANDI, 2010, p. 16), tendo em vista que a "[...] materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade do discurso é a língua, trabalhando a relação língua – discurso – ideologia" (ORLANDI, 2010, p. 17), considerando também que "[...] não há discurso sem sujeito e não há sujeitado sem ideologia" (ORLANDI, 2010, p. 17).

Sobre Ideologia, nos esclarece Orlandi (1999) que:

> A ideologia não é assim um conjunto de representações nem a ocultação da realidade. Discursivamente, a ideologia é a necessidade da relação da língua com a história na constituição dos sujeitos e dos sentidos. Enquanto prática significante, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido (ORLANDI, 1999, p. 18).

Desse modo, podemos perceber que o "discurso é o lugar que se pode observar essa relação entre a língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos" (ORLANDI, 2010, p. 17). Portanto, "A ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este submete-se à língua significando e significando-se pelo simbólico na história" (ORLANDI, 2008, p. 100). É nessa relação, que compreendemos os estudos realizados neste trabalho, pensando a articulação entre os preceitos teóricos que deem conta de pensar os sujeitos, as cidades, a mídia e a história.

Tem-se, tal como articula Orlandi (2001), a movência entre a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia, bem como da individuação deste sujeito pelo Estado. São duas relações que vemos presentes quando pesquisamos sobre cidade e espaço digital. A articulação entre os estudos midiáticos, na contemporaneidade, tem proporcionado um vasto campo de

significação e produção de sentidos, pois, pensar essa articulação, é estabelecer uma relação possível entre os sentidos, tanto do campo da mídia, quanto do espaço urbano.

Sendo assim, nos estudos contemporâneos em Análise de Discurso, no Brasil, tem-se discutido muito a respeito das cidades, uma vez que a cidade, em relação ao sujeito, é tomada enquanto simbólico. Para darmos início à nossa pesquisa, partimos, a priori, do(s) sentido(s) dicionarizado(s) sobre cidade, e, mais a frente, a cidade pensada pela teoria.

1.2. Olhares *sobre* cidade

A palavra cidade tem a sua origem derivada da língua latina, e vem do termo *civitas*, que significava, originalmente, condição de cidadão. Por outro lado, segundo os conceitos encontrados no Dicionário *on-line* de Português[3], esse vocábulo teria derivado de *cives*, que pode ser traduzido por homem que vive na cidade, ou, até mesmo, cidadão (DICIO, 2019).

Segundo o aplicativo Dicio (2019)[4], as definições para o vocábulo cidade são as expressas no excerto:

> Cidade *ci-da-de.* s.f. (substantivo feminino) 1 – **Designação das povoações de maior amplitude e importância**. 2 – Conjunto de habitantes da cidade. 3 – **Grande centro industrial e comercial** (**em oposição ao campo**). 4 – **A parte central ou o centro comercial de uma cidade**. 5 – [Antigo] Estado, nação. 6 – **Grupo de imóveis que têm a mesma destinação**: cidade universitária. 7 – [Brasil] grande formigueiro de saúvas. 8 – A cidade santa, Jerusalém. 9 – Direito de cidade, na Antiguidade, direito que tinham os cidadãos, segundo a cidade ou o Estado a que pertenciam, de gozar determinadas prerrogativas e que preenchessem determinadas **condições**. 10 – Cidade aberta, cidade não fortificada. 11 – [Brasil] Pop. Cidade dos pés juntos, cemitério. 12 – Cidade eterna, Roma. 13 – [Brasil] Pop. Ir para a/~] cidade dos pés juntos, morrer (DICIO, 2019, não paginado, **grifos nossos**).

A cidade é descrita e pensada como sendo um espaço de aglomerado de pessoas. É nesse espaço, onde acontecem as relações econômicas, industriais e comercias. Nessa relação, a cidade é esse lugar central, permeado por regras de ordem da convenção entre as relações sociais que se estabelecem e vigoram de cidade para cidade, de aglomerado para aglomerado.

A centralidade do espaço urbano se constitui entre duas ordens do discurso: o discurso citadino/sujeitos e o do Estado – das leis que ditam, doutrinam e ‘organizam’ as cidades – por meio de diretrizes políticas e sociais instituídas ao longo da história.

---

[3] **Dicionário *on-line* de Português**. Disponível em: https://www.dicio.com.br/. Acesso em: 10 ago. 2019.

[4] **Dicionário *on-line* de Português**. Aplicativo *on-line/off-line*, disponível na loja virtual *google play*, para aparelhos *android*. Disponível em: https://www.dicio.com.br/houaiss. Acesso em: 25 ago. 2019.

As cidades têm seu modo de organização, consequentemente, os sujeitos que a constituem também se organizam nela. É na ‘organização’ das cidades, que os sujeitos se mostram e se significam, dizem de sua constituição sócio-histórica e político-ideológica, e, consequentemente, significam o urbano. Ou seja, organização está para a cidade, assim como o sujeito está para a cidade e a organização. Um depende do outro para significar.

A cidade, enquanto espaço econômico, pode ser interpretada como o lugar de concentração de bens e produtos e de negociação, segundo a perspectiva dicionarizada apresentada. Nessa direção, o que se coloca no espaço citadino, causa um efeito de constante movência: do capital, da economia e dos sujeitos; efeito de globalização, conforme as definições 3, 4 e 5 do excerto. “3 – **Grande centro industrial e comercial** (**em oposição ao campo**). 4 – **A parte central ou o centro comercial de uma cidade**. 5 – [Antigo] Estado, nação” (DICIO, 2019, não paginado, **grifos nossos**).

Esses funcionamentos que dizem *sobre* cidade, constituem um imaginário que se inscreve, para sustentar, em um discurso capitalista, o efeito do processo de globalização, que coloca a cidade como lugar central para o desenvolvimento econômico, político e social. Discutimos, com mais afinco, essa afirmação, no desenvolvimento da Sessão III deste trabalho, onde articulamos o que emerge desta Sessão I com as postulações da Sessão II, no sentido de tornar emergente os efeitos de sentido produzidos na formulação das análises do *corpus*.

Lefebvre (2008) afirma que: “[...] o urbano pode ser definido como um conjunto de redes constituídas em função do território, outras em função das indústrias, outras em função de outros centros no tecido urbano” (LEFEBVRE, 2008, p. 35). Desse modo, compreendemos a postulação do autor como sendo uma conceituação de que o espaço urbano funciona em função do território, da efetivação de indústrias e demais corpos que se acoplam ao espaço. Contudo, a cidade se significa por demais outros aspectos, do ponto de vista político, ordenado, simbólico e de organização, conforme pode ser percebido nas análises contidas nas próximas sessões deste trabalho.

O autor complementa, ainda, que o urbano pode ser enxergado e discutido para além das superestruturas econômicas e políticas dos modos de produção, já que as cidades são esses lugares por onde permeiam sujeitos que se constituem frente ao político e ao sistema de produção e consumo capitalista.

Entendemos que se deve discutir a cidade sem fronteiras ideológicas, tampouco políticas, uma vez que ela transcende essa relação e incide, de modo significativo, nos modos de constituição e das posições-sujeito. O espaço urbano é, por conseguinte, “[...] o território

onde se desenvolvem a modernidade e a cotidianidade no mundo moderno" (LEFEBVRE, 2008, p. 2).

Conforme Dicio (2019), no item 9:

> [...] Direito de cidade, na Antiguidade, direito que tinham os cidadãos, segundo a cidade ou o Estado a que pertenciam, de gozar determinadas prerrogativas e que preenchessem determinadas **condições** [...] (DICIO, 2019, não paginado, **grifo nosso**).

O que nos chama à atenção e que se inscreve nas definições dicionarizadas de cidade, é a palavra 'condições', disposta no plural, definindo a cidade como um lugar onde se encontram cidadãos que, tendo em vista a relação entre sujeito/cidade/Estado, pertencem a uma determinada classe, que gozam de prerrogativas e preenchem determinadas condições sociais no âmbito citadino.

Sendo assim, segundo essa definição, o direito à cidade era concedido a quem tivesse determinadas condições; a definição não apresenta quais condições seriam essas, porém, há efeitos de sentido que nos remetem ao item 1, pessoas com "[...] maior amplitude e importância" (DICIO, 2019, não paginado).

Os sinônimos relativos à cidade, seguidos de exemplos de aplicação, ainda de acordo com Dicio (2019), apresentam-se como:

> Cidade. *ci-da-de* 1 – **Centro comercial, financeiro, administrativo**. Capital, **metrópole, sede, polis, centro, cidade-estado**. *Exemplo:* "Na ocasião, Lula disse que os governantes tinham "assaltado" a cidade. Segundo a coluna, como já foi condenado em três instâncias, os advogados dele tinham agora de ao menos reduzir o valor da indenização". 2 – **Povoação urbana, povoação, município, urbe, localidade, povoamento, burgo, urbanização**. *Exemplo:* "O premiê visitou as obras de reconstrução da cidade e brincou com os trabalhadores locais que levaria algumas mulheres a eles caso conseguissem acabar o serviço" (DICIO, 2019, não paginado, **grifos nossos**).

Os sinônimos de cidade descritos pelo excerto acima, dizem respeito a: capital, município, povoação e centro, vertentes que serão abordadas durante as análises de nosso estudo. Há uma regularidade nos excertos, principalmente nas características, definindo a cidade como centro industrial, lugar de economia, aspectos também percebidos nas análises dos vídeos e dos mapas interativos do Projeto Infra em Movimento.

Como visto, o sentido dicionarizado traz uma característica peculiar sobre cidade, compreendido pelo lugar onde se concentram o desenvolvimento financeiro, comercial e administrativo. Nesse sentido, o capitalismo se inscreve nessa definição, pois, como pensar esse espaço, senão pelo viés capitalista, concebendo a cidade como o lugar onde se inscrevem

economia, acúmulo de riquezas e capital? É nesse movimento, que a cidade se institui enquanto espaço político, social e capitalista.

Nunes (2014) analisa alguns verbetes enciclopédicos que significam a cidade. Os verbetes dizem respeito a cidade, município, metrópole, região metropolitana, cidade global, megacidade e megalópole.

De acordo com Nunes (2014):

> [...]. São palavras de ampla circulação na atualidade, em uma conjuntura em que a urbanização tem se acentuado e os discursos sobre a cidade são afetados pela formação de vários tipos de aglomerados urbanos e pelos processos de globalização (NUNES, 2014, p. 66).

Assim, o autor nos faz pensar como a cidade se constitui a partir desses verbetes, observando as posições-sujeito às quais esses verbetes se inscrevem, bem como, quais as formações discursivas que são mobilizadas para que se possa significar a cidade. Ou seja, é permeado um estudo acerca de como esses verbetes podem significar determinados imaginários de cidade e/ou ordenar, por meio do que a teoria de Análise de Discurso concebe enquanto simbólico, os dizeres citadinos inscritos na história (NUNES, 2014).

Nunes (2014) afirma, ainda, que o discurso de ordem enciclopédica se consagra enquanto um dos que tendem, de certa forma, a "estabilizar sentidos em uma conjuntura" (NUNES, 2014, p. 66). Ao que se classifica na enciclopédia, os discursos que dizem *sobre* cidade, são os que estabilizam sentidos de *organização* da cidade (NUNES, 2014).

Ou seja, interessa-nos deslocar essa categorização, já que pensamos a cidade se constituindo por meio de *ordem* e *organização* próprias, dispensando-se, desse modo, quaisquer sentidos fechados e singulares, mas plurais, que se inscrevem na língua(gem) e na história. Interessa-nos, pois, descategorizar sentidos fechados à cidade.

Nessa compreensão, Nunes (2014) complementa-nos quando postula que esses verbetes se tratam de discursos:

> [...] de divulgação, que faz circular os saberes urbanos a um público leitor amplo, local e global, e nessa medida temos uma posição de mediação entre os especialistas na cidade, as instituições, os discursos administrativos, legislativos, governamentais, científicos, e os sujeitos leitores (NUNES, 2014, p. 66).

Segundo Wirth (1967), o urbanismo diz respeito ao complexo de caracteres que formam o modo de vida característico de cada cidade. Já a urbanização, o autor entende que está relacionada ao desenvolvimento e à extensão de alguns fatores relativos às cidades

demograficamente maiores, as cidades consideradas metropolitanas, como, por exemplo, a qualidade de vida e as questões básicas de saneamento, devidamente engendradas e distribuídas no espaço urbano (WIRTH, 1967).

Não podemos, conforme nos ensina Wirth (1967), ao definirmos cidade, condicionar certos fatores historicamente constituídos ao longo do tempo, para não cometermos o erro de silenciar sentidos que dizem *de* e *sobre* cidade. Segundo o autor, o surgimento das cidades, e, consequentemente, o modo como a vimos caracterizando, está ligado fortemente com o advento das tecnologias. Porém, as cidades que temos hoje são reflexos das cidades que antecederam, por exemplo, a Revolução Industrial, bem como as que se constituíram a partir desse período (WIRTH, 1967).

Com isso, de acordo com Simmel (1967):

> O horizonte da cidade se expande de uma maneira comparável ao modo pelo qual a riqueza se desenvolve; um certo volume de propriedade cresce de modo semi-automático em progressão sempre mais rápida. [...] as relações econômicas, pessoais e intelectuais da população, a esfera da predominância intelectual da cidade sobre sua zona não-urbana crescem como em progressão geométrica. Cada avanço em extensão dinâmica torna-se um passo correspondente a uma extensão não igual, mas nova e maior (SIMMEL, 1967, p. 19).

Nessa compreensão, percebemos como a cidade está sendo pensada nos mais diversos segmentos das ciências sociais. É na cidade que acontecem e se fortalecem, tanto as relações sociais, quanto as modificações de ordem estética que permitem a atualização da sociedade e das questões tecnológicas frente à compressão do espaço, a verticalização dos meios de produção e os preceitos horizontais de expansão de infraestrutura, em contraponto às questões de sustentabilidade e qualidade de vida.

Esses aspectos são explorados na Sessão III desta pesquisa, uma vez que são basilares para que compreendamos como se dão os processos de engendramento do social, do político e do ideológico, produzindo efeitos ao modo como as cidades vêm se significando, se organizando e se modificando no que se referem às questões do eletrônico que atravessa sujeitos e espaço urbano por meio da conectividade do contemporâneo.

A organização da cidade se configura, também, à medida em que esse espaço contempla um amontoado de casas. Essas casas são divididas por classes sociais que compõem e constituem, concomitantemente, o mesmo espaço, mas nunca o mesmo lugar. Ademais, a constituição desses amontoados contribui para o crescimento central e/ou periférico, de forma

que a economia perpasse, tanto à parte da cidade tida como determinante do poder, quanto à parte tida como a massa, a que trabalha e sustenta o funcionamento do sistema.

Por certo, essa parte da cidade que determina o poder, designada por "[...] povoações de maior amplitude e importância" (DICIO, 2019, não paginado) é a que controla as demais organizações sociais trabalhadoras. Desse modo, há uma relação de poder constituindo o que é o espaço urbano; a de que cidade é sinônimo de economia e fortalecimento do sistema ao qual vigora e determina o lugar social de cada um dos sujeitos urbanos.

A cidade é classificada como uma espécie de compartimento, pois é dividida e classificada em/entre municípios, povoados, estados e nações, ou seja, são delimitadas, entre si e entre federações, regiões. Todos esses compartimentos são regidos por uma economia que circunda por entre outros aspectos sociais que constituem o espaço urbano. Dessa maneira, há uma forte relação entre espaço e economia/capital, por exemplo, tão antiga quanto a constituição das primeiras cidades propriamente ditas e constituídas ao longo da história da humanidade.

A partir de uma visão da Geografia Urbana, na obra 'A questão urbana', Castells (1983) se dedica à compreensão da noção de espaço. Podemos compreender, nessa temática, a influência que a ideologia que emerge, por exemplo, das classes dominantes, no espaço urbano, pode influenciar de maneira efetiva e direta no desenvolvimento das cidades (CASTELLS, 1983). Contudo, percebe-se o deslocamento desse processo pelos caminhos históricos e exploratórios das ciências que estudam os assuntos concernentes ao social.

Do ponto de vista de Castells (1983), o urbano é abordado como sendo o lugar de ocupação por determinadas e distintas populações. O urbano é concebido, pois, como um objeto de origem ideológica, que exprime, em síntese, uma mudança na ordem social no decorrer de sua constituição. Por consequência, o sistema capitalista incide de forma considerável nesse processo de urbanização do espaço. Espaço este, que comporta os aparelhos políticos, ideológicos e jurídicos das organizações urbanas heterogêneas, que se mobilizam ao longo da história (CASTELLS, 1983).

Pensando nessas postulações, temos o Estatuto da Cidade, disposto pela Lei n. 10.257, de 10 de julho de 2001, e que, dentre muitos outros parâmetros estabelecidos aos assuntos concernentes a cidade, regulamenta dois artigos da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (Art. 182. e 183.).

O documento nos traz dois itens importantes que agregamos à discussão. Segundo Brasil (2001):

> Art. 2° A política urbana tem por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e da propriedade urbana, mediante as seguintes diretrizes gerais: I – **garantia do direito a cidades sustentáveis**, entendido como o direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à **infraestrutura urbana**, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer, para as presentes e futuras gerações; [...] IV – **planejamento do desenvolvimento das cidades**, da distribuição espacial da população e das atividades econômicas do Município e do território sob sua área de influência, de modo a evitar e **corrigir as distorções do crescimento urbano e seus efeitos negativos sobre o meio ambiente**; [...] (BRASIL, 2001, p. 2, **grifos nossos**).

O documento, em síntese, nos traz aspectos importantes que estão e/ou deverão estar materializados nos espaços urbanos. De acordo com as políticas do urbano, devem ser garantidas cidades sustentáveis, com infraestruturas, planejamentos de transportes e serviços públicos e desenvolvimentos de atividades econômicas, assim como preceitos relativos ao crescimento do urbano e estudo dos impactos desses ordenamentos ao meio ambiente (BRASIL, 2001).

Esses aspectos, grifados nos itens dispostos no Estatuto da Cidade, são percebidos e compreendidos no *corpus* de análise deste trabalho. Ao observamos os sentidos enciclopédicos de cidade, o ponto de vista sociológico e urbanístico, bem como as legislações que regulam o que se entende por cidade e espaço urbano, deslocamos os efeitos de sentido que emergem da opacidade e do silêncio por meio do olhar discursivo.

Observando os sentidos de cidade, segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2010), este apresenta as seguintes definições:

> **Cidade** ***s.f.*** (*sxm*) **1** aglomeração humana localizada numa área geográfica circunscrita e que tem numerosas casas, próximas entre si, destinadas à moradia, e/ou a atividades culturais, mercantis, industriais, financeiras e as outras não relacionadas com a exploração direta do solo: urbe **2** *p.met.* A população da cidade **3** *p.met.* O governo e a administração de uma cidade **4** *p.met.* O núcleo original e/ou principal de uma cidade, onde se concentram as mais importantes atividades administrativas, comerciais, financeiras etc., centro (*ir à c.*) (*trabalhar na c.*) **5** cada uma das partes distintas de uma aglomeração urbana (*a c. velha*) (*a c. alta*) **6** *p.met.* A vida urbana (*cansado da agitação da c. foi viver no campo*) **7** *B* na divisão territorial brasileira, sede de município, qualquer que seja o seu número de habitantes **8** *B infrm.* Formigueiro grande constituído de muitas panelas c. **aberta** MIT cidade desprovida de instalações militares e que, em situação de beligerância, é poupada de ataques e outras ações correlatas, c. **alta** numa cidade de topografia irregular, complexo urbano situado na zona mais elevada, c. **baixa** numa cidade topograficamente com dois níveis distintos, a parte construída na região mais baixa (planície, margem de rio ou lago, orla marítima), c. **das** sete colinas, a cidade de Roma, considerando-se a sua topografia, com sete elevações: Vaticano, Janículo, Aventino, Célio, Esquilino, Pincio e Capitólio, c. **lacustre** AROL aglomerado de casas construídas nos lagos ou regiões

> pantanosas, sobre palafitas e cujos vestígios são encontrados em diferentes regiões do mundo, c. **santa** cidade sagrada, sede do culto de uma religião, esp. Jerusalém e Meca ETIM lat. *Civitas atis* ‘cidade, reunião de cidadãos etc.’ (HOUAISS, 2010, p. 22, **grifos originais**).

A palavra cidade, conforme apresentada pelo Dicionário Houaiss (2010), é pertencente à classe gramatical dos substantivos. É um substantivo feminino que designa o lugar onde se concentram as mais importantes atividades administrativas, comerciais, financeiras etc., um aglomerado humano concentrado numa determinada área geográfica. É um lugar onde se reúne quaisquer que sejam, em termos de quantidade de habitantes. É um lugar onde se concentram numerosas casas (crescimento populacional), lugar de moradia, cultura e desenvolvimento de atividades mercantis e industriais (sistema capitalista).

Contudo, conforme pôde ser percebido nas definições de Dicio (2019), a cidade é como um grande centro industrial e comercial – que se opõe ao campo – por possuir características e configurações outras que fazem, dela, o ambiente do aglomerado e do desenvolvimento populacional, tecnológico e científico. Em outras palavras, a cidade é a parte central e/ou o centro comercial onde se desenvolvem e se instalam as indústrias.

A cidade é pensada como sendo um conglomerado de imóveis que têm a mesma destinação, tais como um lugar de concentração de pessoas com um mesmo objetivo, a relacionar com uma ‘cidade universitária’; ou seja, a cidade é definida nessa relação como um conjunto de habitantes economicamente compatíveis, ou que pertencem à mesma classe social, e/ou, ainda, que esta condição é o engendrar de uma determinada população que se determina numa dada posição social, neste caso, uma população predominantemente acadêmica, dadas as características das relações que os constituem.

Buscando outros dizeres/sentidos categorizados sobre cidade, no Novo Dicionário Aurélio virtual, tem-se a seguinte definição de cidade:

> Cidade. Povoação que corresponde a uma categoria administrativa (em Portugal, superior a vila), geralmente caracterizada por um número elevado de habitantes, por elevada densidade populacional e por determinadas infraestruturas, **cuja maioria da população trabalha na indústria ou nos serviços** (NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO, 2019, não paginado, **grifos nossos**).

Nota-se, com efeito, uma definição de caráter exponencial, onde percebemos, pelas marcas na língua, uma relação de categorização do espaço urbano. Número elevado, elevada densidade e determinadas infraestruturas referindo-se à cidade. Esse funcionamento descreve a cidade como lugar de circulação de mão de obra, redes industriais e capital em que a maioria

da população que a constitui atua e/ou deve atuar no desenvolvimento industrial, administrativo e de infraestrutura.

Lefebvre (2008) postula que a cidade sofre um duplo processo decorrente da industrialização e é condicionada a perdas de seus traços orgânicos. Esses processos são o de implosão e explosão. Pensamos, desse modo, conforme os estudos de Lefebvre (2008), em qual o papel de cada um dos sujeitos urbanos frente à expansão demográfica e industrial (LEFEBVRE, 2008).

Ademais, o autor tece, com base nesses processos, sobre como se dão os direitos dos sujeitos na cidade, bem como o que se estabelece, no que concerne ao mercado de troca (LEFEBVRE, 2008).

Segundo Lefebvre (2008):

> [...] a cidade é obra a ser associada mais com a obra de arte do que com o simples produto material. Se há uma produção da cidade, e das relações sociais na cidade, é uma produção e reprodução de seres humanos por seres humanos, mais do que uma produção e reprodução de objetos. A cidade tem uma história; ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas (LEFEBVRE, 2008, p. 52).

Desse modo, concebe-se a cidade enquanto produto de uma história. Com isso, compreendemos que ela é parte da constituição do todo, que é o que se manifesta nas formações discursivas que a constituem, assim como nos fragmentos sociais que estão à margem dela, os quais não deixam de serem cidade, mas organismos distantes do todo (central), mas que nele está e funciona tal qual um conector, fios eletrônicos.

Já no que concerne ao sistema capitalista, as redes industriais e a mão de obra (bastante exploradas em âmbito citadino), são peças constituintes na/da cidade, no sentido de desenvolvimento do social e demográfico, pois o crescimento das indústrias acarreta em um crescimento demográfico nas cidades, marcando de forma involuntária o sujeito e a sua relação com o meio social.

Conforme o Novo Dicionário Aurélio (2010), o vocábulo cidade possui as seguintes definições:

> **Cidade**. [Do latim *Civitate*.]. A. f. **1.** Complexo demográfico formado, social e economicamente, por uma importante concentração populacional não agrícola, i. e., dedicada a atividades de caráter mercantil, industrial, financeiro e cultural; urbe: “Cidade é a expressão palpável da necessidade humana de contato, comunicação, organização e troca, – numa determinada circunstância físico-social e num contexto histórico”. (Lúcio Costa, *Lúcio Costa: Registro de uma Vivência*, p. 277.) **2.** Os habitantes da cidade, em conjunto: *A cidade*

> *saiu à rua para aclamar os heróis*. **3.** A parte mais antiga ou mais central de uma cidade. **4.** O centro comercial. **5.** *Bras*. Sede de município, independentemente do número de seus habitantes. **6.** *Bras.* Vasto formigueiro de saúvas constituído por vários alongamentos chamadas *panelas*. **Cidade aberta**. Cidade sem fortificações e sem objetivos militares, que a prática beligerante convencionou poupar de bombardeios, ataques, etc. **Cidade alta**. A parte elevada de uma cidade, por contraposição à baixa. **Cidade baixa**. A parte baixa de uma cidade, por contraposição à alta. **Cidade das sete colinas**. Roma. [São elas: o Vaticano, o Janículo, o Aventino, o Célio, o Esquilino, o Píncio e o Capitólio.]. **Cidade histórica**. *Urb.* Cidade que mantém, predominantemente, características urbanas e arquitetônicas de um determinado período histórico. **Cidade lacustre**. Conjunto de habitações construídas sobre estacas, em lagos ou perto deles, descobertas em várias partes do globo, e atribuídas ao homem pré-histórico. **Cidade maravilhosa**. O Rio de Janeiro (NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO, 2010, p. 57, **grifos originais**).

O Novo Dicionário Aurélio (2010, p. 57) conceitua a cidade como sendo um conjunto dos habitantes de uma dada povoação, e que, parte dessa povoação, com alguma característica específica ou com um conjunto de edifícios e equipamentos destinados a determinada atividade, constituem o espaço urbano. Essas definições possuem uma certa semelhança com o que nos traz Houaiss (2010).

Desse modo, podemos dizer que ambos se inscrevem nas mesmas formações discursivas para conceituar cidade, porém, em outras condições de produção. É possível observar semelhanças com os outros excertos discutidos nas definições do Dicio (2019). Há um fio que as conecta, essa condução que se movimenta nos efeitos de sentido produzidos ao longo da história, fomenta os lugares de constituição de cidades e sujeitos.

Cabe destacar que as formações discursivas são manifestações, no âmbito do discurso, inscritas em determinadas formações ideológicas, em lugares enunciativos específicos (FERREIRA, 2020). O conceito de formação discursiva pode ser entendido como um lugar onde estão as matrizes dos sentidos que regulam os sujeitos ao que podem – ou não – ser ditos (COURTINE, 1994). Desse modo, as formações discursivas funcionam como um lugar que articula a língua e o discurso na história.

Segundo Ferreira (2020), uma formação discursiva pode ser definida a partir de seu interdiscurso[5], assim como entre outras formações discursivas de ordem distintas. Além disso,

---

[5] **Interdiscurso**: "Compreende o conjunto das formações discursivas e se inscreve no nível da constituição do discurso, na medida em que trabalha com a ressignificação do sujeito sobre o que já foi dito, o repetível, determinando os deslocamentos promovidos pelo sujeito nas fronteiras de uma formação discursiva. O interdiscurso determina materialmente o efeito de encadeamento e articulação de tal modo que aparece como o puro "já-dito"" (GLOSSÁRIO DE TERMOS DO DISCURSO, 2010, não paginado). Disponível em: https://groups.google.com/g/mestrado-em-ciencia-da-linguagem-univas/c/9KNhZig0FkY. Acesso em: 10 mar. 2020.

podem ser estabelecidas por meio das relações de conflitos e, também, pelas relações entre outras formações de diferentes ordens.

Há, pois, a definição entre um número de enunciados que circulam e se inscrevem na história, condicionados à regularidades presentes nas relações sociais (FERREIRA, 2020). Posto esse conceito, vimos que os sentidos constituídos na história sobre cidade se inscrevem em formações discursivas distintas, que se inscrevem no meio social e significam, conforme podemos ver nas análises que trouxemos à baila.

A cidade, na perspectiva do Novo Dicionário Aurélio (2010, p. 22) é definida como cidade alta e cidade baixa. O excerto mostra que há uma diferença: "Cidade alta. A parte elevada de uma cidade, por contraposição à baixa. Cidade baixa. A parte baixa de uma cidade, por contraposição à alta" (NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO, 2010, p. 57). Ou seja, a alta não é baixa, assim como a baixa não é a alta, mas, o que seriam essa "cidade alta" e "cidade baixa"?

Os sentidos de cidade podem se limitar, ao ser 'baixa' ou 'alta' em relação ao relevo geográfico. Porém, os sentidos de alta e baixa extrapolam essa categorização dada, por exemplo, à cidade do Rio de Janeiro. A 'cidade baixa' são as favelas, localizadas nos morros, e a 'cidade alta', localizada no litoral, são os aglomerados de prédios, mas que são altas, economicamente, em relação à baixa (periferia). Portanto, essa categorização significa em relação à posição econômica de cada ambiente do espaço urbano, sendo a cidade baixa, economicamente, a "pobre", e a cidade alta, economicamente, a "rica".

Os sentidos apresentados são determinados pelo contexto histórico e social, uma vez que significa, por exemplo, no primeiro excerto, como lugar de "[...] povoações de maior **amplitude** e **importância**" (DICIO, 2019, não paginado, **grifos nossos**). Desse modo, cidade baixa, como uma representação de cidade pobre, é apagada. A periferia no Rio de Janeiro não é ou não faz parte da cidade, segundo o lugar em que essa população ocupa, diante das condições socioeconômicas.

Compreende-se, então, que a adjetivação da cidade alta e baixa está presente, na contemporaneidade. Ou seja, percebemos o modo como a cidade se especializa por esses sentidos categorizados, que marcam essa segregação por meio da divisão territorial. É por meio do âmbito/setor econômico, somado às características urbanísticas, que podemos entender os dois modos de verticalização do espaço urbano, o predial (central) e o favelístico.

Essas verticalizações ocorrem, ora, levantando-se pelos prédios do centro, ora, pelos íngremes conglomerados de favelas nos morros, pois, quando não há lugar para constituição de minorias não-privilegiadas, o próprio espaço/organismo do urbano aloca esses sujeitos, como

um organismo que protege suas células dos invasores que prejudicam e destroem o sistema imunológico. Há, assim, uma sobredeterminação do urbano em relação à cidade.

Em contrapartida, a cidade ‘baixa’, inscrita, de todo modo, no ambiente urbano, com todas as características pautadas no que trazemos à baila neste trabalho, é enxergada, agora, diferentemente da cidade alta, se caracterizando pelos subúrbios, periferia, a baixa sociedade que a habita, e, consequentemente, o rebaixamento em relação à alta, contrapondo as duas – que formam uma só cidade – a um grupo de habitantes de baixa renda, mas que está ali no engendramento das ruas da cidade, constituindo-a, significando-a.

Nessa perspectiva, as cidades vêm crescendo, acentuadamente, tendo em vista seu crescimento vertical. Assim, a cidade é configurada, de acordo com Rolnik (1995), como “um ambiente de dizeres que significam e produzem sentido para os indivíduos que circulam pelas suas ruas” (ROLNIK, 1995, p. 12). Portanto, é no espaço citadino, que os sujeitos se constituem sócio-histórico-ideologicamente, nas ruas, comércios, praças, nos escritos e nos demais espaços de formações discursivas.

Vale destacar, também, o processo de tecnologização das cidades do século XXI. Elas são constituídas por redes interativas de armazenamento de dados, vários grupos sociais, demográficos, políticos, religiosos e educacionais. Nos grandes centros, por exemplo, o mercado imobiliário cresce, exacerbadamente, dia após dia, devido aos altos investimentos das indústrias e das empresas que dominam o espaço urbano. O discurso de promover a infraestrutura se instala devido aos efeitos da globalização nas/das cidades. Em meio ao sistema capitalista, aliado aos preceitos que fomentam o consumismo, estes se atrelam à infraestrutura citadina e aos sistemas de produção, venda e consumo de bens e serviços.

Com isso, há implementação de novas infraestruturas dos mais diferentes tipos de mercado, tais como o de transporte, sistemas de distribuição de energia, abastecimentos em geral, saneamento básico, educação, saúde, limpeza urbana, de lazer, etc., são aspectos notoriamente ligados ao espaço urbano. O sujeito se constitui nesse meio em que a globalização condiciona as cidades ao movimento e ao crescimento. Assim, os sujeitos citadinos são protagonistas da expansão do território, bem como do desenvolvimento expansionista e científico do espaço urbano.

Como se pôde observar, nas definições dicionarizadas de cidade, ela é descrita como o território de desenvolvimento tecnológico, onde, num contexto social e econômico, a concentração da população se significa pela condição de não-agrícola, ou seja, toda a população constituinte do espaço urbano é, em síntese, a população que atua no desenvolvimento mercantil, industrial, financeiro e cultural da cidade, do progresso da construção do cinza e

ocultação, cada vez mais, do verde, da sustentabilidade. Esse efeito de compartimentar o território com aglomerados de construções cinzas (transformação do meio), comprime o verde e institui as pavimentações urbanas, interferindo nas questões de sustentabilidade.

Nesse sentido, segundo Rolnik (1995), obrigatoriamente, os sujeitos devem participar de forma ativa e direta do crescimento dessas vertentes (mercantil, industrial, financeiro e cultural), para necessariamente ser considerado um espaço urbano, ser uma cidade, quando, na verdade, sabe-se que, na prática, não é esse o movimento.

Culturalmente, a cidade pode ser, desde um aglomerado de prédios, até um conjunto de casas e comunidades que, não necessariamente, possa ser um polo industrial, financeiro, mas que se configura como cidade, pois as relações sociais constituintes dessa comunidade se consagram em alguma relação de economia e renda (ROLNIK, 1995).

No século XXI, se pararmos para observar, as novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) estão trazendo, consigo, uma gama de novas perspectivas de sentidos em meio às relações sociais também contemporâneas. As relações políticas e urbanas também estão sofrendo modificações constantes em suas estruturas.

Com isso, conforme afirmam Massmann e Barros (2013):

> [...]. Na esteira desse movimento, conceitos como globalização, mundialização, virtualização, mobilidade, acessibilidade e sociedade em rede tornam-se termos importantes na formulação, produção e circulação do conhecimento (MASSMANN; BARROS, 2013, p. 93).

Por sua vez, esses processos vêm mudando a cada dia, na sociedade brasileira, em suma, atrelada à internacionalização que os envolvem. Os sujeitos participam dessas relações, ao passo que também vão se modificando e se (re)encaixando nos moldes sociais deveras fortemente instaurados às condições de cada realidade (MASSMANN; BARROS, 2013).

Massmann e Barros (2013) consideram que:

> [...]. Em função do modo como são empregadas, nas condições de produção deste terceiro milênio, essas palavras passam a constituir paradigmas de um conhecimento que, organizado sob a forma de um sistema, articulam relações pessoais, ciência, cultura, política, economia e comunicação, entre outros (MASSMAN; BARROS, 2013, p. 93).

Ou seja, estamos discutindo a constante atualização do novo. O novo que se tem como condição imediata e que se liquidifica, constantemente, no meio social, digital. É da relação e do contato com a exterioridade e da necessidade do ser humano de fazer com que sua vida seja movimentada/mais produtiva, que as atualizações que mencionamos, nas mais diferentes

ordens e nos mais diferentes aspectos, a sociedade urbana se movimenta num *click*. Mas, temos os sujeitos que não clicam. Será que nunca se atualizam? Esse questionamento aciona uma discussão pertinente.

Há uma dualidade de sujeitos que formam os diversos espaços urbanos. Que sujeitos circulam no espaço urbano? Existem os que trabalham, e, para trabalharem, movem-se no espaço urbano desenvolvido (ROLNIK, 1995), bem como o sujeito que está à margem da sociedade, também pertencente ao mesmo espaço, mesmo lugar de constituição dos demais sujeitos, se dizem e se significam nele (ROLNIK, 1995).

Tanto indivíduos periféricos, quanto centrais compõem a cidade, estes interpelados em sujeitos e assujeitados ao Estado (ORLANDI, 1996). São sujeitos que se significam e se dizem no desenvolvimento tecnológico e no crescimento, tanto verticalizado quanto periférico da cidade, pois, conforme afirma a pesquisadora Rolnik (1995), "a cidade capitalista, em sua constituição e origem, emana movimentos internos, conflitos e contradições, tendo em vista, esse caráter de exclusão social no espaço urbano" (ROLNIK, 1995, p. 9).

A cidade, para Rolnik (1995), é entendida como um imã, "afinal ela cria um campo magnético que atrai, reúne e concentra os homens" (ROLNIK, 1995, p. 12). Nas palavras da autora, urbanista renomada na área, isso trata da segregação nas cidades, pois, para ela: "é como se toda cidade fosse um imenso quebra-cabeças, feito de peças diferenciadas, onde cada qual conhece seu lugar e se sente estrangeiro nos/dos demais" (ROLNIK, 1995, p. 40). Ou seja, a sociedade se configura numa lógica pós-industrial, onde os sistemas tecnológicos controlam os sujeitos e, necessariamente, o consumo exacerbado, bem como a sua aglomeração.

Na linguagem do verbete, a cidade é um espaço que dispõe da necessidade da moradia e do trabalho, perspectiva abordada, também, por Rolnik (1995), em suas discussões. Nesse movimento, automaticamente, para que a cidade se constitua enquanto tal, ela necessariamente requer que haja o consumo e a venda de produtos, manufaturas, mão de obra e tecnologia de ponta, as redes de *internet*, produtos alimentícios, móveis e imóveis. Desse modo, o capitalismo e o consumismo, presentes na organização e constituição urbana, são fatores determinantes na constituição dos sujeitos em relação à cidade.

Segundo Rolnik (1995), o espaço urbano, pode ser considerado, ainda, como "o palco de resistência de inúmeros movimentos populares" (ROLNIK, 1995, p. 20), tendo em vista a organização social para com os direitos e deveres de cada cidadão e o Estado, bem como as manifestações referentes aos aspectos que caracterizam tal espaço como de ordem urbana, tais como, redes de água e esgoto tratadas, coleta seletiva, luz, telefonia, portos, lugares de lazer,

etc., todos esses aspectos são necessários para que os sujeitos possuam um convívio social, de certa forma, harmonioso e dialogado entre seus pares.

Na concepção da urbanista Rolnik (1995), desde muito tempo, o ser humano possui o desejo de modelar a natureza através das construções, pois "A grande construção feita de milhares de tijolos marca a constituição de uma relação homem/natureza" (ROLNIK, 1995, p. 15).

A cidade, além de ser descrita como um ímã, é pensada enquanto escrita, pois conforme estudado por Rolnik (1995):

> O gesto de agrupar letras formando palavras para representar sons e ideias, constitui o espaço urbano. Deste modo, construir cidades significa também uma forma de escrita. Na história, os dois fenômenos – escrita e cidade – ocorrem quase que simultaneamente, impulsionados pela necessidade de memorização, medida e gestão do trabalho coletivo (ROLNIK, 1995, p. 15-16).

Ao que chamamos de cidade capitalista, segundo as concepções dicionarizadas, Rolnik (1995) sustenta a premissa de que, quanto mais se produz no espaço urbano, mais é garantida a sua existência e, consequentemente, a sua expansão e crescimento, pois "o excedente, é, ao mesmo tempo, a possibilidade de existência da cidade" (ROLNIK, 1995, p. 16). Ou seja, "é na cidade, e também, através da escrita, que se registra a acumulação de riquezas e de conhecimentos (ROLNIK, 1995, p. 16).

A arquitetura urbana é, também, uma linguagem, isto é, uma forma de memória e de escrita. Desse modo, "a cidade deixa de ser um espaço vivo para se transformar somente em traço da memória" (ROLNIK, 1995, p. 17).

Nesse sentido, Rolnik (1995) expressa que:

> Ao pensar a cidade como imã, ou como escrita, não paramos de relembrar que construir e morar em cidades implica necessariamente viver de forma coletiva. Na cidade nunca se está só, mesmo que o próximo ser humano esteja para além da parede do apartamento vizinho ou num veículo no trânsito. O homem só no apartamento ou o indivíduo dentro do automóvel é um fragmento de um conjunto, parte de um coletivo (ROLNIK, 1995, p. 19).

Conceitualmente, de acordo com esse pensamento, o espaço urbano é um aglomerado coletivo, mesmo que, cada qual dos sujeitos urbanos, inscritos em seu lugar, não estão a sós na cidade, porque formam um fragmento do todo, um fragmento citadino ou "um fragmento de um conjunto" (ROLNIK, 1995, p. 19).

Rolnik (1995) acrescenta, ainda, um conceito mais atual que conhecemos, hoje, por cidades, principalmente os grandes centros urbanos do século XXI, descritos, em uma de suas obras, tais como São Paulo, por exemplo, que vem à mente como exemplo de cidade (ROLNIK, 1995).

Podemos citar, por sua vez, os grandes e primeiros conglomerados de cidades mundialmente famosos, como as cidades romanas. Esse conceito é o de massa, a cidade como um conjunto massificado de pessoas, imóveis, carros, prédios, ruas, viadutos e pedestres (ROLNIK, 1995).

Assim, conforme Rolnik (1995), todos esses compõem a massa, que é a:

> Aglomeração densa de indivíduos cujos movimentos e percursos são permanentemente dirigidos. Isto é bem claro, por exemplo, no movimento dos terminais de transporte, em horas de pico, ou na saída de um jogo de futebol (ROLNIK, 1995, p. 19).

Para a Análise de Discurso, especificamente através dos estudos de Orlandi (2008; 2003), que teoriza dois funcionamentos no discurso citadino, o de *ordem* e o de *organização*, os quais são estudados na Sessão III desta pesquisa. Esses conceitos se instauram no discurso urbano de maneira que possamos ler os sujeitos e sua constituição histórica no modo de significar no/para o espaço urbano. Segundo Orlandi (2004) há um trabalho do político que amarra o movimento da cidade ao funcionamento da linguagem e que teoricamente é preciso refletir.

Ainda segundo a autora, “pensar a cidade é pensa-la através do discurso” (ORLANI, 2004, p. 17). A cidade, do ponto de vista da teoria de Análise de Discurso, é compreendida nas relações entre sujeito, língua e história, conforme postula a autora em seus estudos sobre cidade. Segundo Orlandi (2004), a cidade tem suas dimensões e suas formas visíveis que são perceptíveis no movimento de compreensão do próprio espaço urbano enquanto espaço simbólico.

Ao passo em que é concebida enquanto simbólico, “a cidade introduz a dimensão de representação sensível de suas formas ao lado da consideração de um espaço de cidadania” ORLANDI (2004, p. 11). Este espaço é um lugar submetido a cálculos, classificado em organizações, administrações, pois senão, um espaço de entrada e saída de sujeitos. “A cidade é uma realidade que se impõe com toda a sua força” (ORLANDI, 2004, p. 11).

A distinção entre a *ordem* e a *organização*, segundo Orlandi (1999), pode nos levar a compreender como essas expressões se distinguem no estudo da cidade pela linguagem, pois:

> A ordem tem a ver com o simbólico, o real da cidade em seu ser. Já a organização volta-se para as estruturas internas organizacionais da cidade, o processo de individualização do sujeito, o planejamento, a escrita das Leis, uma espécie de dilatação do espaço citadino, pelo discurso jurídico (ORLANDI, 1999, p. 15).

A ordem da cidade significa em relação à língua e à história. Essa relação constitui a ordem do discurso. A organização remete ao que se organiza enquanto espaço urbano, no que se refere às organizações internas da cidade e a maneira como os aspectos organizacionais, tanto territoriais quanto dos sujeitos, bem como o processo de constituição dos sujeitos na perspectiva de normatização do espaço urbano e da conduta dos sujeitos através das leis, do discurso jurídico (ORLANDI, 2000). Mais uma vez, *ordem* e *organização* do espaço urbano se relacionam, significando e emergindo o sentido no/do espaço urbano.

Conforme postula Dias (2011):

> [...] "É fato que a organização faz parte da constituição da cidade, no que diz respeito aos seus trajetos, vias, porém, conforme nos ensina Orlandi (2004) do ponto de vista simbólico, "organização e desorganização se acompanham" (ORLANDI, 2004, p. 63) (DIAS, 2011, p. 130).

Sendo assim, o sujeito se significa na/pela linguagem, ou seja, pela materialidade do discurso, pois, para Orlandi (2001), o discurso representa a forma material do sentido, da ideologia e, é no fio do discurso que, também, se constrói "a memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo" (ORLANDI, 2001, p. 45). Isso equivale dizer que o discurso citadino representa a forma material do sentido produzido sobre cidade, pois é no funcionamento do discurso que se constroem os sentidos, atrelados a um contexto histórico-ideológico.

1.3. O processo de infraestrutura e a verticalização das cidades: uma questão contemporânea e seus efeitos

Pelo que vimos nos sentidos dicionarizados, a cidade se constitui pela linguagem, a partir de classificações estruturais, capitalistas, territoriais e políticas. Os dizeres que circundam o vocábulo cidade, permeiam um campo de significação que tem a ver com o conjunto de pessoas socialmente organizadas, no sentido de constituição de práticas sociais relacionadas ao processo de organização e desenvolvimento de sujeitos que, aglomerados, movem-se e fazem

com que esse espaço cresça, ocasionando sua perpetuação, em detrimento do exacerbado consumo e produção do sistema em si.

Com a globalização, o crescimento populacional (mudança positiva do número de sujeitos de uma população) da cidade e a sua organização colocam em questão todo um discurso de sustentabilidade, infraestrutura e verticalização das cidades. Falamos, a seguir, do chamado tripé da sustentabilidade ou, conforme Martine e Alves (2015) o "*tripé ou trilema da sustentabilidade*", que são os pilares econômico, social e o ecológico.

Essas vertentes tornam-se expressivas a esta pesquisa, uma vez que possui um grau de interferência em nossos objetos de análise, o discurso *sobre* a cidade vista pelo âmbito do digital, produzido pelos mapas interativos do Projeto Infra em Movimento e os discursos veiculados nas mídias que envolvem o Grupo CCR.

Para Martine e Alves (2015):

> O crescimento econômico tem se baseado no uso insustentável de recursos não renováveis [...]. Com o aprofundamento do processo de globalização, avistam-se graves crises ambientais e sociais, enquanto a trajetória da própria economia também apresenta sinais de exaustão do modelo hegemônico (MARTINE; ALVES, 2015, p. 434).

Tendo em vista o exacerbado crescimento econômico no sistema capitalista, os recursos naturais acabam sendo postos em segundo plano e o aprofundamento na exploração dos recursos industriais, no sentido de crescimento e fortalecimento da economia que circula na cidade, vão se fortalecendo. Essa situação sofre um acentuado aumento e o espaço urbano passa por interferências que potencializam e/ou fragilizam um determinado aspecto social, como por exemplo, a qualidade de vida dos sujeitos que povoam o ambiente urbano.

No ambiente virtual, mais especificamente nos mapas interativos criados pelo Projeto Infra em Movimento, esses aspectos, a sustentabilidade e o deslocamento de expansão à verticalização, não estão apagados, pelo contrário, eles estão significando.

Como crescer e expandir sem destruir e demarcar o espaço com a civilização? Essa é, sem dúvida, uma válvula de escape que está sendo sustentada por um imaginário de expansão sem vistas à preservação ambiental, tanto na realidade, quanto no ambiente virtual (mapas interativos), embora o Grupo CCR[6] descreva o fiel cumprimento com a sociedade com o quesito

---

[6] Fundado em 1999, com atuação nos segmentos de concessão de rodovias, mobilidade urbana, aeroportos e serviços, o Grupo CCR é referência nacional e internacional e foi responsável pela estreia do Novo Mercado da B3, antiga BM&F Bovespa. [...]. Também faz parte do controle acionário da concessionária ViaRio, responsável pela construção e operação do Corredor Expresso Transolímpica, no Rio de Janeiro. O Grupo CCR atua ainda em negócios correlatos, como no setor de transmissão de dados de alta capacidade por meio da Samm, empresa

de sustentabilidade, fornecendo governança e estratégia, compromissos voluntários, desempenho em todos os lugares que atua, o fornecimento de relatórios à população sobre resultados, expectativas no mercado e o reconhecimento para com a sociedade.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) (2019)[7], no século XXI, quase metade da população mundial vive nas cidades. Ou seja, a cidade é um lugar de (des)encontros, vivências e culturas (BRASIL, 2019). A ONU diz que, no Brasil, o número da população que vive nas cidades é maior do que as pessoas que vivem no campo. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2019) mostram que, quase 85% da população brasileira vive nas cidades; os dados foram obtidos no Censo realizado no ano de 2010, organizado e publicado no *site* pelo instituto para consulta pública (BRASIL, 2019).

Como sabemos, os espaços urbanos têm proporcionado, aos sujeitos, uma grande variedade de serviços e condições que, de certa forma, possibilitariam melhorias em sua qualidade de vida. Porém, nem sempre essas melhorias são positivas. A vida na cidade é permeada de incongruências/inquietações/deslizes.

As problemáticas às quais nos referimos são gradativas ao tamanho da cidade e do processo de industrialização que incide sobre ela, assim como, de acordo com a extensão, em se tratando de expansão territorial das cidades, os deslizes sociais relativos à constituição do espaço urbano são determinantes e classificatórios no âmbito social.

A relação ética e moral para com o público, na maioria das vezes, para Donato (2008), se constitui e se mantém de forma transparente, pois "Todas as organizações devem promover o esclarecimento sobre o seu compromisso com a sociedade e com o meio ambiente" (DONATO, 2008, p. 56), num movimento que proporcione um diálogo possível, ecológico e socialmente, com o sujeito urbano. Na análise do *corpus*, veremos o quão incidente é o processo de industrialização e globalização das cidades sobre essas questões sociais.

Segundo Motta (2003), "O discurso da sustentabilidade, produzido por distintas posições-sujeito, filia-se a uma rede de memória que se configura em uma situação internacional" (MOTTA, 2003, p. 94). A autora nos esclarece que, pensar em questões de sustentabilidade, implica em pensar, com efeito, numa gama de memória e posições-sujeito atreladas ao discurso sustentável. Com o *corpus* deste trabalho não é diferente, uma vez que os

---

prestadora de serviços de comunicação multimídia e conectividade IP com mais de 4.700 quilômetros de fibra óptica subterrânea e aérea. Disponível em: http://www.grupoccr.com.br/grupo-ccr/sobre-o-grupo-ccr; Acesso em: 20 jul. 2019.

[7] ONU prevê que cidades abriguem 70% da população mundial até 2050. *In:* **ONU NEWS**, 19 fev., 2019. Disponível em: https://news.un.org/pt/story/2019/02/1660701. Acesso em: 30 jun. 2019.

discursos veiculados pelo eletrônico acionam essas redes, às quais discutimos na Sessão III desta pesquisa.

> No Brasil, na década de 90, as questões ambientais estavam bastante presentes nas discussões da sociedade. Entretanto, notava-se um distanciamento desse movimento pelas questões ambientais nas agendas dos partidos políticos (MOTTA, 2003, p. 95).

A este respeito, as legislações que dariam conta das questões de meio ambiente, só foram sendo pensadas, discutidas e efetivadas algum tempo depois, onde a preocupação com os impactos ambientais, ocasionados pela crescente expansão do espaço urbano foram sendo incrementadas.

Tal como afirma Ferreira (1998):

> Parece que para os partidos políticos brasileiros a busca de processos de sustentabilidade obviamente acarretaria em questionamentos mais profundos acerca de nosso processo de democratização e, portanto, aqueles não fazem parte de suas agendas (FERREIRA, 1998, p. 157).

Por parte do poder público, não se materializam tantos processos de efetiva garantia à sustentabilidade no espaço urbano visando mais qualidade de vida aos sujeitos. O que há, são interesses políticos e econômicos que se inscrevem na ordem social citadina. Conforme ressalta Motta (2003), "É essa relação entre a sociedade e o Estado enquanto instituição, lugar legítimo de poder e dizer, que pensamos a problemática ecológica" (MOTTA, 2003, p. 95)

A problemática ambiental assola as sociedades ao redor do mundo, principalmente no que se refere às cidades que se ergueram nos litorais. Não que as cidades interioranas não sofram com questões ambientais, mas, de todo modo, a expansão da infraestrutura e do cinza citadino não escolhem localização geográfica, elas se adequam, transformam o meio, instalando-se para atender às modificações do social.

Em nossa sociedade, o discurso de sustentabilidade tem se instaurado de maneira opaca, pois ofusca os verdadeiros preceitos ecológicos que deveriam ser praticados ao exercício de uma efetiva qualidade de vida urbana sem promover tantos impactos ambientais. Motta (2003) compreende que "a expressão sustentável, sustentabilidade, estende-se à via do discurso da ecologia, pelos vários segmentos da sociedade, ganha as páginas dos jornais, da mídia, e passa por um processo de naturalização" (MOTTA, 2003, p. 95).

Porém, os silenciamentos e os apagamentos dos sentidos reais que permeiam as questões de sustentabilidade das cidades não são circulados, tampouco explorados pelos discursos veiculados no meio eletrônico. O que se propaga são políticas de amparo às vertentes

de meio ambiente como pautas primeiras das empresas, políticas de compromisso com a sociedade e demais preceitos que opaquem o modo como a crescente exploração de sujeitos e de recursos naturais devem ser para fornecer material e mão de obra ao mercado da urbanização, da infraestrutura, do novo, do contemporâneo.

Nessa compreensão, Motta (2003) nos ensina que:

> O sentido, pensado no quadro teórico em que nos filiamos, é presença na relação de uma palavra com outra, é movimento, está sempre em relação a. O sentido que fica em jogo no funcionamento da linguagem não está na expressão, mas na formação discursiva a que se remete, que a produz no social. Daí poder compreender que os sentidos são sempre determinados ideologicamente. Não tem como não ser já que o sujeito é um sujeito ideológico. E a ideologia pode ser analisada na materialidade do discurso (MOTTA, 2003, p. 95).

Desse modo, o discurso de sustentabilidade permeia o espaço urbano, fazendo significar as relações entre os sujeitos e as gerações futuras, conforme afirma Donato (2008), em seu trabalho intitulado ‘Logística Verde’, ao qual nos traz a definição de sustentabilidade entendida como:

> [...] um conjunto de estratégias adotadas pelo meio empresarial no desenvolvimento de produtos, serviços e bens que satisfaçam as necessidades humanas, sem, no entanto, afetar as necessidades das gerações futuras (DONATO, 2008, p. 68).

Com o passar do tempo, o crescimento das cidades pode acarretar em separações espaciais e sociais da população urbana (diferente do campo que se comprime com a expansão das cidades), o que, de certa forma, ocasiona uma separação social, à qual o sujeito se constitui e se significa. Assim, essa segregação se corporifica no espaço da cidade.

O acesso ao saneamento básico, à iluminação pública, aos serviços bancários, aos educacionais (em todos os seus níveis), à saúde, dentre muitos outros serviços previstos e garantidos por leis, aos sujeitos que compõem o espaço urbano, acabam sendo vertentes que ficam restritas a apenas alguns sujeitos, a depender de cada posição social que possam ocupar. A exemplo disso, podemos citar as condições sub-humanas em que vivem os sujeitos moradores de rua.

O *start* da globalização nos acompanha desde o período mercantilista, ou seja, desde o século XV, quando as nações europeias se lançaram ao mar em busca de conquistar novas terras e explorar quaisquer riquezas que encontrarem pelo caminho. A posteriori, no século XVIII, o aumento do fluxo da força de trabalho entre países e continentes foi se aprimorando,

em especial, nas novas colônias, até então dominadas pelos europeus. Em outras palavras, a contemporaneidade contempla resquícios desses processos que vêm crescendo desde sua origem até à contemporaneidade (DONATO, 2008).

A globalização é o processo pelo qual há o aprofundamento das relações de cunho econômico, social, cultural, religioso e, acima de tudo, político, entre as sociedades organizadas ao redor do mundo. Nesse processo, configura-se a ausência e/ou a diminuição das barreiras ecológicas, econômicas e imigratórias entre os países e os continentes, destacando a produção de mão de obra, ciência e acúmulo de capital do sistema gerador desse processo, o sistema capitalista-consumista.

As leituras a partir de Brunel (op.cit.) permite uma reflexão sobre os efeitos de sentido da palavra mundialização, globalização no modo como tomam corporeidade em distintos discursos entre nações e que se significam, no modo de vida contemporâneo - na política, na economia, na língua nas percepções de tempo e espaço.

No caso da globalização, da moeda, da língua, etc., perpassa a um movimento, modo de colonização pela indústria em que a propaganda perfila a cadeia planetária do consumo. A tecnologia enquanto dispositivo de massa, de mídia, mercado capital, tem ao fio do discurso o espaço mercadológico. De certa forma, a posição discursiva da mídia, do consumo, de uma guerra permanente. Um ir e vir, ziguezagueando sentidos.

Por fim, o discurso que se produz com a globalização acende as nações as questões políticas e sociais no poder local. Entendemos que a midiatização passa pela linguagem, tal qual a relação do homem com o mundo. Nesse movimento, a língua, conforme Pêcheux (1995), para construir sentidos, para significar inscreve-se na história. Assim, sujeito, história e ideologia se imbricam, se constroem, produzem sentidos.

Entrelaçando esses fatos históricos à pesquisa relativa aos sentidos e as perspectivas da concepção que se tem de cidade e espaço público, Orlandi (2009) nos diz que “não há consenso que não seja imaginário: o discurso social não é homogêneo e dá lugar a diferentes movimentos de discurso que se cruzam no espaço urbano” (ORLANDI, 2009, p. 187).

Dessa maneira, o olhar sobre o espaço urbano se configura à medida em que o imaginário sobre a cidade, por exemplo, se constitui. Sendo assim, o movimento de crescimento e desenvolvimento do espaço urbano diz muito sobre os sujeitos que os constitui enquanto seres bio-psico-sociais.

Desse modo, no emergir do século XXI, muito se tem discutido a respeito das novas tecnologias. Com o advento do mundo conectado através das máquinas, essas tecnologias têm consagrando-se no espaço urbano da contemporaneidade, tanto no que concerne aos

acontecimentos políticos, quanto no que diz respeito aos assuntos religiosos, artísticos e, até mesmo, nos espaços educacionais.

Os avanços tecnológicos incidem de maneira feroz no espaço urbano de maneira que a necessidade desse "novo" e a implantação de uma infraestrutura de ponta, tome conta da cidade, e, como proposta para uma nova cidade, a cidade que se tem e se quer para o futuro.

O sistema capitalista, sem dúvida, necessita dos sujeitos, tanto urbanos, quanto rurais, para que não haja o rompimento direto das premissas consumistas às quais o sistema se filia, no sentido de conceber e conceder acesso ao futuro por meio das tecnologias e da globalização da cidade e do espaço denominado urbanizado. A disseminação tecnológica da infraestrutura é o principal agente representativo que atua junto ao crescimento do capitalismo e que afeta o sujeito pelos processos discursivos que circulam na/pela cidade.

No que se refere ao sujeito, Orlandi (1999) nos diz que:

> O sujeito é uma "posição", dada em lugares "representados" no discurso, interpelado pela ideologia. Daí consideramos que a posição-sujeito se situa nas relações políticas do capitalismo e o efeito da relação língua, texto e discurso se dá a partir da inscrição do sujeito numa formação discursiva, nesse lugar de onde o sujeito fala e produz seu discurso (ORLANDI, 1999, p. 19).

Desse modo, a inscrição do sujeito diante as relações políticas do capitalismo em detrimento da língua, determinam o lugar à qual a concepção ideológica de cada sujeito é formulada e atravessada ideologicamente do indivíduo social em sujeito.

Esse movimento de assujeitamento ideológico dos indivíduos está relacionado com a história, pois "a história intervém na produção dos sentidos e não como história cronológica de marcação temporal" (ORLANDI, 2005, p. 42), ou seja, o sentido é constituído historicamente, na sua relação com a língua, tendo em vista as suas condições de produção.

O sujeito capitalista, o da modernidade, conforme postula Orlandi (2008) é:

> Ao mesmo tempo livre e submisso, determinado (pela exterioridade) e determinador (do que diz): essa é a condição de sua responsabilidade (sujeito jurídico, sujeito a direitos e deveres) e de sua coerência (não contradição) que lhe garantem, em conjunto, sua impressão de unidade e controle de (por) sua vontade. Não só dos outros, mas até de si mesmo. Bastando ter poder... (ORLANDI, 2008, p. 104).

Desse modo, nosso *corpus* produz efeitos de sentido com as questões de infraestrutura e sustentabilidade, uma vez que, para que haja o definitivo progresso das cidades ditas 'globalizadas', assim como demonstram os mapas interativos do Projeto Infra em Movimento, tal espaço urbano deverá contemplar uma configuração completa nos itens de

telecomunicações, portos e aeroportos, mobilidade urbana, saneamento básico, lazer, esporte, rodovias, etc.

Nesse sentido, a ideologia que se materializa no discurso do Projeto Infra em Movimento, através dos mapas interativos, produz efeitos de sentido nos sujeitos urbanos, tanto pela mídia, quanto pelas instituições de fomento privadas.

Deslocar essas concepções descritas pelos mapas interativos, é compreender o discurso *sobre* a cidade, pois partindo do modo como Orlandi (2008) mobiliza o sentido *sobre* o espaço urbano, consideramos que é nesse espaço que se materializa o discurso que circula nas e por entre as ruas. Desse modo, é fundamental que compreendamos os discursos e os sentidos *sobre* cidade que sustentam as concepções descritas pelo Projeto Infra em Movimento na/pela organização no/do espaço urbano virtual.

Nas palavras de Orlandi (2008), o espaço urbano é um espaço "abstrato submetido a cálculos", pois é um:

> [...] material concreto que funciona como um sítio de significação que demanda gestos de interpretação particulares. Um espaço simbólico trabalhado na/pela história, um espaço de sujeitos e significantes (ORLANDI, 2008, p. 185).

Os gestos de interpretação estão presentes em toda e quaisquer manifestações da língua(gem), a cidade é um desses lugares de manifestações da língua e da linguagem. Não há sentido se não há interpretação, bem como não há cidade se não existem os sujeitos – um depende do outro para significar. Orlandi (1996) nos faz pensar que as diferentes áreas da linguagem, bem como as diferentes materialidades produzem efeitos de sentidos também de ordem distinta.

Sendo assim, o sujeito moderno/capitalista se inscreve no espaço urbano virtual à medida em que o processo de globalização se desenvolve e, de certa forma, determina esse sujeito que, ao mesmo tempo que é livre e submisso, é determinador no que diz, pois está inscrito na história. Nesse sentido, a discussão seguinte, reverbera a cidade concebida enquanto simbólico, enquanto sítio de significação e de constituição dos sujeitos.

1.4. A cidade enquanto discurso: sentidos em movimento

Nos estudos conduzidos por Orlandi (2009; 2008; 2003), a cidade é tomada pelo simbólico. Tais estudos têm mostrado os modos de significar a cidade no âmbito da teoria discursiva.

Tendo a cidade como objeto de estudo, tem-se procurado compreender os processos de significação e as relações de sentidos que se estabelecem na articulação entre o tempo (história), o espaço e do corpo dos sujeitos urbanos, visto que o corpo dos sujeitos está atrelado ao corpo da cidade.

O processo de construir, formular e fazer circular sentidos são os passos importantes de uma complexidade, às vezes, um tanto quanto não visível quando se toma a cidade enquanto lugar onde essa relação se dá.

Aos estudos da pesquisadora, por exemplo, no livro intitulado 'Para uma enciclopédia da cidade' (2003), procura não pensar as relações constitutivas do espaço urbano, quais sejam: sujeito, língua e história, separadamente, mas, sim, uma constitutiva da outra. Nesse sentido, é estabelecida uma noção de meio, que, por conseguinte, é entendida como sendo uma materialidade, pois ocupa um largo espaço nos estudos sobre cidade, sobre o espaço urbano.

Existe, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), um laboratório específico aos estudos urbanos, pelo viés discursivo, chamado Laboratório de Estudos Urbanos (LABEURB)[8] – um núcleo de pesquisa multidisciplinar, centro de extensão e produção cultural. Esse laboratório foi criado no ano de 1992 e é um centro de referência quanto aos estudos da cidade, analisada da perspectiva da linguagem, através de estudos e pesquisas discursivas que relacionam o sujeito, a linguagem e a história.

Aos estudos realizados no LABEURB, foi pensada uma linha de pesquisa própria aos estudos do saber urbano, intitulada "Saber Urbano e Linguagem". Essa área do conhecimento é tomada por uma metodologia discursiva que analisa, nos meandros constitutivos do espaço urbano, os movimentos políticos, sociais e econômicos, bem como o planejamento, a administração e a organização do espaço urbano pelo Estado. Estuda, também, as práticas de efeito da memória, a cultura, a arte, a linguagem urbana e a escrita, os discursos midiáticos, como também, a relação tecnológica no dia a dia das cidades (LABEURB, 2019).

O laboratório tem desenvolvido inúmeros projetos e promovido, também, muitas publicações resultantes das pesquisas feitas, principalmente de coletâneas de livros, no que se refere às atividades de ensino, pesquisa e extensão, trabalhadas e reunidas em exemplares que, hoje, estão espalhados pelas bibliotecas do país. Dentro do laboratório, são promovidos a interação e intercâmbio entre Universidade e Sociedade, num movimento de implementação de fóruns e debates acerca das questões sociais elencadas como objeto de estudo dos pesquisadores vinculados ao laboratório.

---

[8] *Site* oficial do Laboratório de Estudos Urbanos (LABEURB) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Disponível em: https://www.labeurb.unicamp.br/site/web/. Acesso em: 18 jul. 2019.

O espaço urbano é concebido como um espaço simbólico na/da história, ou seja, um espaço de sujeitos e significantes. Partindo dessa definição, podemos confirmar que é no espaço urbano que se materializa o discurso que circula nas ruas, nas casas, nas arquiteturas e nos monumentos, que, involuntariamente, diz, de algum modo, dos sujeitos que habitam a cidade.

O discurso da/sobre a cidade, se materializam, também, visto que o social está ligado à concepção de cidade, conforme Orlandi (2009) "o social é significado pela linguagem" (ORLANDI, 2009, p. 186), a cidade, então, comporta em suas ruas e vielas, dizeres que constituem os sujeitos numa relação com a ideologia.

Ainda para Orlandi (2009):

> Do ponto de vista discursivo, a cidade é um espaço simbólico particular tendo sua materialidade que produz sua própria forma de significar. Em outras palavras, a cidade se caracteriza enquanto espaço em que se materializam os gestos de interpretação específicos, aqueles que constituem o urbano (ORLANDI, 2009, p. 186).

A autora salienta que o processo de significação da cidade se dá pelo simbólico, determinando, assim, modo de dizer e significar. Há, nesse contexto, uma diferença entre o discurso *da* cidade e o discurso *sobre* a cidade.

Esse discurso é tomado de maneira muito característica enquanto espaço de gestos de interpretação no processo de constituição do urbano e o modo como a cidade é ressignificada, por exemplo, como as mídias, que é um processo que discutiremos mais adiante, no sentido de concebermos a análise a partir da significação do espaço urbano através do discurso midiático e pós-industrial e/ou moderno, que se configura, desse modo, um discurso *sobre* a cidade.

> [...]. Os modos pelos quais as cidades são significadas na sociedade e na história estão relacionados, entre muitas outras coisas, aos saberes produzidos sobre elas. Não quaisquer saberes. E não de qualquer maneira (FERREIRA, 2013, p. 20).

O discurso sobre a cidade se configura em um olhar sobre esse espaço. Como todo olhar, diz de uma posição, que projeta, desse modo, um imaginário de cidade. Assim, ler o que se propaga nos mapas interativos, ou na mídia, é ver em funcionamento uma concepção de cidade, um discurso *sobre*. Por outro lado, ler as ruas da cidade, sua arquitetura, vielas e calçadas, é ter acesso ao discurso *da* cidade, ou seja, aquilo que projeta materialmente para significar o espaço (lugar).

Em relação à produção e/ou a transformação dos sentidos na/da cidade e do sujeito urbano, Dias (2016) afirma que:

> A transformação dos sentidos na/da cidade e do sujeito urbano está ligada a um modo de significação do espaço pelas tecnologias digitais, a partir das quais os processos de significação, interpretação e textualização da cidade têm se dado (DIAS, 2016, p. 157).

Do ponto de vista discursivo, compreender a cidade e os gestos de interpretação fundados a partir da sua relação com o sujeito e as mídias é compreender os meandros ideológicos dos sujeitos que compõem o espaço urbano.

Para a Análise de Discurso, mais especificamente nos dizeres de Pêcheux (1997), "a ideologia é um mecanismo de interpretação" (PÊCHEUX, 1997, p. 58). Portanto, compreender os gestos de interpretação no/do espaço urbano é compreender o sujeito que circula nesse espaço, bem como a ideologia que o interpela.

No que concerne à compreensão de cidade, Orlandi (1999, p. 8) nos faz pensar a cidade do ponto de vista discursivo, ou seja, como espaço de significação que é constituído pelo simbólico e pelo político que se confrontam. Nesse espaço que dá corporeidade à cidade deve-se distinguir, segundo Orlandi (1999), como já dito, "dois movimentos significantes: a ordem e a organização" (ORLANDI, 1999, p. 8).

Em relação à ordem e a organização, a pesquisa aborda alguns pontos referentes e que fazem relação com o objeto de estudo que é o discurso sobre a cidade que foi posto em circulação pela mídia. A organização ou o ordenamento urbano, passa do plano urbanístico para uma relação *no* urbano. Tudo deve estar organizado para funcionar, seguindo as premissas estabelecidas pelo *corpus*. Orlandi (2007) conceitua que "ordem para nós não é o ordenamento imposto, nem a organização enquanto tal, mas a forma material" (ORLANDI, 2007, p. 45).

É nessa forma material, que está o fato de que não se pode separar a forma do conteúdo, conforme ressalta a autora. É preciso que haja o atravessamento histórico com o social e com o político, na materialidade dos significantes no/do espaço urbano. Do *corpus*, é pela organização que as cidades dos mapas significam e, pela organização dos mapas, o sentido de cidade completa também significa à medida que o ideal de cidade é posto em circulação.

Onde e como se inscreveriam as demais cidades que não tivessem e/ou não fossem pensadas segundo a concepção formulada pelos mapas interativos? É esse, o questionamento que nos interessa discutir, a concepção/imaginário de cidade significado pelo discurso do Projeto Infra em Movimento, no seu modo de dizer *sobre* a cidade.

Para Orlandi (2004) a cidade é o encontro de dizeres que se configuram num determinado aspecto e, "na prática capitalista a materialidade simbólica da cidade fica reduzida

à urbanização: a cidade e o social passam a significar somente pela discursividade urbanista" (ORLANDI, 2004, p. 35).

Nas considerações de Lefebvre (2008), "a cidade é atravessada ideologicamente por diferentes ordens de discursos" (LEFEBVRE, 2008, p. 63), ou seja, são essas ordens de discursos que são determinantes nos discursos que serão produzidos pelos sujeitos no espaço urbano. Pelo viés discursivo, por exemplo, a cidade, conforme Orlandi (1999), postula "criando categorias que vão substituindo a própria maneira como as pessoas pensam a cidade" (ORLANDI, 1999, p. 9).

Segundo Orlandi (2004), sob a ótica de L. Wirth (1967):

> A característica marcante do modo de vida do homem na idade moderna é a sua concentração em agregados gigantescos em torno dos quais está aglomerado um número menor de centros e de onde irradiam as ideias e as práticas que chamamos de civilização (ORLANDI, 2004, p. 12).

Nessa direção, "a cidade se apresenta, em algum lugar, como um aglomerado de instituições políticas e administrativas especiais" (ORLANDI, 2004, p. 12) e conforme pondera a pesquisadora, tendo em vista as premissas estabelecidas por L. Wirth (1967), a cidade pode ser definida, como "um núcleo relativamente grande, denso e permanente de indivíduos socialmente heterogêneos" (ORLANDI, 2004, p. 12). Portanto, observar a cidade é procurar "compreender as alterações que se dão na natureza humana e na ordem social" (ORLANDI, 2004, p. 12).

Segundo Zoppi-Fontana (1998), o analista de discurso deve refletir sobre a cidade enquanto "universo discursivo, no qual sujeito e sentido são produzidos a partir de condições de produção sempre específicas e determinadas" (ZOPPI-FONTANA, 1998, p. 40).

Conforme reitera a autora, no que se refere às condições de produção presentes no espaço urbano, compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação dada, pois é "pensar como ela se significa, quais são os sentidos produzidos *nela* e *sobre* ela pelos diversos discursos que a configuram e interpretam" (ZOPPI-FONTANA, 1998, p. 39).

Orlandi (1999) diz que as condições de produção é que são responsáveis por estabelecer uma relação de força no cerne dos discursos. As condições de produção mantém, com a língua(gem), uma relação possível e necessária que constitui, com ela, os efeitos de sentido inscritos na história. A autora complementa, ainda, dizendo que as condições de produção fazem parte da exterioridade da linguística. Ademais, elas podem ser agrupadas em circunstâncias de enunciação e, em suma, no contexto sócio-histórico-ideológico.

Nessa direção, o deslocamento de trazer à tona as questões relacionadas ao urbano, mais especificamente, os discursos *sobre* o urbano, o discurso citadino, é emergir numa questão social, pois o movimento de conceber como a cidade se significa, como ela se configura e, em suma, como ela é interpretada nas questões relacionadas ao espaço e à velocidade dos acontecimentos discursivos, são objetos de análise que são tomados pela linguagem enquanto campo simbólico na produção do(s) sentido(s).

Orlandi (2004) salienta que as relações sociais acontecem entre a "relação do sujeito com outros sujeitos e com tudo o que constitui a cidade" (ORLANDI, 2004, p. 12). A autora diz, ainda, que:

> É no sistema de comunicação e na tecnologia de produção e distribuição surgida na civilização moderna que se devem procurar os sintomas que indicam o desenvolvimento do urbanismo como modo de vida (ORLANDI, 2004, p. 13-14).

É na relação sujeito-língua-história que acontecem e se (re)produzem as discursividades. Baracuhy (2010) nos diz que a discursividade é um acontecimento que nem a linguagem, nem a história podem esgotar inteiramente, pois "haverá sempre espaço para outro sentido, para outro discurso. Haverá sempre incompletude e, portanto, é necessário pensar a estrutura como o lugar da falta, da falha, do equívoco" (BARACUHY, 2010, p. 169).

Orlandi (2012) concebe o estudo acerca da noção de incompletude. Como pode ser percebido, o espaço urbano, pelo discurso e o movimento da linguagem, este é passível de incompletudes, pois, conforme nos respalda Orlandi (2012, p. 88), as incompletudes dão lugar às aberturas do simbólico, ou seja, as rupturas às quais podemos nos debruçar sobre a cidade e buscar os efeitos de sentidos que emergem de seus sujeitos, suas ruas, seus aglomerados e arranha-céus cinzas (ORLANDI, 2012).

Nessa concepção, estão inseridos elementos os quais nos possibilitam pensar, não somente as maneiras de significar das coisas, mas o estudo do corpo, tomando como base o fato de que os processos de significação não são pensados de forma fechada.

O corpo, concebido enquanto língua(gem), está sujeito ao movimento, às desconstruções, rupturas e mudanças. Se os sujeitos mudam, movimentam-se e são corpos constituintes do urbano, a cidade também é o corpo que se rompe a cada gesto de interpretação e mudanças de ordem da exterioridade.

A identificação desses sujeitos, na relação sujeito-língua-história se configura na medida em que o espaço urbano é o próprio sujeito, bem como esse sujeito é o próprio espaço urbano, conforme dita Orlandi (2004):

> No território urbano, o corpo dos sujeitos e o corpo da cidade formam um, estando o corpo do sujeito atado ao corpo da cidade, de tal modo que o destino de um não se separa do destino do outro. Em suas inúmeras e variadas dimensões: material, cultural, econômica, histórica, etc. o corpo social e o corpo urbano formam um só. Nada pode ser pensado sem a cidade como pano de fundo. Todas as determinações que definem um espaço, um sujeito, uma vida, cruzam-se no espaço da cidade (ORLANDI, 2004, p. 11).

A resistência e/ou a submissão de determinada classe social em relação à participação no processo de crescimento e desenvolvimento tecnológico é relevante e enxergada como um gesto de produção de sentidos, e, ao mesmo tempo, de resistência ao sistema capitalista e consumista que permite e/ou proíbe o destaque dos sujeitos periféricos e a sobressalência dos demais sujeitos do espaço urbano.

No urbano, as novas tecnologias de comunicação imprimem novas marcas de significar este espaço, pois, conforme afirma Lemos (2011), "as cidades digitais são as cidades da globalização, onde as redes telemáticas fazem parte da vida quotidiana e constituem-se como a infraestrutura básica e hegemônica da época" (LEMOS, 2011, p. 18).

Cidade e digital, com suas relações constitutivas intrínsecas de maneiras de produção de sentidos, corporificam-se à medida em que este espaço cresce e essa mídia digital incide de maneira a conduzir um fluxo ideológico pelas redes e fios do imaginário na/da cidade no/do sujeito, na/para a língua(gem). A cidade digital significa, então, "a partir da discursividade da globalização, produzindo um efeito de homogeneidade, consenso, organização" (DIAS, 2011, p. 128).

Com efeito, para Dias (2011), a cidade digital é "um portal com informações gerais e serviços, comunidades virtuais e representação política sobre uma determinada área urbana" (DIAS, 2011, p. 128). Ou seja, do território centralizado para a rede, há um deslizamento de sentidos da cidade "real", conforme postula a autora, que denomina essas cidades virtuais de "cidades metafóricas" (DIAS, 2011, p. 129).

A autora salienta que, ao falar de territórios centralizados, ela está se referindo aos lugares onde há concentrações humanas, dos quais, as grandes cidades são exemplo. Nesse processo, há o que denomina, Pêcheux (2010, p. 96), de: "deslizamento de sentidos" (PÊCHEUX, 2010)

Por certo, quando falamos em rede, falamos de circulação de informação, dessas redes descentralizadas de fluxo de informações que circulam no espaço urbano e no mundo todo e a todo o momento. Se, de um lado, temos o território centralizado com seu processo de

significação e circulação de informações, por outro lado, temos as redes, as circulações de informação que perpassa/atravessa o sujeito e constitui-o a partir dela.

Vale ressaltar que o modo pelo qual se significam as relações sociais são distintos, o modo de significar, de poder e o de relações econômicas. Esses dois modos são determinados pelo discurso da globalização, ou seja, cada qual com suas condições de produção específicas no modo como significará a cidade e o espaço urbano.

Nesse sentido, Orlandi (2011) nos diz que "nessa relação o 'político' aparece nessa conjuntura como argumento" (ORLANDI, 2011, p. 5, apud DIAS, 2011, p. 129-130). Sendo assim, nesse contexto, as cidades digitais, tais como descritas neste trabalho, são espaços com sentidos estabilizados, empíricos, imaginários, onde o político fica apagado em prol do consenso.

É fato que a organização faz parte da constituição da cidade, pois segue leis que determinam o funcionamento de ser e estar na cidade, tal como descritas pelos mapas interativos, no que diz respeito aos seus trajetos, vias, etc.

Porém, conforme nos ensina Orlandi (2004, p. 63), do ponto de vista do simbólico, a "organização e desorganização se acompanham" (DIAS, 2011, p. 130). Assim, é pela desorganização que o espaço urbano se constitui, se ressignifica.

2. O DISCURSO MIDIÁTICO: UM MODO DE DIZER *SOBRE* A(S) CIDADE(S)

"Estamos na idade mídia,
Com cabeças de idade média.
Somos uma geração midieval".
(DEMÉTRIO SENA, Magé-RJ).

Como discutido anteriormente, os sentidos sobre cidade se tornam essenciais, à medida em que este espaço é tomado enquanto simbólico e relacionado ao espaço midiático, tal como trataremos nesta Sessão II.

Seja a cidade, seja a mídia, ambas são tomadas enquanto político e como simbólico, pensando as questões onde a língua e a história se relacionam com o sujeito. Sendo assim, as próximas discussões objetivam enxergar os sentidos em funcionamento, no âmbito das grandes mídias, fator influente e importante no processo de compreensão dessa relação.

Compreender esses efeitos de sentido não é uma tarefa tão simplória. Faz-se necessário estabelecer alguns parâmetros entre os pontos constituintes deste trabalho, para que, na análise do *corpus*, os desdobramentos desses efeitos possam produzir um deslocamento dos sentidos que emergem por meio do espaço eletrônico e no que se refere à constituição dos dizeres *sobre* cidade.

Esses dizeres, materializados no projeto Infra em Movimento, projetam, nos mapas interativos, caminhos possíveis de um futuro tecnológico, globalizado e de facilitação da vida urbana, por meio de um rol de quesitos onde o Grupo CCR possa intervir para trazer tantos outros benefícios, dispostos e propostos aos sujeitos urbanos, significando-os.

Desse modo, nesta sessão, partimos da discussão do discurso midiático/eletrônico, o espaço *e*-urbano, bem como o conceito de *ordem* e *organização*, postulados como primordiais para que possamos compreender as análises que mobilizamos teórico-metodológicas à luz da Análise de Discurso.

2.1. O discurso midiático/digital sob a ótica discursiva: efeitos de sentido inscritos no espaço urbano

Concebemos o espaço digital como um instrumento, conforme postula Orlandi (2013). Contudo, não tomamos esse espaço em seu sentido pragmático, mas em seu aspecto histórico e discursivo. O digital carrega uma memória que está na "materialidade do gesto de interpretação

que se atualiza nas condições que se apresentarem" (ORLANDI, 2013, p. 6). Por isso, a autora concebe que existe uma memória que constitui esse espaço nos mais diferentes aspectos histórico-ideológicos.

Sendo assim, o que vimos costurando, ao longo do texto, se articula na compreensão dos aspectos que engendram o urbano, pensado, aqui, na forma digital de circulação, um espaço urbano completo, que fornece infraestrutura e qualidade de vida urbana frente à globalização. Neste item, discorremos sobre esses processos e deslocamos o entendimento para que possamos produzir as rupturas nos materiais de análise.

O discurso midiático que se produz em relação ao espaço urbano é entendido, segundo Dias (2016), como:

> A transformação dos sentidos na/da cidade e do sujeito urbano está ligada a um modo de significação do espaço pelas tecnologias digitais, a partir das quais os processos de significação, interpretação e textualização da cidade têm se dado (DIAS, 2016, p. 157).

Conforme a pesquisadora, o processo de significação da cidade tem-se dado diante desse contexto perpassado pelas tecnologias digitais. Na Análise de Discurso, podemos pensar o espaço urbano constituído a partir do modo como as mídias formulam os dizeres que circulam por meio do eletrônico. O espaço eletrônico proporciona um campo de significação pertinente de se pensar em relação à constituição do sujeito urbano, de maneira que a interpretação das cidades, bem como dos espaços outros que as constituem, estão interligadas.

Sendo assim, não há outra maneira de compreender os dizeres sobre cidade, a não ser discutindo espaço digital e sujeito entrelaçados, produzindo sentidos e dizeres. Em meio a essas premissas, a ideologia está arraigada, tanto nos discursos midiáticos, quanto nos discursos citadinos, pois, "não há uma manifestação da realidade sem ideologia" (ORLANDI, 2010, p. 48), e, como afirma a pesquisadora Orlandi (2008), "a ideologia não é ocultação, ela é produção de evidências" (ORLANDI, 2010, p. 104).

O movimento que propomos, enquanto objeto de análise, é compreender o espaço urbano através da linguagem e os elementos base que caracterizam o espaço urbano virtual. O discurso produzido através da tecnologia é o discurso que está atrelado à tecnologia/mídia digital enquanto sentido constituído a partir de objetos sociais, no caso, o espaço urbano (ORLANDI, 2010).

De acordo com Carozza (2013), com base em Orlandi (2012) "se o corpo do sujeito está atado ao corpo social [...] podemos supor que também ele se move determinado pelos

modos como esse corpo social se movimenta e expande" (CAROZZA, 2013, p. 64). Assim, os corpos (sujeitos e cidades) estão atrelados e significando na mídia.

Analisar, sob a ótica discursiva, a ordem do discurso urbano, é "compreender também, o discurso da cidade" (ORLANDI, 2008, p. 188), pois, "a cidade se apresenta, em algum lugar, como um aglomerado de instituições políticas e administrativas espaciais" ORLANDI (2004, p. 12). Assim, em outras palavras o "espaço urbano e espaço digital produzem a forma material da cidade, pela conectividade dos sujeitos" (DIAS, 2016, p. 161).

Massmann e Barros (2013) contribuem, aos estudos do espaço urbano, abraçados ao meio digital, quando afirmam que:

> Cada vez mais inserido neste espaço digital, pelas ferramentas de acesso e de mobilidade, o sujeito passa a se constituir nesta extensão do espaço urbano no digital e vice-versa: haveria aí o surgimento de um "*Homo Connectus*", como um novo estágio da humanidade, seguindo a ordem evolutiva do "*Homo de Neanderthal*" e do "*Homo Sapiens*"? (MASSMANN; BARROS, 2013, p. 92).

Conferimos o emergir desses novos estágios da sociedade, conforme ponderam as autoras, quando vimos a crescente necessidade de atualização do homem perante as coisas do mundo. Ao se inscrever nessas novas condições de produção tecnológicas, onde tudo caminha numa velocidade exorbitante, os sujeitos e os espaços urbanos se deslocam como se fossem os carros, os trens, e os sinais de *internet*.

As autoras afirmam, nesse sentido, que:

> Em tempos em que se assiste ao advento da sociedade de informação, tempos em que se vive a era das tecnologias de informação, não fazer parte desta rede digital do e-urbano pode significar estar fora das novas relações sócio-tecnológicas das quais a sociedade se constitui e se nutre atualmente. Nesse sentido, a resposta a esse questionamento pode ser considerada afirmativa: sim vivemos a era do "*Homo Connectus*"! (MASSMANN; BARROS, 2013, p. 92).

No que se refere às novas tecnologias de comunicação e informação, hoje, no século XXI, elas imprimem novas marcas, novos gestos de interpretação do/sobre o urbano. Para Dias (2011), com efeito, "o conceito de cidade digital significa a partir da discursividade da globalização, produzindo um efeito de homogeneidade, consenso, organização" (DIAS, 2011, p. 128).

A memória que se tem sobre cidade, então, se manifesta no discurso na/da mídia, construído pelo Projeto Infra em Movimento, nos mapas interativos em dadas relações discursivas, de maneira que o sujeito se identifique com essa concepção e que esta possa

funcionar e circular no meio digital. Orlandi (2007) traz o conceito de memória metálica (formal) “que linerializa o interdiscurso e reduz o saber discursivo a um pacote de informações, ideologicamente equivalentes, sem distinguir posições” (ORLANDI, 2007, p. 16).

Desse modo, essa memória metálica carrega, em sua constituição, a memória histórica e/ou cultural em sua formulação atrelada nessa língua universal (PÊCHEUX; GADET, 1981), como denomina Pêcheux e Gadet (1981), nessa língua lógico-matemática (PÊCHEUX; GADET, 1981) que se configura no virtual.

Dias (2016) chama à atenção para o conceito de mobilidade rarefeita, em relação ao espaço midiático, que consiste em:

> Se mover sem sair do lugar, no fluxo das redes digitais. Estar aqui, ali e acolá, ao mesmo tempo. O corpo se desloca de um ponto para muitos, de forma instantânea pelo fluxo de dados. Uma temporalidade de forma dispersa, rarefeita. É uma espacialidade não geográfica, espaço feito de fragmentários, luminosidades, *displays*, *touch screem*, uma espacialidade retigráfica, pela sua forma em rede” (DIAS, 2016, p. 159).

Com efeito, o fio condutor da conectividade que transporta os sujeitos de um lugar para outro, sem que necessariamente haja um deslocamento físico, mas sim, imaginário, possibilita a interação e a troca de informações e constituição de sujeitos a partir da relação estabelecida na/pela rede telemática, por meio da máquina.

Esse deslocamento proporciona uma não linearidade do espaço geográfico, este, por conseguinte, é fragmentado, como se o outro lado do mundo estivesse a um *click* de distância, proporcionando o deslocamento imaginário e, ao mesmo tempo real, do sujeito conectado (DIAS, 2016).

Com isso, nessa vertente de “sentidos em fuga”, nos dizeres de Dias (2016):

> A conectividade seria o fator que reúne essas duas formas de mobilidade para as quais estou apontando, constituindo a materialidade do urbano contemporâneo, pelo digital, pois é a conectividade que significa o sujeito num ponto do espaço geo-retis-gráfico, se considerarmos a estrutura das redes e das ruas (DIAS, 2016, p. 160).

Nessa relação, espaço urbano e espaço digital se unem, produzindo a forma material da cidade pela conectividade dos sujeitos (DIAS, 2016). Para a autora, essa conectividade seria, então, “a forma material da mobilidade contemporânea, uma vez que é por meio da conectividade que o sujeito pode tecer a rede cartográfica do espaço” (DIAS, 2016, p. 161).

Ou seja, deve-se levar em conta que “o acontecimento do discurso da tecnologia, sua inscrição na memória discursiva e sua atualização nas formulações digitais implicaria em considerar a técnica encarnada no mundo” (DIAS, 2016, p. 161).

De acordo com Carozza (2013):

> [...] a mobilidade no espaço digital nos faz pensar não só nas possibilidades propiciadas pelas tecnologias de informação, tais como os dispositivos móveis e aplicativos que se comunicam entre si – o que significa levar em conta as possíveis formas físicas de movimento –, mas também nos levanta a questão do sujeito em seus movimentos de identificação, pensados na sua relação com a ideologia e o imaginário. Nesse sentido, coloca-se em pauta a forma como o sujeito se mostra – e é mostrado – no ambiente digital, construindo imagens de si que circulam pelas redes e projetam uma determinada forma de sujeito que está em relação com seu corpo enquanto materialidade simbólica (CAROZZA, 2013, p. 59).

Desse modo, Carozza (2013) reflete a respeito das maneiras pelas quais os sujeitos se mostram no espaço digital. Por isso, pensamos nas formas de relações que podem ser estabelecidas sobre cidade aos sujeitos urbanos. Por meio do eletrônico, o acesso à cidade lhes é concedido, por outro lado, são silenciadas outras formas de explorar o ambiente urbano e a contemporaneidade que se expande nele.

Dias (2016, p. 169) mobiliza em seus conceitos uma afirmativa de Debray (1995), que diz que “o edifício dos signos comporta três patamares: físico (técnico), semântico e político” (DEBRAY, 1995, p. 29). Assim, podemos compreender que, no que se refere ao discurso digital, este é a relação estabelecida entre as três perspectivas apresentadas pelo autor e, sendo assim, sob a perspectiva do discurso digital, são essas três instâncias importantes na constituição do meio material.

Orlandi (2001) complementa, estabelecendo que:

> [...] A circulação é também uma das instâncias de produção dos discursos, ao lado da constituição e da formulação. Nesse sentido, o modo como um discurso circula é parte do seu processo de significação [...] (ORLANDI, 2001, p. 35).

Esse modo de circulação é da ordem do físico, do semântico, do político e do social em relação à história. Sendo assim, é somente pela complexidade da relação memória e discurso, que os mapas interativos produzem efeitos de sentidos. Isso, por sua vez, materializa-se no discurso do digital.

É pela forma material e pela forma histórica que se inscrevem os sentidos do meio digital, produzidos em determinadas condições de produção, tanto no espaço urbano, quanto no

espaço digital. Metaforicamente, é como a escrita rudimentar na pedra, que não significa pelo suporte ao qual se inscreve, mas, sim, pela forma material e linguístico-histórica em que se textualizam os sentidos numa relação com as condições de produção dadas.

2.2. A mídia enquanto espaço simbólico na produção do efeito de evidência

O percurso que fazemos sobre as leituras que se projetam a respeito das mídias, na contemporaneidade, estão relacionados com os aspectos sociais em suas formas e estruturas nos discursos que se materializam no tempo e no espaço urbano, em sua constituição com a história (MEDEIROS, 2013).

"Pensar a cidade implica, então, pensar como ela se significa, quais são os sentidos produzidos nela e sobre ela pelos diversos discursos que a configuram e interpretam (ZOPPI-FONTANA, 1998, p. 39). A autora salienta que o gesto de pensar a cidade é um gesto de múltiplas interpretações, visto que, não há somente um sentido cristalizado que diz de/sobre cidade, há a cidade e as lacunas de sentidos que as constituem.

Zoppi-Fontana (1998) complementa, ainda, com um pensamento de Maingueneau (1987), que determina que refletir sobre a cidade é refletir sobre ela "enquanto universo discursivo, no qual sujeito e sentido são produzidos a partir de condições de produção sempre específicas e determinadas" (ZOPPI-FONTANA, 1998, p. 40).

Para tanto, as questões referentes ao espaço urbano emergem como uma transformação das questões sociais que constituem os sujeitos na perspectiva de atravessamento ideológico. Segundo as postulações da autora, que traz a discussão dos autores L. Ribeiro & A. Cardoso (1994, p. 77), "o pensamento urbanístico aparece, assim, no início do século, claramente associado às ideias de reforma social" (ZOPPI-FONTANA, 1998, p. 48).

Assim, os sentidos da/sobre cidade se constituem de acordo com o momento histórico, com as condições de produção dadas em um determinado tempo na história e os pensamentos urbanísticos suscitam discursos de reforma social, no sentido de mudança nas condições sociais que constituem o urbano.

Desse modo, pensando a cidade do ponto de vista discursivo, segundo as postulações teóricas da autora, o gesto de interpretação dos sentidos da cidade:

> [...]. É um deslizamento de sentido que leva das questões sociais às questões urbanas, configurando um processo de espacialização do discurso que recoloca as questões sociais em termos espaciais [...] (ZOPPI-FONTANA, 1998, p. 48).

As questões sociais sofrem, então, um deslocamento para o espaço espacial, uma vez que emergem de seus lugares de significação para novos gestos de interpretação a partir da relação do sentido com as questões sociais, no momento em que o discurso se torna um gesto de interpretação ao ser produzido. Complementa, ainda, que esse deslocamento, produzido no seio do discurso teórico, se projeta sobre o discurso jurídico na forma de regulamentações urbanas, que definem o direito à cidade.

Segundo Zoppi-Fontana (1998):

> Haveria então, um duplo deslocamento: do campo do político (direito à cidade) ao campo do social (falta de direito traduzida como "problema social", e do campo do social (re-significado agora como "questão social") à apresentação espacial do conflito (a "questão social" redefinida como "questão urbana") (ZOPPI-FONTANA, 1998, p. 48).

Desses deslocamentos que constituem a cidade, emergem os conflitos de ordem jurídica e de ordem social. Da ordem do político, o deslocamento ocorre do direito do sujeito à cidade, da ordem do social, o deslocamento da falta de direito ao cidadão que tem o direito à cidade, caracterizando assim, o problema social, trazido, entre aspas, para mostrar justamente os conflitos dessas duas ordens que interferem nos sentidos da cidade e na constituição dos dizeres do espaço urbano.

Enquanto campo simbólico de sentido, a cidade é pensada numa relação de espaço e tempo na elaboração dos sentidos. A partir das representações de espaço e tempo no urbano, trabalhadas na/pela linguagem é que o movimento de conceber a cidade enquanto espaço político e simbólico se configura e se significa enquanto lugar de intepretação. "A relação do sujeito com sua "realidade" é mediada pela linguagem, o imaginário não se opõe à realidade, mas é parte constitutiva dela. A realidade é um efeito do imaginário (ZOPPI-FONTANA, 1998, p. 50).

Sobre a realidade, esta é entendida como um "conjunto de evidências que aparecem para o sujeito como necessárias, como imagem fiel do mundo" (ZOPPI-FONTANA, 1998, p. 50). O sujeito, nessa perspectiva, é um lugar de significação, historicamente constituído pela memória discursiva (ZOPPI-FONTANA, 1998).

O conceito de realidade, segundo Zoppi-Fontana (1998), é que:

> A "realidade" não se refere a um domínio de objetos definidos empiricamente, mas a um domínio de interpelação, a um gesto de interpretação que permite ao sujeito situar-se no mundo porque se situa no mundo das significações, isto é, se reconhece num lugar da memória discursiva (ZOPPI-FONTANA, 1998, p. 50)

Ou seja, a realidade não é da ordem da empiria, mas sim da relação de interpelação e dos gestos interpelativos dos sujeitos que se reconhecem numa memória discursiva. Através dessa relação, o sujeito se situa no mundo, e, situando-se no mundo, ele se constitui a partir desse lugar de significação da memória discursiva, pois, segundo Pêcheux (1997), "a ideologia é um mecanismo de interpretação" (PÊCHEUX, 1997, p. 75).

Posto isso, é por meio da ideologia, que o gesto de argumentação e de interpretação se materializa. A relação com a historicidade dos sentidos é que o sentido toma forma na relação entre língua e história. Só existe a memória discursiva porque há a ideologia. Só há dizer através de uma relação imaginária. Só há sentidos se houver interpelação pela ideologia na/pela história. Os sentidos sobre o que se deseja dizer, por assim relacionar, estão na memória.

Segundo Orlandi (1999) a ideologia é um elemento que determina o sentido que pode estar inscrito no cerne do discurso, na sua relação com a história. Nessa relação, a ideologia se inscreve na exterioridade, porém não é algo que seja exterior ao discurso, mas que é constitutiva da prática discursiva. A ideologia, portanto, é entendida como efeito da relação entre sujeito e linguagem. É, pois, efeito de sentido entre interlocutores (ORLANDI, 1999).

Vale ressaltar, ainda, que a ideologia não é produto do consciente, porém está presente nas mais variadas formas de manifestação dos indivíduos que são interpelados em sujeitos pela ideologia. Ela permite que o sujeito se identifique com as formações discursivas que os determinam.

As crenças que os sujeitos possuem em seu domínio de práticas discursivas, são ilusões de origem de sentidos existentes, pois Orlandi (1999) os chamam de efeitos ideológicos, já que emergem da relação do sujeito com a história, o social (ORLANDI, 1999).

Portanto, o movimento de pensar o advento das novas tecnologias, aliadas à infraestrutura e o desenvolvimento acelerado das cidades, possibilita uma reflexão não somente linguística, mas de cunho político, social, cultural, ambiental, e, também, numa perspectiva simbólica e capitalista, pois o sistema precisa do crescimento das indústrias, das cidades e da mão de obra, para que o espaço urbano cresça e se desenvolva, no âmbito da produção acelerada de bens de consumo girando em torno do acúmulo de capital.

Como na Análise de Discurso o interdiscurso é algo que vem antes, que já significou alguma vez na história, em outro lugar, e, independente, nessa relação que a forma de organização da cidade pode ser entendida como um interdiscurso, pois essa forma de organização, segundo Castells (1983, p. 47 apud Orlandi, 1999, p. 31), tem a ver com a primeira revolução industrial e o desenvolvimento da produção do capitalismo.

A cidade comporta o passado, pois ele a constitui. Nessa relação, a Análise de Discurso postula esse passado como sendo a memória. A memória constitutiva que significa e atravessa os discursos sobre a cidade.

É por diferentes ordens de discurso que a cidade se significa. É por esses atravessamentos ideológicos que a cidade funciona e esses discursos fazem com que o espaço urbano se organize em níveis, organizações sociais de ordem política, jurídica e ambiental, por exemplo.

O engendramento político que constitui a cidade, podendo ser quaisquer tipos e tamanho de cidade, é um fator determinante no processo de significação dos discursos, dos sentidos e dos sujeitos que compõem o espaço urbano. Esse jogo político organiza e posiciona a cidade num lugar específico, um lugar de significação. Em relação ao discurso midiático, por exemplo, a afirmação é válida, pois há o atravessamento ideológico que a constitui enquanto tal.

Dessa forma de compreender o território, o corpo social e o corpo urbano, estes formam um só, conforme Orlandi (2004), dada a corporeidade política da cidade em relação ao social, em suas várias dimensões: o ecológico, o cultural, o econômico, entre outros. A memória digital, essa memória arquivada nos computadores e nas redes, formam uma quantidade infinita de organização que tocam a da cidade e de um sistema que regula "uma historicidade, chamada de memória metálica" (ORLANDI, 2010, p. 9).

Essa memória, arquivada na rede, é marcada por uma repetição. Há um acúmulo de informações que emergem no espaço midiático através da *internet*, que gera um efeito parecido com o da memória psíquica, os fragmentos de estar aqui, ali e acolá, ao mesmo tempo (ORLANDI, 2010).

Portanto, segundo Orlandi (1999) "a produção de sentidos estará sempre sujeita a mecanismos de interdição, pela "censura e pela força"" (ORLANDI, 1999, p. 63), visto que, nessa relação, a produção de sentidos é sujeita a vários mecanismos de interferência, produzindo um efeito de que determinados sentidos parecem impossíveis.

Assim, os sujeitos se utilizam de várias formas, várias tecnologias, no sentido de organizar e produzir a história de si, ou seja, um modo de dizer de si, relacionado à memória e a história, na/pela língua, com uma relação com a tecnologia.

2.3. O espaço *e*-urbano: sentidos do eletrônico

"*[...] a cidade se modifica em função do e- [...]*".

(CRISTIANE DIAS, 2011).

Segundo Dias (2011), ao trabalhar a relação entre o espaço urbano e os sentidos que fluxionam-se no percurso dos fios digitais, estes se constituem enquanto outros espaços de significação da urbanidade, tais como "*e*-book, *e*-learning, *e*-busines, *e*-gov e outras como, *e*-comércio, *e*-cidadania, *e*-compras, estas são tomadas, de modo geral, na evidência do sentido, como se o eletrônico fosse um sentido natural para todos" (DIAS, 2011, p. 11).

Nesse entendimento, interessa-nos os discursos e sentidos que emergem da relação entre o espaço urbano e o espaço eletrônico, nomeado pela pesquisadora de sentidos do *e*-urbano (DIAS, 2011).

Dias (2011) explica que o "*e*-", de eletrônico:

> [...] passa a constituir o espaço urbano em sua própria formulação. Dessa forma, quando nos referimos a uma série de palavras que fazem parte hoje da nossa urbanidade, tais como *e*-book, *e*-learning, *e*-business, *e*-gov e outras como, *e*-comércio, *e*-cidadania, *e*-compras, estas são tomadas, de modo geral, na evidência do sentido, como se o eletrônico fosse um sentido natural para todos (DIAS, 2011, p. 11).

Desse modo, Dias (2011) afirma que, no que se refere à composição dessas palavras, o eletrônico ocupa uma função de qualificação dos substantivos que os precedem (DIAS, 2011). Ou seja, todas essas palavras estão funcionando como sendo parte do domínio eletrônico, tais como: "o livro eletrônico, o comércio eletrônico, o correio eletrônico, o governo eletrônico, a cidadania eletrônica" (DIAS, 2011, p. 11). Valemo-nos, pois, dessas premissas, para compreender os efeitos de sentidos produzidos sobre o urbano.

Ademais, esses sentidos produzidos a partir da formação dessas palavras são bem diferentes dos sentidos dicionarizados, por exemplo, os quais trouxemos à composição das análises deste trabalho. Com efeito, esses novos sentidos do "*e*-" incidem de formas diferentes das quais estamos acostumados, ao tratar dessas palavras em outro contexto, em outros lugares de significação.

O modo como a língua é inscrita na história define e produz o sentido desses termos na vida cotidiana, isto é, diferentemente do sentido dicionarizado. Consideramos, pois, ainda com base nas proposições de Dias (2011, p. 12), "mostrar o funcionamento do eletrônico numa dada formação social".

Daí, questionamo-nos acerca dos sentidos produzidos no espaço urbano pelo eletrônico. Noutras palavras, perguntamo-nos: "Como é que a ideologia está funcionando de

modo que o sentido do eletrônico nessas formulações seja tomado como transparente?" (DIAS, 2011, p. 12).

A formação social é, antes, uma estrutura que se sustenta pelo discurso, e, aqui, mais especificamente, pelo eletrônico enquanto ideologia, no sentido da construção do(s) sentido(s) do mundo "determinado pelo eletrônico, pelas telecomunicações, pela comunicação em rede, digital, enfim, desse processo de globalização" (DIAS, 2011, p. 12), em que as palavras compostas pelo -e representam o processo que leva à determinação desse mundo, na esfera da linguagem.

Dias (2011) diz que:

> A forma material das palavras compostas pelo e- é um processo de construção do sentido do mundo determinado pelo eletrônico, pelas telecomunicações, pela comunicação em rede, digital, enfim, desse processo de globalização (DIAS, 2011, p. 12).

Considerando a forma material da língua, é desmontada "a evidência, a transparência do sentido produzida pela relação imaginária com a linguagem" (DIAS, 2011, p. 12). Quando fazemos isso, faz-se, também, a materialidade do discurso aparecer, entendida, aqui, como sendo a relação entre a língua e a exterioridade, sua constituinte.

Assim, segundo nos ensina Dias (2011) "Por essa razão, a análise do *e*- (eletrônico), seja na formulação de palavras, seja na formulação de conceitos e políticas públicas, nos leva à compreensão do funcionamento do discurso das novas tecnologias" (DIAS, 2011, p. 13). O funcionamento do discurso do eletrônico proporciona a modificação da cidade em função do -*e*.

Os instrumentos tecnológicos, ora parte de nossa vida quotidiana, como os celulares/*smartphones*, por exemplo, ressignificaram/ressignificam a relação entre os sujeitos e dos sujeitos com o mundo. Nesse sentido, o próprio arranjo social se reconstrói, a partir de sentidos outrora inexistentes. Podemos, inclusive, como provocação, sugerir a existência de um outro sujeito, constituído especialmente pelo digital, pelo -*e* – um sujeito condicionado a um discurso específico, que habita, não o urbano como o entendemos, mas o urbano das redes, um lugar digital, simbólico.

As reflexões nos levam a pensar a sociabilidade no ambiente determinado pelo eletrônico. Regida, de acordo com Orlandi (2001), pelo modo de organização da cidade, que, nas palavras de Dias (2011), é "o traçado do contorno resultante de uma interpretação do mundo" (DIAS, 2011, p. 14).

No mundo contemporâneo, globalizado, conectado, o eletrônico significa o social – as relações acontecem, majoritariamente, *por meio do* e *no* eletrônico. As redes sociais são o suporte às relações no mundo em que vivemos hoje. Isso reverbera, impreterivelmente, nos sentidos do urbano. A cidade, outrora produção industrial, relacional, passa a ser a cidade da conectividade.

É no meio urbano, que o sujeito tem maior acesso ao eletrônico. Isso não se restringe, evidentemente, ao uso do *smartphones* ou outros *gadgets*. O eletrônico está no transporte – aplicativos como *Uber*, *Pop99*, contribuem para com o discurso do eletrônico no cenário urbano –, na alimentação – aplicativos como *iFood*, também ressignificam o espaço urbano através do eletrônico (DIAS, 2011).

Diversos outros aplicativos e serviços ressignificam o espaço urbano. Até mesmo o sistema de segurança é condicionado pelo eletrônico das câmeras de segurança integradas à rede, ou, ainda, pelos drones que auxiliam o policiamento.

Conforme Dias (2011):

> [...] o e-urbano é a forma material da cidade contemporânea, através dele, da forma material da palavra, mas também da forma material da cidade, compreendemos 1) o processo de produção de sentido no e do espaço urbano, significado pelo eletrônico, e 2) o processo de produção da vida no que diz respeito às suas relações sociais nesse espaço urbano significado pelo eletrônico (DIAS, 2011, p. 14).

O eletrônico constrói sentidos no espaço urbano, ao passo em que ressignifica as relações. Por um lado, estamos, mais do que nunca, conectados. Por outro lado, as relações são frágeis, à distância. O distanciamento das relações faz parte do cabedal ideológico do mundo regido pelo eletrônico.

Os olhos são voltados às telas, às máquinas, porque as pessoas estão nas telas e nas máquinas – o que decorre do progresso, no sentido capitalista do termo, ligado aos preceitos de ordem consumista. O sujeito é ressignificado. Passa a ser, agora, a sua imagem no ambiente eletrônico.

Segundo Dias (2011):

> O vídeo cassete e a televisão que há poucos anos faziam parte apenas da esfera doméstica ou de trabalho, hoje, com o digital, faz parte da rua, do espaço urbano, já que é possível assistir televisão no celular enquanto se espera o metrô ou o ônibus. A correspondência, que também era algo da ordem "privada" da vida do sujeito, com os sistemas digitais, se publiciza, fazendo parte das relações com e no espaço da rua. É possível ler um e-mail. Todos esses aspectos vão mostrando a repercussão da tecnologia digital na vida dos sujeitos, nas suas práticas (DIAS, 2011, p. 16).

O discurso, então, produz os sentidos do eletrônico e altera o modo como o sujeito age. Talvez a característica mais evidente do discurso do eletrônico no meio urbano é a apologia à praticidade, à versatilidade. Essas características, concebidas como favoráveis, ideologicamente, geram um processo de assujeitamento/alienação, em que a prática dos sujeitos passa a ser definida com base nesses pressupostos, de que o eletrônico é prático ou versátil. Não é necessário um ambiente físico específico quando, em mãos, temos uma infinidade de ambientes eletrônicos.

Estamos, nesse sentido, "cada vez mais rodeados por objetos que se conectam conosco e que se conectam entre si" (DIAS, 2011, p. 19), gerando novas formas de assujeitamento ao eletrônico. Esses objetos, "mais do que conectar, aliás, colocam sujeitos relacionando-se entre si, ao mesmo tempo em que colocam objetos relacionando-se entre si" (DIAS, 2011, p. 19).

O objeto, ao relacionar-se com outro pela linguagem, assume uma importante posição ideológica, de manter tudo interligado. O eletrônico, estando interligado, mantém (virtualmente) interligados os sujeitos. Lembramos que o sujeito está, sempre, sujeito a algo. Aqui, esse algo é representado pela ação "interligante" dos eletrônicos.

As diferentes linguagens que constituem o modo como a sociedade contemporânea se apresenta são fruto de "um processo de significação do mundo que tem uma discursividade específica, um modo de inscrição histórica dos sentidos e dos sujeitos, uma materialidade" (DIAS, 2011, p. 19).

Essa materialidade, entendida, aqui, como a materialidade da linguagem e do discurso. A discursividade específica implica em uma ideologia específica ao assujeitamento, que, no caso da sociedade contemporânea, é uma miscelânea que inclui conexão, informação, por exemplo.

O sujeito passa a ser, dessa maneira, a partir da relação com diferentes linguagens, tecnologias, ou ainda, diferentes materialidades, como assinala Silva (2011):

> [...] o leitor, o telespectador, o navegador etc., que, funcionando no quadro estrutural da comunicação, é situado no lugar do "receptor", ou seja, do consumidor de "mensagens", seja informação ou entretenimento, sejam textos verbais ou imagens etc. – essa é uma situação "ideal", no sentido em que nem sujeito nem linguagem podem ser assim mecanicamente concebidos, mas é também um imaginário pelo qual os interlocutores em jogo se relacionam (SILVA, 2011, p. 49-50).

Metaforicamente, o sujeito é o receptor do discurso, da ideologia. É, a posteriori, um reprodutor dos arquétipos desse discurso ou dessa ideologia. Não ignoramos, no entanto, o

caráter subjetivo da linguagem, a que o indivíduo está, também, assujeitado pela ideologia (SILVA, 2011).

Tudo o que envolve os mecanismos proporcionados pela *internet*, em suma, os programas de televisão, sejam canais fechados ou via satélite, se inscrevem na história enquanto parte de uma "Comunicação institucionalizada, produzem sentidos de qualificação para o consumo das mensagens públicas e para o público enquanto cidadão consumidor" (SILVA, 2011, p. 52).

Ou seja, nessa compreensão, o fomento está relacionado com o modo como os sujeitos urbanos alçam uma compreensão a respeito dos espaços que os cercam, por conseguinte, o entendimento do discurso de infraestrutura que se revela nos vídeos e nos mapas interativos do Projeto Infra em Movimento.

Os mecanismos digitais se constituem, ao passo em que, por exemplo, o âmbito televisivo, como Silva (2011) chama de comunicação institucionalizada se projeta nos fios e teias do discurso. Esse lugar de dizer produz efeitos de sentidos que qualificam os sentidos de consumo por detrás das mensagens públicas veiculadas nas formulações imagéticas em vídeos, mapas, figuras e demais recursos audiovisuais que são construídos e disseminados na rede eletrônica a todo momento na sociedade.

Por consequência, se produz um efeito de evidência e de confiabilidade ao público leitor e consumidor quando pensamos nos assuntos que circundam os modos de comunicação *on-line*. O cenário que a *internet* e os recursos eletrônicos dispõem, na contemporaneidade, reorganiza e projeta os preceitos capitalistas em um engendramento que se fortalece por meio do discurso.

O efeito de interação, tal como sugere o nome dos mapas não se configura enquanto uma interação no sentido literal da palavra, pois interação supõe-se influência mútua de organismos que se interrelacionam, ou seja, produzem uma ação mútua e/ou compartilhada entre dois ou mais corpos ou indivíduos.

Nesse caso, o corpo eletrônico e o corpo da cidade (corpos dos sujeitos urbanos) não se relacionam numa relação de interação, mas produzem esse efeito de completude pelo discurso que se consolida nos materiais que são dispersados no meio eletrônico.

Segundo Silva (2011) em termos do funcionamento de um imaginário político:

> [...] a ***internet*** representa um novo cenário nas comunicações. Então, se a televisão brasileira constitui a imagem de um cidadão brasileiro no imaginário de uma **integração nacional**, a ***internet*** constitui a imagem de um cidadão globalizado no imaginário de uma comunicação **globalizada**, sem fronteiras. Se na televisão a comunicação com o telespectador o situa como parte de uma

> massa, e numa posição passiva, na ***internet*** a comunicação, não mais unidirecional, imprime uma imagem de interatividade e "**navegabilidade**", dada a sua configuração enquanto **rede** (SILVA, 2011, p. 60, **grifos nossos**).

Conforme apontado por Silva (2011) vemos a relação do eletrônico com as questões de globalização, onde o *e-* está se acoplando e se integrando à realidade dos sujeitos, do citadino e em várias ordens e organizações sociais. As interações contemporâneas estão cada vez mais necessitando do fluxo do *e-*.

Com isso, além da liquidez e da rapidez dessas relações, compreendemos que o sujeito urbano é parte integrante dessa nova visão de que o fluxo do eletrônico pode mediar e constituir todo o tipo de relação, seja concernente ao mercado, seja *entre* e *por/para* sujeitos. Compreendemos que o espaço eletrônico deve ser tomado enquanto um lugar de produção de discursos de âmbito midiático. Esses discursos fazem parte da constituição das sociedades e se inscrevem em um imaginário próprio.

No processo de identificação frente à sociedade democrática, o sujeito considera que é autônomo, mas do ponto de vista da Análise de Discurso ele está condicionado a determinados funcionamentos ideológicos na/da linguagem, por conseguinte, no meio digital/eletrônico, não ocorre diferente. Assim, as representações políticas veiculadas nesse meio produzem efeitos de sentido de integração, de interação, conforme vimos discutindo no decorrer das análises desta pesquisa.

No que se referem aos discursos permeados pelos efeitos da globalização, fica expresso o sentido de evidência de um consumo de ordem consciente. Porém, há um distanciamento dessa compreensão quando pensamos nas condições de produção em que estão inseridos os vídeos e os mapas interativos do Projeto Infra em Movimento.

Silva (2011) diz que, do ponto de vista da publicidade:

> [...] podemos dizer que o advento da *internet* reorganiza a circulação das mensagens ao cidadão consumidor: muitas propagandas na televisão apontam para a *internet*, produzindo-se, para as relações entre televisão e *internet*, diferentes sentidos (SILVA, 2011, p. 61).

Desse modo, ocorre a opacidade no discurso que circula no meio eletrônico. Partindo da afirmação de que o homem se constitui em sujeito *na* e *pela* linguagem, percebemos as vozes que atravessam os discursos midiáticos, abrindo espaços às materialidades e os equívocos nos sentidos inscritos na história.

Assim, "[...] pela Análise de Discurso, podemos perceber a questão da significação, ou a necessidade do sentido" (CANTORI, 2011, p. 113), já que: "se um sentido é necessário,

ele é possível; se impossível, é porque não é necessário historicamente" (ORLANDI, 2007, p. 152).

Portanto, de acordo com Takahashi (2000):

> A sociedade da informação não é um modismo. Representa uma profunda mudança na **organização** da sociedade e da economia, havendo quem a considere um novo paradigma técnico-econômico. É um fenômeno global, com elevado potencial transformador das atividades sociais e econômicas, uma vez que a estrutura e a dinâmica dessas atividades inevitavelmente serão, em alguma medida, afetadas pela infraestrutura de informações disponível (TAKAHASHI, 2000, p. 5).

Noutras palavras, as novas organizações das sociedades contemporâneas dependem dessas interferências proporcionadas pelo eletrônico para que os fios do discurso e as teias de significação, inscritas na história, possam produzir deslocamento de sentidos à constituição do espaço urbano.

Ainda que as questões de sustentabilidade caminhem rumo à opacidade, as evidências do *e-* se complementam no emergir do discurso midiático atrelado aos preceitos sociais vigentes.

2.4. *Ordem* e *organização*: o movimento que institui um imaginário de cidade

Como já discutimos, a cidade, segundo Orlandi (2004), significa na relação de *ordem* e *organização*. A *ordem* tem a ver com o simbólico, trata-se do lugar do real da língua, do real da cidade, ou seja, o lugar da produção do discurso; por outro lado, a *organização*, trata-se de como a cidade se organiza por meio de leis.

Para Orlandi (2004), "a ordem, [...] não é o ordenamento imposto, nem a organização enquanto tal, mas, a forma material. Interessa ao analista não a classificação, mas o funcionamento" (ORLANDI, 2004, p. 45).

> O conceito de ordem e organização, trata-se desses em relação à língua, em que, a organização é o lugar de interpretação da língua e a ordem é o que escapa dela e faz emergir outros sentidos. Assim, há no discurso, o real da língua e o real da história. O real da língua é a não transparência, é lugar do equívoco, da contradição. O real da história é a contradição (ORLANDI, 2007, p. 46).

Diante dessas questões, pelo que se materializa no mapa interativo do projeto, vemos que o imaginário de cidade se coloca em funcionamento pela *organização* da cidade projetada.

Os mapas interativos compõem o Projeto Infra em Movimento, conforme já dito, disponível no portal G1, pertencente ao Grupo Globo.

De acordo com Carozza (2013)

> Assim, é possível falar da textualização do corpo pelas novas tecnologias, pensando o sentido de textualização na relação com a linguagem, no batimento entre sua ordem e sua organização. Essa noção, tomada na relação com o corpo, possibilita-nos supor que, quando se depara com o corpo alterado, o modo como é modificado é um modo de textualização (CAROZZA, 2013, p. 62).

Pelo funcionamento discursivo dos mapas, tudo é planejado, pensado metricamente, encaixado por uma linguagem computacional e numérica. Segundo Orlandi (2003), trata-se de uma linguagem metálica que faz funcionar sentidos sobre a cidade. Desse modo, tomamos, a priori, o primeiro mapa disponível na plataforma, com o objetivo de analisar o que se coloca em funcionamento; e, em seguida, o mapa atual, que, segundo a proposta, mais completo para se pensar e explicar o território urbano.

Diante dessa questão, pelo que se materializa nos mapas interativos do Projeto Infra em Movimento, observamos que o imaginário de cidade se dá pelo efeito de *organização* da cidade projetada, conforme demonstrado na (Figura 1):

Figura 1 – Mapa Interativo I (Primeiro material de análise)

Fonte: G1/Em Movimento (2017)[9].

[9] Disponível em: http://em-movimento.g1.globo.com/2017/. Acesso em: 20 jul. 2019.

O primeiro mapa interativo (Figura 1), disponível na plataforma, trata-se de um *Graphics Interchange Format* (GIF), ou seja, uma imagem em movimento, sendo, uma das coisas que se difere do mapa interativo atual. Porém, o que chamamos, à atenção, é a forma com que a cidade virtual organiza o espaço citadino. Nesse sentido, Dias (2011) nos diz que "[...] A noção de rede vai, portanto, significar o modo de organização das sociedades naquilo que concerne os modos e os meios dessa organização, mas também sua ordem [...]" (DIAS, 2011, p. 127).

Nesse primeiro mapa interativo, a parte central da cidade se metrifica de forma retangular, típicas de cidades mais antigas. Podemos perceber, também, que a cidade é arborizada e com áreas verdes, com muitos prédios e conjuntos habitacionais. Podemos perceber que, nesse mapa, há um lugar para o habitante na cidade, esse mapa, de acordo com o que se nota enquanto organização, projeta no bem-estar dos sujeitos.

Segundo Santos (2002), historicamente, os mapas se constituíram como um texto. No entanto, ao passo em que eles possuem características próprias de imagem e de descrição de algo e/ou algum lugar, os mapas acabam por emergirem um efeito de imparcialidade. Soares (2016) mobiliza um trabalho de releitura dos mapas a partir do seu contexto histórico-ideológico, uma vez que os sentidos escapam da constituição dos mapas.

Soares (2016) nos ensina que "o mapa ultrapassa o campo da evidência, o semanticamente estabilizado" (SOARES, 2016, 41). Porém, "os registros cartográficos surgiram como mediação da necessidade do homem em se movimentar, se deslocar e se acomodar para garantir o seu sustento de modo que, o par ir e vir, está intrinsecamente ligado com a questão do mapa" (SOARES, 2016, p. 41).

Isso quer dizer que as formulações dos mapas interativos do Projeto Infra em Movimento inscrevem-se em uma historicidade que diz respeito ao sujeito e o espaço urbano. "[...] é esse o ponto que abre para pensarmos a relação do mapa com o sujeito, desde sempre assujeitado e controlado" (SOARES, 2016, p. 41).

Outro ponto significativo, diz respeito aos meios, fatores que sustentam a cidade – por exemplo, fontes de energias para o consumo urbano, alimentação e matéria prima para as indústrias – mas, pelo que se coloca em funcionamento, o efeito que se produz é como se a cidade fosse autossustentável. Não há o funcionamento desses fatores que sustentam a cidade, há somente o funcionamento deste na cidade retangular, organizada e que se move e, à medida que se move, funciona, e à medida que funciona, se mantém e constitui sujeito e espaço, numa dada linguagem lógico-matemática, simétrica.

É pela projeção cartográfica da cidade virtual, que o projeto coloca, em funcionamento, uma concepção de cidade, que, por consequência, apaga outros sentidos de cidade. Nessa primeira figura, há uma preocupação com a sustentabilidade, com os habitantes, e no seu funcionar, a cidade se coloca como um lugar autossustentável, por exemplo, como se produzisse e consumisse sua própria energia e alimento. Nesse sentido, até mesmo o local em que essa cidade se inscreve é um lugar determinado.

Pela (Figura 1), percebemos que essa cidade é uma cidade litorânea, pois está cercada por praias e um mar, visto que essa diferença é percebida facilmente em relação ao segundo mapa interativo (Figura 2), em que, ao invés de praia, tem um rio que corta a cidade e significa, também, na constituição da cidade. Nessa direção, a cidade projetada pelo primeiro mapa interativo parece flutuar – como se fosse uma ilha.

Diferentemente, podemos perceber que, no atual mapa interativo, a cidade ganha novos sentidos, novas formas de se organizar, por consequência, novas formas de significar.

Figura 2 – Mapa Interativo II (Segundo material de análise)

Fonte: G1/Em Movimento (2019)[10].

[10] Disponível em: http://em-movimento.g1.globo.com. Acesso em: 20 jul. 2019.

As características desse segundo mapa interativo são peculiares, visto que, nesse mapa, de antemão, percebemos a modernidade inscrita, tanto na forma de organizar, quanto na forma de amarrar os elementos que constituem o espaço urbano como um todo.

Esse mapa interativo, mais "completo" que o outro, diz de novos segmentos que constituem o espaço urbano, bem como institui novas perspectivas em relação à globalização e uma forma de representar o crescimento das cidades brasileiras, como se a mudança fosse sempre positivamente.

Nesse mapa interativo, percebe-se que a cidade não possui mais uma relação sustentável, pois, nessa formulação, a cidade é menos verde, há uma representação muito forte da cor cinza no mapa. Isso não é por acaso, a cor cinza é uma forma de metaforizar o concreto que cobre o verde, que levanta prédios e contribui para o superaquecimento do espaço urbano, consequentemente, trazendo prejuízo para a população.

Portanto, há uma contradição com o próprio dizer do Projeto Infra em Movimento, que sempre pensam no bem-estar dos habitantes e distancia-se da preservação ambiental, das questões de sustentabilidade. Vemos que essa forma de dizer pelo discurso imagético no mapa, silencia a voz do próprio projeto que sempre marca e justifica pensar sempre no bem-estar da população, ou seja, no modo de dizer apaga questões não somente de sustentabilidade, mas também de qualidade de vida dos sujeitos.

A cidade é representada pelo amontoado de concreto que se diz no apagamento do verde em relação ao primeiro mapa, mas que, na formulação dos vídeos de resumo e apresentação das características que constituem a cidade, aparecem de forma mais abrangente, inclusive pautada e primada pelo Grupo CCR, enquanto vertente de cuidado e preocupação para com a qualidade de vida dos sujeitos, estes, nos dizeres dos vídeos,[11] são os responsáveis pela preocupação com a qualidade de vida e a sustentabilidade do espaço urbano, que o Grupo CCR tem como objetivo.

Outro ponto a ser notado é o centro da cidade: já não é mais retangular, como visto no primeiro mapa, mas, sim, circular, trazido como central, na relação de centro econômico, que se desdobra em ruas e vias que ligam esse centro às demais ramificações da cidade. O centro circular é típico das cidades planejadas que temos, na atualidade.

Assim, o caráter tecnológico de planejamento, de globalização e urbanização das cidades se materializa nesse mapa, além de que, o segundo mapa, em linhas de extensão, é relativamente maior que o primeiro, isso faz sentido à constituição, tendo em vista o rol de

[11] Discutiremos um pouco mais a respeito de um dos vídeos que integram um dos mapas interativos para exemplificar e discutir essa relação de sujeito, globalização e sustentabilidade.

vertentes adicionadas ao espaço urbano que não apareceram na formulação do primeiro, tais como: mineração, siderurgia, cidades verdes, energia eólica e hidrelétrica.

Ao projetar um mapa, nesse caso, um mapa que representa uma certa completude do espaço urbano, tanto em questões de organização, quanto em questões de subsídios necessários ao funcionamento e qualidade de vida dos sujeitos urbanos, o projeto diz de um imaginário bem atual em nossa sociedade, o imaginário de modernidade, da padronização e da compartimentação da moradia, do trabalho, e, por consequência, do modo de viver dos sujeitos citadinos.

Ao passo em que é instaurada essa premissa, podemos perceber, através desse imaginário de pós-modernidade, que as relações do sujeito com as tecnologias têm se instaurado, cada vez mais, no que se refere ao acesso à informação e a informatização, através do fluxo tecnológico que liga os sujeitos ao espaço urbano. Pensar essa relação, é deslocar e permear novos caminhos e perspectivas em relação ao convívio urbano.

Quando vemos uma cidade organizada como tal, autossustentável, que garante a segurança, a qualidade de vida e as perspectivas dos sujeitos que as compõe, vemos o quão incidente é o movimento das grandes interferências do sistema capitalista, a que estamos sujeitos, no que se refere ao sistema enquanto regente e constituinte da sociedade brasileira. Assim, o mapa se inscreve na atual conjuntura, reverberando sentidos sobre as cidades globalizadas no século XXI.

A sobressalência do investimento de capital, bem como a opacidade do discurso ecológico nesse mapa, em relação ao primeiro, também se coloca em funcionamento. A modernização desse espaço e as questões ecológicas – de preservação ambiental, equilíbrio – inseridas no segundo mapa), projetam um imaginário de cidade que se inscreve numa perspectiva capitalista. Logo, estamos falando de um discurso comum às cidades, pois uma cidade é dita desenvolvida quando consegue promover e movimentar o capital. Assim, vemos a evidência trabalhando por meio do efeito ideológico.

Ao inserir mineração, siderurgia, cidades verdes, energia eólica e hidrelétricas à constituição do corpo da cidade, o projeto insere, também, o ideal de necessidade dessas vertentes na constituição das cidades, uma vez que, para que a cidade se movimente, para que ela funcione e os sujeitos se movimentem, necessariamente, esses novos recursos devem estar em funcionamento e em concordância com o movimentar dos sujeitos, para que, qualidade de vida, construção e modernização fluam e se desenvolvam no âmbito citadino.

Assim, nas ruas da cidade projetada no mapa interativo, por entre os concretos do capital, o discurso de sustentabilidade é silenciado, pois objetiva-se projetar, ao sujeito, outro

imaginário, o de modernidade, comodidade, escoamento flexível de produtos e pessoas pelas vias da cidade, onde, como descrito no segundo mapa interativo, a cidade concebida através do projeto, é a cidade que se tem como *start* no século XXI, funcionando como um futuro possível a todas as cidades, bem como das gerações futuras de sujeitos que ocuparão os espaços urbanos.

Como mencionado anteriormente, um dos pontos que diferem os dois mapas interativos está relacionado com os novos recursos que o espaço citadino reformulado adquire para o desenvolvimento do urbano, o sistema de abastecimento de água, energia eólica, hidrelétrica e recursos e matérias primas para as indústrias. Esses recursos dizem e se inscrevem na perspectiva industrial, pois o espaço urbano precisa desses recursos para abastecer-se, renovar-se e constituir-se, assim como os sujeitos que circulam pelas ruas da cidade também necessitam de tais recursos.

Nesse sentido, a cidade materializada nesse mapa interativo diz de uma cidade que traz consigo todos esses recursos, dando um ideal de completude e de movimento citadino em relação ao fluxo contínuo de economia, no que concerne aos novos recursos, explorados pela nova cidade que emerge dessa relação.

Tal como nos ensina Rama (2015) as cidades vinham erguendo-se aos moldes das cidades litorâneas. Ou seja, eram cidades que imitavam as classes superiores, deixando de lado as questões da marginalidade presentes no corpo citadino. Desse modo, o progresso se dava, ora vertical, ora horizontal, pelo que se tinham como ideais de sociedade e espaço urbano e o que sobrasse, à margem, era acoplado ao corpo urbano, porém em anexos dispersos dos grandes centros políticos.

Esses novos recursos possibilitam uma melhor qualidade de vida e de organização social, visto que a cidade projetada, construída e pensada dessa maneira, ocasiona uma circulação de sujeitos de maneira bem mais moderna onde tudo está ao alcance da cidade, dos sujeitos que nela se inscrevem, diferentemente do primeiro mapa.

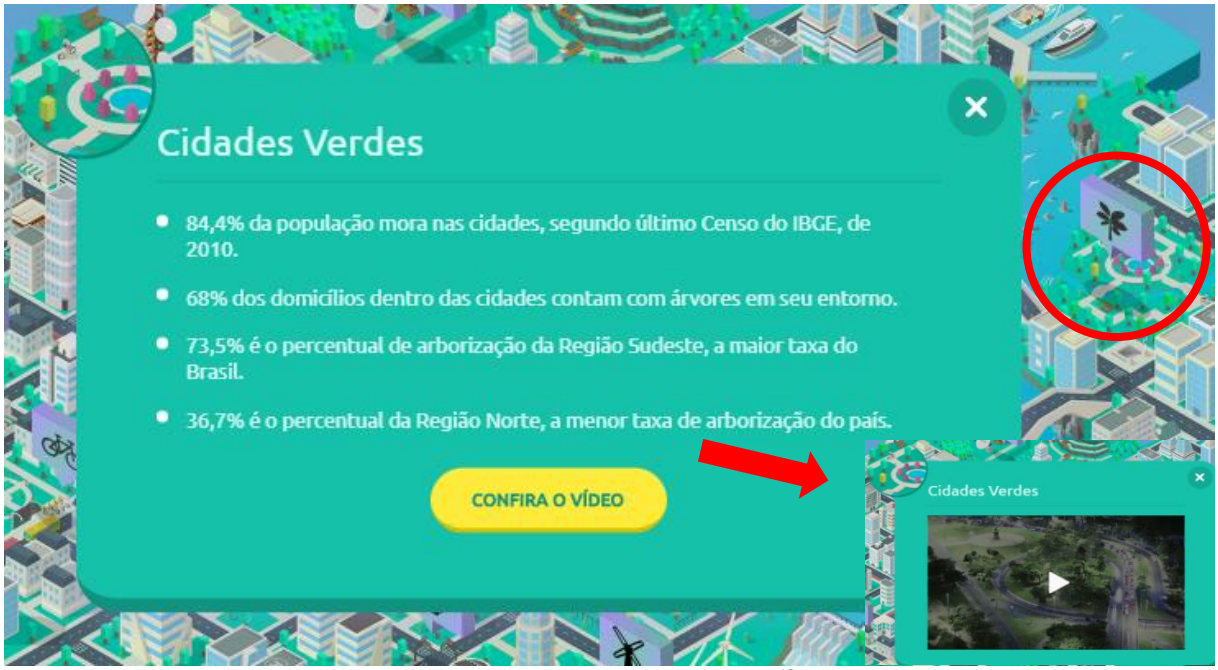
Do primeiro mapa interativo para o segundo, há a diferença pelo que se organiza e pelo que se materializa no urbano, ou seja, há uma organização que define o espaço urbano. O imaginário de cidade que se marca e se significa, marca uma ordem para esse discurso. Essa ordem faz funcionar o imaginário do mapa, que se contradiz com as cidades reais, pois a ordem das cidades reais se significa pela desorganização do espaço urbano.

A cidade projetada pelo mapa diz de um espaço urbano que se inscreve pelo discurso de sustentabilidade e de capital, silenciando todos os outros discursos que se inscrevem nas cidades desorganizadas. Porém, mesmo as cidades projetadas nos mapas, em que há uma organização, uma linguagem metálica, não se escapam à opacidade da língua(gem), pois, ao

falar, dizer e organizar a cidade, os sentidos escapam, determinam um imaginário de cidade, e, por meio desse imaginário, temos acesso aos discursos que sustentam toda as formulações e o modo de significar, pelo que se contradiz e institui enquanto efeito de sentido.

Tendo em vista as concepções discutidas até agora, torna-se necessário discutir, também, um dos vídeos do mapa interativo. Tomamos, então, o vídeo intitulado 'Cidades Verdes'.

Figura 3 – Resumo sobre cidades verdes, representado pelo ícone de árvore, seguido de vídeo demonstrativo



Fonte: G1/Em Movimento (2017)[12].

Essa parte informativa compõe os dois mapas interativos do Projeto Infra em Movimento. Esse sítio traz informações a respeito da população e das áreas que são arborizadas na cidade, as chamadas áreas verdes.

Ao lado, a plataforma disponibiliza um vídeo informativo, com os seguintes dizeres:

> Cidades Verdes e Construções Sustentáveis. Movimentar é: cuidar do verde das cidades. A construção e a infraestrutura continuam se movimentando para respeitar as leis ambientais que protegem a natureza, preservando no mínimo, 20% da vegetação de cada propriedade ao incorporar as terras rurais em centros urbanos, protegendo a flora, as nascentes e os rios. Planejando a expansão das cidades de forma sustentável, recuperando solos contaminados para novos empreendimentos. Cultivando árvores e plantas para manter o equilíbrio entre obras e áreas verdes. Ampliando a permeabilidade do solo, planejando melhor os espaços e criando parques públicos, para que empresas sigam produzindo e pessoas continuem se movimentando, com mais

[12] Disponível em: http://em-movimento.g1.globo.com. Acesso em: 15 mar. 2019.

> qualidade de vida e consciência de preservação. É uma indústria que move riquezas, que move cidades, que move e constrói o Brasil. Em movimento. Tá na Globo! Oferecimento: CCR, infraestrutura que coloca o Brasil em movimento (G1/EM MOVIMENTO, 2019, não paginado).

Observa-se que, no próprio dizer do vídeo, há uma preocupação com o verde na cidade, e cabe ao planejamento respeitar as áreas verdes, e, quando perdidas, recuperá-las. Porém, na sequência, ao final do vídeo, há uma contradição em relação aos sentidos postos, pois esse trabalho de movimentar e planejar a cidade se dá com um único objetivo, o de gerar riqueza, pois "é uma indústria que move riquezas, que move cidades, que move e constrói o Brasil", assim vemos a sustentação do discurso atrelado ao lucro, ao capital.

De acordo com a CF/88 (BRASIL, 1988), em seu Art. 23., "[...]. É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios: [...] VI – proteger o meio ambiente e combater a poluição em qualquer de suas formas; [...] (BRASIL, 1988, p. 28-29).

Ou seja, há, na legislação que regulamenta as relações sociais e ambientais do país, a preocupação com os impactos ambientais em seus vários aspectos. Porém, compreendemos que os discursos do eletrônico não estão nessa consonância, visto que as empresas de âmbito privado silenciam o modo como deve ser enfrentada a preservação do ambiente urbano.

A CF/88 nos traz, com efeito, o Art. 170., o qual dispõe que:

> [...] A ordem econômica, fundada na valorização do trabalho humano e na livre iniciativa, tem por fim assegurar a todos existência digna, conforme os ditames da justiça social, observados os seguintes princípios: [...] VI – defesa do **meio ambiente**, inclusive mediante tratamento diferenciado conforme o **impacto ambiental** dos produtos e serviços e de seus processos de elaboração e prestação; [...] (BRASIL, 1988, p. 109, **grifos nossos**).

Nessa parte do documento, assim como em outros artigos, incisos, alíneas e parágrafos, deparamo-nos com os dizeres 'meio ambiente' e 'impacto ambiental'. Ao que podemos observar, levando em consideração o que se postula a respeito de infraestrutura e sustentabilidade nos recortes que fizemos às análises desta pesquisa, compreendemos que as legislações e políticas empresariais, tanto públicas quanto privadas têm preocupação em inserir esses preceitos em suas práticas frente à sociedade.

Contudo, vimos que as cidades, do ponto de vista digital/eletrônico não são cidades que possuem falhas. Os sentidos não escapam nesses modelos de cidade, de organização social. Há uma produção do efeito de evidência pelo que circulam nas legislações, em suma, nas políticas de conduta e compromisso com o social aos quais, por exemplo, a Companhia de

Concessões Rodoviárias colocam em funcionamento nos discursos que se inscrevem nos ícones dos mapas interativos.

Há, desse modo, o movimento de progresso citadino, de constante mutação do espaço e das questões sociais e ambientais, e, em contrapartida, os silenciamentos sobre o ecológico e o que se tem de qualidade de vida urbana, ficando na opacidade, ao passo em que os sujeitos trabalham, constroem, caminham e se movimentam nos perímetros urbanos 'sustentáveis' e 'infraestruturados', conforme postulado pelos vídeos e mapas interativos do Projeto Infra em Movimento.

A CF/88, no Art. 225., incisos IV e V, compreende, ainda, que:

> Art. 225. Todos têm **direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado**, bem de uso comum do povo e essencial à sadia **qualidade de vida**, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e **futuras gerações**. [...] IV – exigir, na forma da lei, para instalação de obra ou atividade potencialmente causadora de significativa degradação do meio ambiente, **estudo prévio de impacto ambiental**, a que se dará publicidade; [...] V – **controlar a produção, a comercialização e o emprego de técnicas, métodos e substâncias que comportem risco para a vida, a qualidade de vida e o meio ambiente**; [...] (BRASIL, 1988, p. 131, **grifos nossos**).

O Art. 225., assegura que 'todos' têm o direito a usufruir de um meio ambiente ecologicamente equilibrado. Porém, quando observamos essa formulação, pensamos nas condições às quais encontram-se os moradores dos conglomerados de favelas e/ou dos sujeitos que vivem às margens dos esgotos das grandes metrópoles, ou, ainda, dos que sobrevivem sob as pontes e viadutos. Além disso, esses sujeitos não estão distribuídos, alocados nos mapas interativos do Projeto Infra em Movimento, onde a infraestrutura que diz circular e movimentar as cidades sequer toca esses sujeitos marginalizados.

Ademais, tanto as legislações, quanto as políticas asseguradas pelo Grupo CCR, por exemplo, visam a qualidade de vida dos sujeitos citadinos e 'melhores condições às futuras gerações'. Mas, vemos nos vídeos e nos mapas interativos, uma cidade autossustentável[13] que

---

[13] GRUPO CCR. Sustentabilidade. Relatórios. **Assegurando o Compromisso com a Transparência, Ética e a Integridade**. O Grupo CCR elabora anualmente seu Relatório Anual e de Sustentabilidade (RAS) de forma integrada, adotando a metodologia proposta pelo Comitê Internacional para Relatos Integrados [...] e dos indicadores padronizados internacionalmente, propostos pela *Global Reporting Initiative* (GRI). O documento relata a geração de valor e utilização de recursos nos seis tipos de capitais: financeiro, manufaturado, humano, intelectual, social e de relacionamento, e natural. As informações apresentadas no Relatório são divulgadas simultaneamente às Demonstrações Financeiras. Os indicadores que compõem este documento são assegurados por terceira parte independente, o que demonstra ainda mais a transparência e integridade das informações enviadas aos nossos *stakeholders*. Alinhado aos princípios do relato integrado, o conteúdo dos relatórios busca ser o mais conciso possível para ser utilizado como uma ferramenta no processo de tomada de decisão, mas também

se renova e produz sua própria qualidade de vida, onde os sujeitos estão, ora circulando pelas ruas, ora subentendidos dentro das moradias verticais ou em seus automóveis, circulando no perímetro urbano.

Contudo, não vimos outras classes sociais presentes no espaço urbano senão a classe que possui poder aquisitivo para adquirir um apartamento ou uma casa em algum condomínio disponível nas cidades autossustentáveis e infraestruturadas dos mapas interativos e dos vídeos sobre o que se entende, conforme o Projeto Infra em Movimento classifica e dita por cidade, do ponto de vista digital/eletrônico.

Outro ponto contraditório e significativo, é que para movimentar, criar e gerar, é necessária a matéria-prima, consequentemente, em toda grande construção há um impacto imensurável ao meio ambiente na retirada de matéria-prima para construções, por exemplo – toda construção pressupõe uma "destruição".

Esse vídeo, assim como os demais que compõem os mapas interativos, diz de um imaginário de cidade que vai ao encontro do que discutimos até agora, que significa pela organização do espaço, desse discurso que atravessa, tanto os mapas interativos, quanto os vídeos. Há uma contradição pelo que se materializa, tanto em um, quanto no outro. Essa contradição diz respeito ao modo como a cidade é mostrada, no imagético (mapa), e nos resumos (vídeos).

Há, também, uma diferença significativa a ser destacada no segundo mapa interativo, principalmente no que se refere ao intervalo de tempo em que eles foram disponibilizados no *site*. Ao iniciarmos a pesquisa, deparamo-nos com o mapa da Figura 9 (na sequência), alguns dias depois, numa nova visita ao *site* do Projeto Infra em Movimento, deparamo-nos com outra versão do mapa (Figura 4), uma versão mais atual e completa, que acabamos de discutir.

---

completo, fornecendo referências e links para outros documentos – tais como o Relatório de Administração, o Formulário de Referência, o *Carbon Disclosure Project* (CDP), os indicadores da *Global Reporting Initiative* (GRI) – que complementam as informações disponibilizadas. Disponível em: http://www.grupoccr.com.br/sustentabilidade/relatorios. Acesso em: 10 jun. 2019.

Figura 4 – Mapa interativo do Projeto Infra em Movimento antes das reformulações

Fonte: G1/Em Movimento (2019)[14].

Tendo em vista essa diferença, vale destacar o constante movimento em que o imaginário citadino é produzido, pois, ao surgimento da necessidade do projeto em disponibilizar no mapa, com o intuito de "interação" com os sujeitos a respeito dos recursos que estão presentes nas cidades, é movimentado, também, pelas premissas do projeto que giram em torno da promoção da comodidade aos sujeitos citadinos.

Como podemos perceber na (Figura 4), em dois pontos do mapa da cidade, existem duas camadas brancas, como nuvens, cada qual com um balão com o seguinte dizer: "Em breve". Se considerarmos que já havia disponibilizado os recursos dos mapas, mas isso vai se fazendo aos poucos, crescendo e preenchendo o espaço, compreendemos o fato como uma metáfora, como uma cidade física, tão logo o Grupo CCR, juntamente com o Banco do Bradesco, atuarão no sentido de promover um aspecto importante naquele lugar, para aquela cidade.

Nesses lugares, que, até então, estavam sem preenchimento no segundo mapa antes das alterações, agora possuem alguns recursos, conforme destacado acima, quais sejam: mineração, siderurgia, cidades verdes, energia eólica e hidrelétrica. Sendo assim, o imaginário de completude do espaço urbano se constitui aos poucos, à medida que vai surgindo a

[14] Disponível em: http://em-movimento.g1.globo.com. Acesso em: 20 jul. 2019.

necessidade de ocupação e de promoção da modernidade e dos recursos considerados indispensáveis e essenciais aos sujeitos que povoam o espaço urbano.

De acordo com Medeiros (2013):

> Não podemos desconsiderar o quanto o efeito de presença imperativa da rede mundial de computadores se avoluma como condição de subjetivação e sobrevivência social em nosso tempo. A ilusão da transparência discursiva preconizada por Pêcheux (2009)[15] se atualiza na discursividade eletrônica que publiciza a liberdade de navegação, a escolha de conteúdos e a máxima expressão das subjetividades. Está tudo lá, em uma nuvem. Para nós, uma nuvem interdiscursiva onde habitam os sentidos (MEDEIROS, 2013, p. 133-134).

Os recursos indispensáveis à vida urbana, estão, na maioria das vezes, condicionados a algum aspecto que se relaciona à *internet*. Um exemplo disso, é a conectividade que liga e faz com que os engendramentos sociais aconteçam no espaço urbano. O próprio movimento desse fluxo eletrônico e de informações propagadas pela velocidade da *internet* é um aspecto perceptível na projeção de cidade autossustentável dos mapas interativos.

Desse modo, conforme nos ensina Medeiros (2013) com base em Pêcheux (2009) o âmbito eletrônico sofre constantes atualizações conforme as informações se condensam nas nuvens fluxonais dos efeitos de sentido que também fluxam nos fios midiáticos e eletrônicos que cortam o espaço urbano. Essa nuvem habita e marca o sentido que se constitui *na* e *pela* história.

Na próxima sessão, discutimos as condições de produção e os efeitos de sentido que emergem da relação do fomento que se constitui à modernização e atualização do espaço urbano, do ponto de vista virtual/eletrônico, onde se constituem relações virtuais de completude no que se referem às infraestruturas e discursos de sustentabilidade entranhados nos materiais de análise os quais elegemos à discussão discursiva.

---

[15] PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2. Ed. Traduzido por Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

3. CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO: O FOMENTO PARA A MODERNIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

O Mapa

Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo...
(E nem que fosse o meu corpo!)
(MÁRIO QUINTANA).

Nesta Sessão I, apresentamos as condições de produção, conforme nos ensina (ORLANDI, 1999), a respeito do Projeto Infra em Movimento, permeando as análises acerca da tríade que o sustenta, composta pela Rede Globo de Televisão, o Banco do Bradesco e a Companhia de Concessões Rodoviárias (CCR).

Descrevemos e analisamos, ainda, os preceitos que envolvem o *corpus* desta pesquisa, que consiste em compreender os efeitos de sentido produzidos pelos discursos materializados nos vídeos que circulam na mídia digital, a respeito do Projeto Infra em Movimento, em detrimento do discurso, ora de infraestrutura, ora de sustentabilidade que entram em contradição, contidos na política de atuação das empresas que compõem o Grupo CCR em três vídeos postados na plataforma digital/eletrônica *Youtube*, a saber: 1) Infra em Movimento[16], 2) Grupo CCR – É um prazer viajar com você![17] e 3) Sobre CCR[18].

Como resultado do fomento entre esses três lugares de constituição, tanto dos sujeitos, quanto dos espaços urbanos, o Projeto Infra em Movimento põe, em circulação, dois mapas interativos, os quais são apresentados, também, ao final desta sessão, uma vez que eles refletem um imaginário de cidade pensado e disseminado pelas políticas de atuação nas cidades por onde o Grupo CCR atua/passa, conforme poderá ser percebido nas descrições e análises feitas pelo material em circulação e na própria construção dos respectivos mapas.

O projeto se inscreve na relação entre o discurso midiático, o fomento do sistema de giro de capital (consequentemente, de todo um engendramento que sustenta o capitalismo), bem como no processo de geração de infraestrutura ao desenvolvimento das cidades, uma vez que,

---

[16] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XJY9hmrzIdA. Acesso em: 15 abr. 2019.
[17] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZjtdrZ_LxFI. Acesso em: 15 abr. 2019.
[18] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LqFEuRj9M6M. Acesso em: 15 abr. 2019.

o fomento direcionado à realização dos projetos de modernização das cidades, pelos patrocinadores, promove um *start* do projeto a níveis nacional e internacional.

Desse modo, nas formações discursivas materializadas nos dois mapas interativos do Projeto Infra em Movimento e nos vídeos apresentados nas plataformas digitais/eletrônicas, o progresso e a industrialização materializam-se no modo de significar as cidades, os conjuntos urbanísticos, as rodovias, os sujeitos, sem mencionar, ainda, as questões silenciadas de sustentabilidade em meio ao progresso e expansão do espaço urbano.

Para a Análise de Discurso, segundo as postulações de Orlandi (2010, p. 30), as condições de produção compreendem, fundamentalmente, os sujeitos e a sua situação. Nessa relação, essas condições de produção dizem da maneira como a memória discursiva aciona, faz valer e faz significar o discurso, o urbano, o(s) sujeito(s).

Elas são o contexto imediato estabelecido na relação entre os fatores integrantes do discurso, compreendidos pela língua, o sujeito e a história (ORLANDI, 1999). Em suma, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico e político-ideológico que são materializados *no* e *por meio* do discurso.

Sendo assim, discorremos a respeito das condições de produção do Projeto Infra em Movimento, que inclui, com efeito, as condições de produção da grande mídia, o capital e a infraestrutura *x* sustentabilidade. Essa tríade fomenta o Projeto Infra em Movimento, bem como relacionadas e articuladas, por meio do discurso, se significam nessa relação de fomento à infraestrutura do país, estabelecendo efeitos de sentido nos discursos que se materializam no *corpus*.

3.1. O Projeto Infra em Movimento

O Projeto Infra em Movimento se vincula à promoção de transporte, saneamento, mobilidade urbana e arquitetura, no sentido de promover o giro da economia, no que tange ao impacto diário na vida dos sujeitos que compõem o espaço urbano (PROJETO INFRA EM MOVIMENTO, 2018).

Em visita ao *site* do Projeto Infra em Movimento (2018), o qual se encontra, hoje, fora de circulação no meio digital, apenas com algumas informações disponibilizadas no próprio *site* do Grupo CCR, nos mostra que milhões de pessoas utilizam algum tipo de transporte público ou privado no espaço urbano, e que, na maioria das vezes, o Projeto Infra em Movimento, de alguma forma, pode estar promovendo investimentos em parceria com outras

grandes empresas, no sentido do desenvolvimento do espaço citadino (PROJETO INFRA EM MOVIMENTO, 2018).

Desse modo, pensamos a respeito da maneira com que os sujeitos utilizam os serviços, diariamente, no seio urbano, sem se darem conta, por exemplo, dos grandes investimentos feitos para que tais serviços fossem disponibilizados ao desenvolvimento desse espaço (PROJETO INFRA EM MOVIMENTO, 2018).

Segundo dados apresentados pelo *site* do Projeto Infra em Movimento, levantados no ano de 2016, os investimentos nos vários tipos de transporte, pelo Brasil, ultrapassaram mais de R$ 39 bilhões, isso sem mencionar os cálculos dos valores dos demais serviços que se inscrevem no espaço urbano (PROJETO INFRA EM MOVIMENTO, 2016).

O Projeto Infra em Movimento atua em todas as áreas do setor de infraestrutura, girando a economia do país. Até os anos de 2018 e 2019, entre os intervalos de cada programação da emissora Rede Globo de Televisão, os discursos que permeiam o projeto se fazem presentes, mostrando, ao público, um conteúdo específico de atuação o Grupo CCR e desse movimento das cidades, nesse movimento de crescimento e globalização do urbano.

Os vídeos, de trinta segundos a um minuto de duração, e, em alguns, até mais de cinco minutos e meio, trazem à tona resumos de atuação do Projeto Infra em Movimento em determinadas áreas do desenvolvimento dos setores de infraestrutura no país, tais como: transportes, saneamento básico, sustentabilidade, mobilidade urbana, construção civil, dentre outros. Todos esses aspectos enfatizando, na maioria das vezes, o destaque para a qualidade de vida dos sujeitos urbanos e da modernização.

Como mencionado, o Projeto Infra em Movimento conta com os patrocínios do Banco do Bradesco, que financia, por meio do capital, os investimentos concernentes ao urbano, do Grupo CCR, que organiza os investimentos ao desenvolvimento de infraestrutura e qualidade de vida urbana, bem como da Rede Globo de Televisão, que promove, por meio do âmbito midiático, a propagação dos discursos comerciais de uma contemporaneidade sólida e revestida de infraestrutura no sentido de enfatizar os temas de relevância econômica que interferem de forma direta nas organizações sociais do país.

Desse modo, o Grupo CCR dispõe da mão de obra e do serviço prestado, a Rede Globo de Televisão dispõe da mídia para divulgação dos preceitos econômicos à vida citadina e o Banco do Bradesco financia esses dois lugares sociais, promovendo o capital necessário à realização dos anseios de progresso e globalização que permeiam a constituição do urbano em prol da qualidade de vida urbana (PROJETO INFRA EM MOVIMENTO, 2018).

Nessa relação, o projeto caracteriza um viés importante de efetivação do *marketing* digital. O Projeto Infra em Movimento trabalha a relação de constituição/criação/nomeação do próprio nome com o movimento de crescimento das cidades, trazendo várias perspectivas aos variados aspectos do processo de urbanização para com o público, mostrando o quão fundamental é/será a atuação do Projeto Infra em Movimento no crescimento urbano, e, consequentemente, crescimento econômico, gerando empregos, qualidade de vida, abonitamento urbano e, mais que isso, da modernização e compartimentação do espaço urbano atrelado aos sujeitos que transitam nele.

Importante contextualizar que o Projeto Infra em Movimento segue o mesmo modelo do Projeto Descubra Brasil (PDB) e do Projeto Agro: a indústria-riqueza do Brasil, também propagandas vinculadas à Rede Globo de Televisão. Segundo as informações disponibilizadas no *site* Negócios Globo (2018), o Projeto Descubra o Brasil apresenta as diversidades culturais e as belezas naturais do território nacional, mostrando que o país é cheio de lugares que podem ser explorados turisticamente, de modo que possa movimentar a economia dos lugares, e, também, do conhecimento acerca dos recursos que a natureza brasileira tem a oferecer (NEGÓCIOS GLOBO, 2018).

Já o Projeto Agro: a indústria-riqueza do Brasil, segundo o *site* G1 (2018), busca conectar os consumidores com os produtores rurais e, ao mesmo tempo, enfatizar a relevância da cadeia de produção do agronegócio aos olhos da sociedade urbana, logicamente, mostrando e conduzindo o consumidor de que o agronegócio é verdadeiramente sustentável e não prejudicial ao meio ambiente, descartando o fato de que o agronegócio degrada a natureza e destrói centenas de hectares em prol da sua expansão (G1, 2018).

Percebe-se que há um expressivo alcance das divulgações, tanto do Projeto Infra em Movimento, quanto do Banco do Bradesco e do próprio Grupo CCR em relação à veiculação das propagandas, vídeos, textos e técnicas de *marketing*, no sentido de dar visibilidade aos processos que têm, como pano de fundo, a “qualidade de vida dos sujeitos”, pois, até certo ponto, colocamos em pauta, em que medidas estão sendo levadas essas melhores condições de vida no ambiente urbano, uma vez que as questões de sustentabilidade e degradação do meio ambiente, em decorrência da expansão das cidades, podem incidir impactos ambientais nacionais e internacionais na ânsia pelo novo, o contemporâneo, o digital?

O Projeto Infra em Movimento coloca, em circulação, uma sequência de vídeos interativos e ‘conceituais’ a respeito de infraestruturas que abarquem, desde à geração de empregos, saneamento básico e infraestrutura urbana, até os quesitos de mobilidade urbana, arquitetura e identidade cultural.

O alcance dessa parceria, entre essas empresas de grande porte, cada qual incumbida de mobilizar gestos de interpretação distintos através de seus objetivos fundamentadores, pautados na geração de capital, torna-se um processo que põe, em circulação, efeitos de sentido (ORLANDI, 1999) que circundam a produção, veiculação e de tecnologização/facilitação do escoamento de sujeitos no espaço urbano.

As Figuras 5, 6, 7, 8 e 9 demonstram um pouco da atuação do Grupo CCR, bem como o movimento que o processo de infraestrutura e globalização das cidades idealizadas pelo fomento à industrialização e modificação do espaço urbano podem proporcionar aos sujeitos contemporâneos.

Logo, percebemos a opacidade dos aspectos sociais aos quais destacamos anteriormente como silenciados nessa conjuntura de cidade eletrônica. Sentidos e sujeitos, além de escaparem a esses discursos, são silenciados à medida em que o vídeo vai caminhando rumo ao futuro, movimentando sujeitos e cidades.

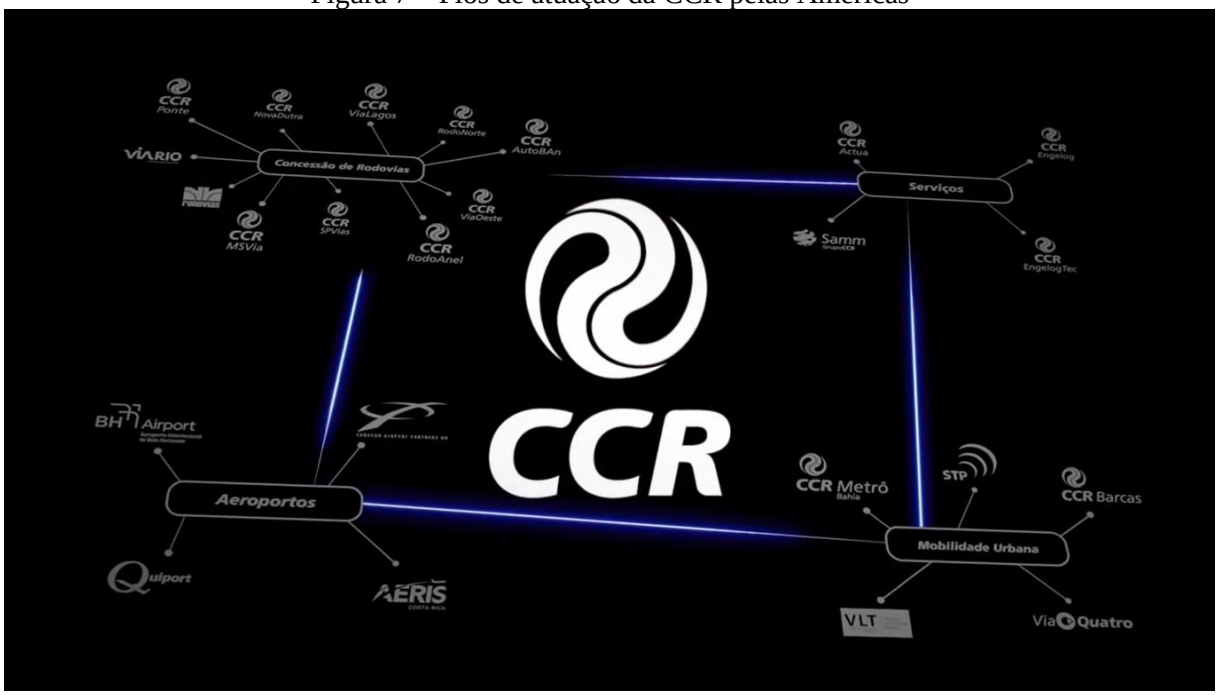
Figura 5 – CCR nas rodovias

Fonte: Grupo CCR (2015).

Figura 6 – Âmbitos de atuação da CCR

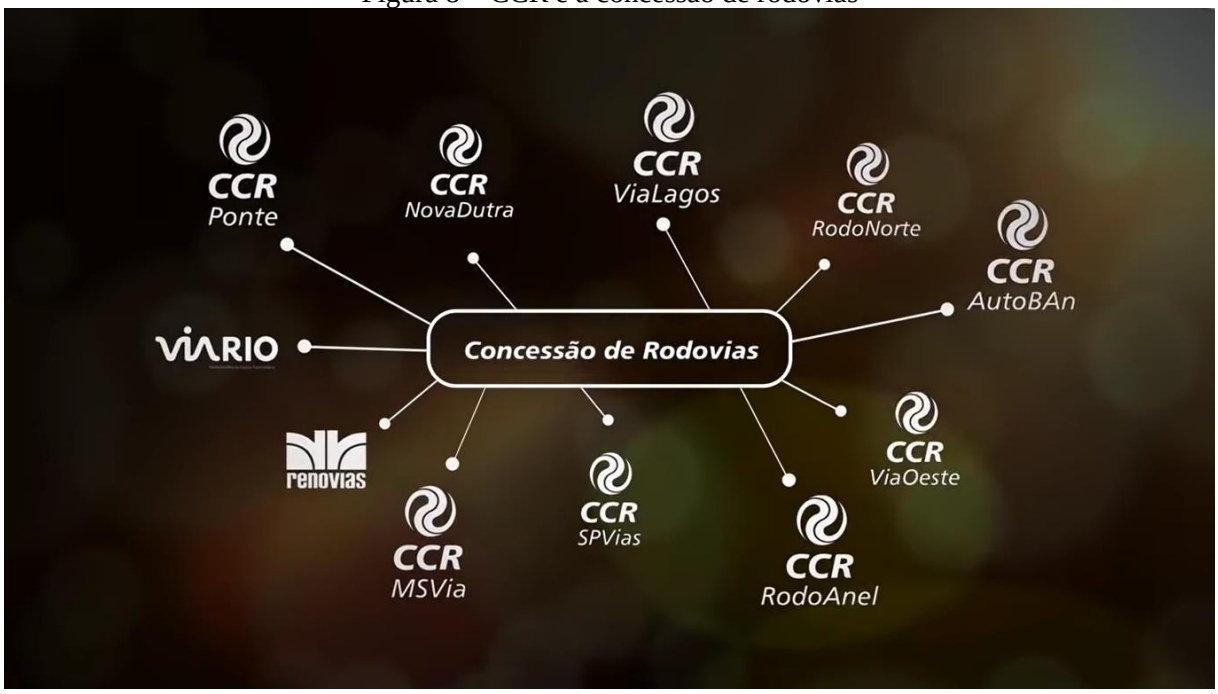
Fonte: Grupo CCR (2015).

Figura 7 – Fios de atuação da CCR pelas Américas



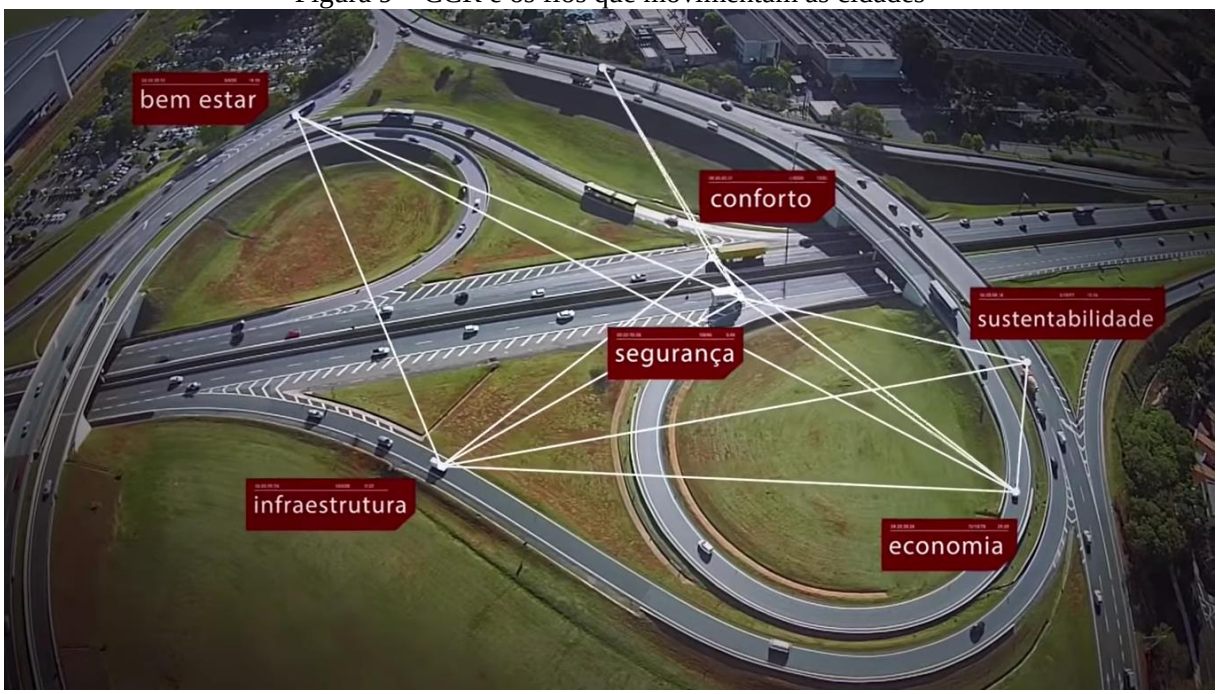
Fonte: Grupo CCR (2015).

Figura 8 – CCR e a concessão de rodovias



Fonte: Grupo CCR (2015).

Figura 9 – CCR e os fios que movimentam as cidades



Fonte: Grupo CCR (2015).

No que se refere ao setor de infraestrutura, segundo o Projeto Infra em Movimento (2018), torna-se primordial para auxiliar no desenvolvimento do país e criar rendas à população brasileira, pois:

> Poucos imaginam que por trás da rodovia recém-duplicada, ou do aeroporto modernizado, existem mais de **3 milhões** de profissionais trabalhando dia e

> noite, de acordo com a soma dos dados fornecidos pela ANAC e Confederação Nacional dos Transportes. O número é uma **pequena amostra** do ecossistema de infraestrutura de transportes no Brasil, que recebe bilhões de reais por ano para garantir que, **tanto de pessoas**, **quanto de produtos** cheguem com segurança aos seus destinos (PROJETO INFRA EM MOVIMENTO, 2018, não paginado, **grifos nossos**).

Chamam-nos à atenção, os dizeres grifados, uma vez que são postos na formulação os quesitos de investimento, desenvolvimento urbano, segurança pessoal e de produto. Ao que parece, as políticas de construção viária/aeroviária, investimento em infraestrutura e sustentabilidade, estão contidos nessas afirmações, ainda que os sujeitos não vejam tudo o que acontece antes da finalização do que se tem por modernizado.

Mas, por outro lado, temos, em funcionamento, a opacidade de alguns dizeres que estão silenciados diante dos verdadeiros processos que ocorrem no real espaço urbano, que se significa e ressignifica pela desorganização e pelas relações sociais que se estabelecem por entre as ruas, vielas e arranha-céus. É nessa relação entre sujeito, cidade e discurso que propomos a compreensão nas sessões seguintes por meio da teoria que nos ancoramos à descrição, análise e compreensão do *corpus*.

Desse modo, esses dizeres confirmam uma dada posição do Projeto Infra em Movimento em relação à cidade, ao(s) sujeito(s). Pensamos numa posição de que um expressivo mercado de infraestrutura tem seus pontos positivos que buscam atingir, de certa forma, a confiança e credibilidade dos sujeitos urbanos, de modo que a união desses lugares de fomento à modernização poderá fornecer inúmeras oportunidades de emprego (ainda que temporárias e setoriais), e, ainda mais, que esses empregos são indispensáveis à geração do desenvolvimento econômico do país.

De acordo Medeiros (2013):

> O conceito de espaço urbano está diretamente vinculado, na base teórica a que nos vinculamos, a fatores históricos e ideológicos. As configurações urbanas que hoje conhecemos surgem a partir da organização do mercado e da movimentação consumidora de mercadorias, da composição de mercado de produção e, mais fortemente nas últimas décadas, de mercado de consumo, associado à divisão do trabalho (MEDEIROS, 2013, p. 131).

Medeiros (2013) nos permite refletir sobre as condições de produção da contemporaneidade. As relações de capital que se estabelecem nas organizações e no modo como os sujeitos se relacionam no seio social. Desse modo, a movimentação de consumo e de mercado acontecem no espaço urbano, onde está acontecendo, concomitantemente, a promoção

de infraestrutura e capitalização da mão de obra, em detrimento dos processos históricos e ideológicos, historicamente constituídos nas pequenas e grandes metrópoles.

Nesse sentido, uma parcela da população trabalha incansavelmente para se construir o novo, enquanto outra usufrui dessa contemporaneidade envolta por diversas tecnologias de última geração, modernização e rapidez, com seus carros, apartamentos, aviões de última geração, etc.

Tanto a camada construtora, quanto a que demanda financiamento, que, consequentemente, usufrui de maneira mais direta da modernização que se coloca enquanto primazia, não estão do mesmo lado. Há, com efeito, uma força que as mantém distantes e tangentes, uma à outra, pois, caso elas fossem aquém, não haveria a manutenção do sistema que vigora na contemporaneidade. Há, nesse processo, o que podemos considerar por segregação e diferenciação de classes na urbe.

O projeto coloca em circulação, ainda, em relação à infraestrutura, um discurso feito pelo presidente da Confederação Nacional de Transporte (CNT), Clésio Andrade, dizendo que: "*Uma infraestrutura ampla e moderna é o que dará impulso ao crescimento, aumentando a* ***produtividade*** *e a* ***competitividade*** *das empresas*" (GRUPO CCR, 2018, não paginado, **grifos nossos**).

Desse modo, podemos compreender que as produções em larga escala são referentes, tanto no sentido de novos projetos/construções, quanto de acúmulo de capital. Percebe-se que essa competitividade entre as empresas ocorre desde as que prestam serviços à CCR, até às demais, que fornecem serviços ao desenvolvimento do urbano. Contudo, as maiores dominarão, de maneira mais abrangente, os investimentos no setor de construção urbana, rodoviária, e, até mesmo, aérea e hidroviária.

Para se destacar no ramo de investimentos, pondera o Presidente Clésio Andrade, "*é preciso investir ainda mais nos diferentes modais, tanto no setor rodoviário, aeroviário, ferroviário, quando nos setores de hidrovias, ou como é mais conhecido, o setor aquaviário*" (GRUPO CCR, 2018, não paginado). Ou seja, a abrangência dos investimentos e da interferência do Grupo CCR é significativa, pois, onde há atuação do grupo, segundo essas postulações, o progresso é garantido, a comodidade no espaço urbano é alcançada e o sujeito só tende a ganhar com isso.

Esses efeitos de sentido são resultantes da relação que estabelecemos entre a cidade, enquanto espaço simbólico, atrelada aos sujeitos, onde um constitui o outro, conforme podemos ver em Orlandi (2004). Por essa concepção, o trabalho desses/dessas grupos/empresas que

atuam no quesito desenvolvimento depende de muitos fatores, tais como, por exemplo, segundo o Grupo CCR (2018), no ano de 2016:

> [...] o governo fez um investimento da ordem de R$ 9 bilhões em transportes, de acordo com o Ministério dos Transportes, enquanto que o Grupo CCR – uma das maiores concessionárias que atuam em território nacional – aplicou, sozinho, mais de 4 bilhões em mobilidade. E essa é apenas uma pequena parcela do que pode ser realizado (GRUPO CCR, 2018, não paginado).

Com isso, percebe-se a abrangência e os impactos que o Grupo CCR produz, ao colocar-se em uma posição de investidor nacional/internacional, ocupando o topo dos investimentos com valores exorbitantes aplicados, realizando quantidades significativas de obras, por entre cidades permeadas de sujeitos à facilitação do escoamento de pessoal e produtos por meio da oferta de modernização com tecnologias de ponta. Ademais, o valor aplicado se torna significativo no setor de infraestrutura e representa um dado verificável no rol de investimentos gerais proporcionados pelo Grupo CCR.

O valor, bem como os demais dados que o Grupo CCR, dá ênfase, disponibilizando-os em seu sítio digital, mostram o crescente aumento da realização de obras que são realizadas mundialmente pelo grupo, o qual podemos comparar, com efeito, desde o início da Revolução Industrial, por exemplo, no quesito construções e em novas tecnologias que colaboram ao fechamento e concretização dos processos modernísticos em larga escala, nos setores de infraestrutura, mobilidade urbana e demais serviços, conforme o dado exemplificado pelo Grupo CCR (2018).

Pensando pela etimologia da palavra ‘infra’, ao consultarmos o Dicionário Michaelis (2021), podemos pensar que ela consiste em todo o suporte que se dá a algo que precisa ser edificado, sustentado. Por essa compreensão, damo-nos conta de que o Projeto Infra em Movimento e o Grupo CCR, se inscrevem no âmbito da sustentação e dos pilares que comportam/edificam/sustentam as cidades, os sujeitos, a infra, a sustentabilidade, o modo de vida urbana em vários aspectos sociais (MICHAELIS, 2021).

Já a palavra ‘estrutura’, em seus sentidos dicionarísticos, se relaciona com o modo como algo é edificado, no sentido de organização e disposição. Tem a ver com aquilo que serve de base, necessário à força de algo que se funde e objetiva fortificar, por exemplo, um engendramento social, a cidade – já que ela é um corpo – conforme Orlandi (2004) nos ensina, ou, com efeito, organiza os sujeitos que circulam e vivem no espaço urbano, uma vez que necessitam de uma estrutura para, também, estruturarem-se no meio, instalarem-se, produzirem deslocamentos, um vai-e-vem de corpos ideológicos e simbólicos.

Além disso, diferente da palavra ‘infra’, ao buscarmos os sentidos para a palavra ‘estrutura’ no Dicionário Michaelis (2020) deparamo-nos com uma série de significados possíveis, os quais destacamos abaixo:

> **Estrutura** – *es·tru·tu·ra* – substantivo feminino – 1. **Organização** e disposição das partes ou dos **elementos essenciais que formam um corpo**; 2. Arranjo de partículas ou componentes de uma **substância ou corpo**; textura; 3. Modo de **construção** de algo, **formação**; 4. CONSTRUÇÃO – Esqueleto ou armação de uma edificação; 5. Parte de algo que determina sua **disposição de espaço** e lhe dá sustentação, armação; 6. LITERATURA – **Organização** das diversas partes que compõem qualquer obra literária; 7. **Organização** das partes de algo de caráter genérico; 8. Parte essencial de algo (**ideia, pensamento, teoria**, etc.); 9. NÁUTICA – Conjunto que apresenta uma ou mais operações e que goza de certas propriedades; 10. GEOLOGIA – Natureza das camadas geológicas e sua disposição entre si; 11. ANATOMIA – **Tecido** ou **órgão** constituído de partes diferentes, porém afins; 12. QUÍMICA – **Forma como os átomos se organizam em uma molécula**; 13. BIOLOGIA – Conjunto de disposição dos **vários órgãos e partes que compõem um organismo**; 14. FÍSICA – Disposição dos elementos corpusculares e moleculares na matéria; 15. SOCIOLOGIA – **Conjunto de relações** entre os membros de uma comunidade e os valores por eles **compartilhados**; 16. SOCIOLOGIA – Conjunto de valores religiosos e crenças pertencentes aos elementos de um grupo social; 17. ARQUITETURA – Maneira como as diversas partes de uma edificação são organizadas entre si; 18. Resistência psicológica de um indivíduo; 19. LINGUÍSTICA – **Sistema organizado** ou rede de associações que se concatena por meio de correlações e oposições, a fim de servir às mais variadas e inesperadas necessidades de comunicação; 20 – V **esquema**, acepção 1 (MICHAELIS, 2020, não paginado, **grifos nossos**).

Vocábulos que produzem efeitos de sentido distintos à compreensão da formulação da palavra ‘Infraestrutura em Movimento’ e/ou ‘Infra em Movimento’, tais como os que antecedem em grifos, significam pelas condições histórico-ideológicas (ORLANDI, 1999) em que se inscrevem, às quais estudamos e fazemos relações com o material digital a respeito da infraestrutura das cidades que circulam em plataformas no/do meio digital.

A cidade é o que se constitui por meio de uma *ordem* e uma *organização* (ORLANDI, 2004) próprias que a permeiam enquanto material simbólico, nos atravessamentos emergidos pela/por meio da história, bem como os atravessamentos de/entre as ruas, os sinaleiros, sujeitos, tecnologias, etc. A respeito desses dois conceitos, ordem e organização, discutimo-los a fim de que enxerguemos o funcionamento ideológico que circunda a compreensão do que se tem enquanto real (ORLANDI, 1999) e imaginário (ORLANDI, 2002) de/em cidade.

Aparecem, também, nos sentidos dicionarizados *sobre* cidade, palavras como: construção, formação, disposição de espaço, ideia, pensamento e teoria. Tais classificações podem ser compreendidas ao passo em que estabelecemos a relação entre sujeito, língua e

história, inscritos em condições de produção dadas, em momentos dados da história, significando o modo de pensar, tanto sujeito, quanto cidade frente à contemporaneidade e a modernização das urbanidades.

Com isso, o espaço urbano está costurado (além de sofrer, constantemente, mutações) por construções que edificam-no, formam-no, caracterizam-no, nessa relação, como um espaço composto por teias (ruas) que se cruzam, se fixam (prédios), se movem (carros, sujeitos) ao mesmo tempo em que os processos de relações sociais acontecem e os sujeitos se constituem, correm, dirigem, habitam, trabalham e dormem no(s) espaço(s) infraestruturado(s).

Esse processo ocorre, tanto pelo processo de urbanização, que já ocorre durante toda a história da humanidade, quanto pela atuação edificante do Grupo CCR nos meandros por entre as relações de poder e globalização nacional/internacional eminente(s), em virtude do acelerado crescimento tecnológico que incide nos corpos materiais e imateriais da(s) cidade(s).

Orlandi (2013) nos ensina que:

> A partir do princípio discursivo do trabalho do político, levamos em conta o fato de que o sentido é sempre dividido, tendo uma direção que se especifica na história, pelo mecanismo ideológico de sua constituição; há simbolização das relações de força, de poder, que se estabelecem na divisão própria à sociedade capitalista. Ligam-se aí três noções: o político, o histórico (o Outro, a memória, o interdiscurso) e o ideológico. A sociedade não é inerte [...] e a formação social é constituída de relações que resultam, em última instância, dos modos de individuação dos sujeitos pelo Estado, relações que são de natureza político-social, simbolizadas (ORLANDI, 2013, p. 6).

Na ligação entre as três compreensões que constituem o princípio discursivo, o político, o histórico e o ideológico, Orlandi (2013) nos permite pensar sobre a constituição da palavra infraestrutura, pois nesse movimento, os sentidos vão se construindo e se relacionando com os preceitos que envolvem o urbano e o digital.

Nessa relação, projetamos compreender desde às formulações de sentidos da palavra, até mesmo a inscrição dela em determinado contexto, deparamo-nos com um caminho opaco, e, ao mesmo tempo constitutivo, dos mecanismos que relacionam-se às novas condições de formulação que se têm a partir da concepção contemporânea dos processos sociais. Assim, estudamos essas relações.

Temos que, ‘Estrutura’ tem a ver, ainda, com organização de espaços, a “vários órgãos e partes que compõem um organismo” (MICHAELIS, 2020, não paginado). Assim, concordamos com Orlandi (2004, p. 11), quando afirma que a cidade é um corpo e que, assim como o sujeito, atados formam um só. Sendo assim, a cidade, atravessada por ideologia, é, contudo, uma cidade que funciona como um organismo/corpo que evolui e se adapta conforme

a história, e faz, durante seu percurso evolutivo, com que suas células, suas veias, seu sangue, seus pulmões (carros, ruas, construções e ambientes arborísticos), também evoluam e se constituam frente às mudanças proporcionadas pela globalização.

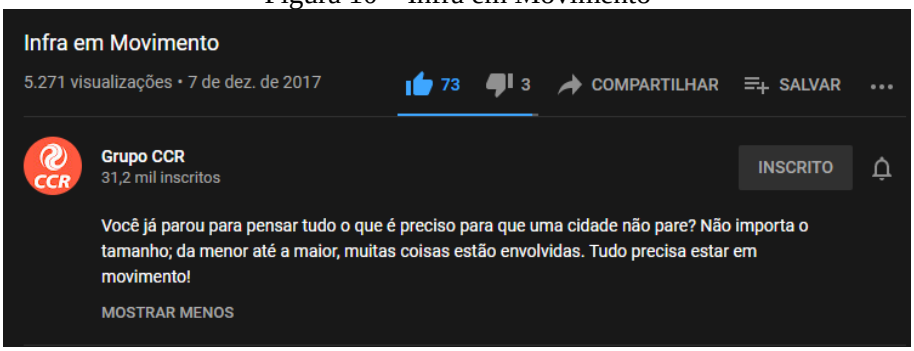
Percebemos que, em relação às condições de produção, elege-se, à composição de um primeiro recorte de análise (R1), à composição das compreensões sobre cidade, meio digital e questões de infraestrutura em contraponto com questões de sustentabilidade, as formulações dos modos de dizer do Projeto Infra em Movimento nos lugares de veiculação de notícias a respeito da modernidade das cidades.

O próprio nome criado para instituir o Projeto Infra em Movimento nos traz a ideia de movimento. Inicialmente, nas formulações dos vídeos, textos e chamadas às informações disponibilizadas no/do *site*, deparamo-nos com os dizeres '**Projeto Infraestrutura em Movimento**', '**Infraestrutura em Movimento**', assim como '**Projeto Infra em Movimento**', '**Infra em Movimento**' e '**Em Movimento**'.

Ou seja, o modo como acontece essa nomeação vai sofrendo alterações de acordo com as condições de produção de cada vídeo, texto, mapa interativo e formulações de informações disponibilizadas no *site* e no canal no *youtube* do Grupo CCR. Nesse sentido, julgamos pertinente analisar esse aspecto na formulação dos dizeres e dos efeitos de sentido que circulam em cada uma das ocasiões e suas respectivas chamadas.

Apresentamos, nas Figuras 5, 6 e 7, diferentes formulações que dizem do projeto, que aparecem, também, em canais distintos. A Figura 5 trata-se do canal do *youtube* do Grupo CCR que nomeia o vídeo (3min 52s) de 'Infra em Movimento'. O vídeo foi postado no canal em 07 de dezembro de 2017 e traz consigo uma mensagem na descrição.

Figura 10 – Infra em Movimento



Fonte: Grupo CCR (2017).

A ideia de movimento está presente em todas as formulações discursivas produzidas e que têm relação com o Projeto Infra em Movimento, o Grupo CCR e as propagandas vinculadas

a essa vertente, assim como nos elementos imagéticos que engendram o material de divulgação/*marketing* (GRUPO CCR, 2017).

Além disso, ao aliar o discurso do vídeo com a sua descrição, deveras chamativa ao público urbano, quando se tem contato com esse material, damo-nos conta das prévias informações às quais são fornecidas, sem darmos conta das outras vozes que falam antes dessas formulações, os dizeres que estão fora do inteligível e alçam dizeres ao interpretável e ao compreensível quando buscamos perceber outros efeitos de sentido nos atravessamentos e, com efeito, dentro de um dado momento, dadas condições de produção.

Desse modo, o espaço urbano está em constante mudança frente às transformações sociais e discursos que circulam *nas* e *por meio* das mídias, nos demais meios eletrônicos *sobre* ela. A cidade é o que se tem por mutação constante, seja por processos sociais, sejam por atravessamentos, globalização, fluxo digital que versa a respeito dela.

O *slogan* de chamamento para o Projeto Infra em Movimento está disposto na abertura do *site* do projeto, conforme demonstrado pela (Figura 6).

Figura 11 – Infraestrutura em Movimento

Fonte: Grupo CCR (2020).

Neste vídeo, em específico, aparecem os seguintes dizeres:

> Prazer, nós somos a transformação! A transformação que cria a infraestrutura que o Brasil precisa para movimentar a sua economia. Que abre novas possibilidades de crescimento, que movimenta as pessoas, tira os antigos planos do papel e dá espaço para os novos. A transformação que movimenta o país em direção ao futuro. Somos a CCR, a infraestrutura que coloca o Brasil em movimento. CCR, é por aqui, que você chega lá (GRUPO CCR, 2017, não paginado).

Há, nesse vídeo, um discurso de chamamento que evoca uma formulação precisa que tem, por objetivo, tomando como base, as postulações trazidas até agora, produzir um efeito de convencimento de que, tanto as cidades de pequeno porte, quanto as de grande porte, estão e/ou estarão sujeitas às transformações, pois tudo deve estar em movimento.

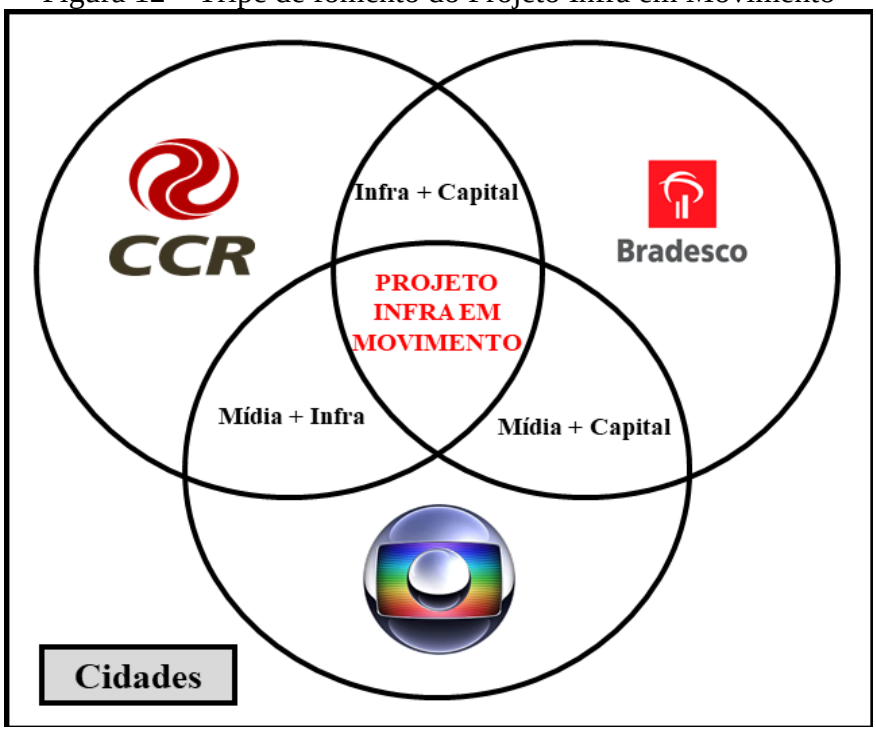
Compreendendo as formulações apresentadas neste recorte, analisamos os efeitos de sentido presentes sobre cidade, sujeito e discurso (ORLANDI, 2004; ORLANDI, 1999; ORLANDI, 2003; 2001). Numa primeira leitura, são emergidos sentidos a respeito da proximidade pela qual o Grupo CCR estabelece com o(s) sujeito(s) citadinos, ao apresentar-se como o próprio sujeito urbano em movimento, pois o vídeo percorre o urbano em meio aos sujeitos, à urbanidade como um todo.

Sob o ponto de vista discursivo, tanto a CCR e o Projeto Infra em Movimento, quanto as cidades e os sujeitos e demais agentes que se relacionam com o conteúdo do vídeo, infraestrutura, sustentabilidade e qualidade de vida, formam o mesmo corpo, na verdade, um organismo em constante (re)construção.

Um corpo voltado à globalização, ao fluxo contínuo de mudanças de vertentes tecnológica, física, e, em suma, ideológica, por meio da conectividade e do progresso, que emerge da relação com o que se tem por progresso, nas relações que ocorrem em virtude do contemporâneo que os sujeitos se valem.

Pensar a relação de infraestrutura, sustentabilidade, capital e mídia, é colocar, em jogo, as bases constitutivas do Projeto Infra em Movimento, que, pelo que se institui, determina um modo de olhar, dizer e significar a cidade. Para melhor explanar essa relação significativa do Projeto Infra em Movimento, propomos a criação de um esquema para pensa-lo e assim enxergar as bases constitutivas que sustenta as concepções a respeito de cidade.

Figura 12 – Tripé de fomento do Projeto Infra em Movimento



Fonte: Júlio Cezar Rodrigues da Silva (2021).

O esquema mostra o movimento estabelecido entre as três instâncias elencadas como promotoras e impulsionadoras do Projeto Infra em Movimento. Essa tríade financiadora materializa sentidos que sustentam concepções *sobre* cidade, por consequência, de sujeitos, por meio dos dizeres em relação à infraestrutura, à sustentabilidade, em meio ao espaço urbano, o capital e o digital, o contemporâneo.

Essa tríade produz um efeito de movimento rotacional/rotativo, tal como propomos, em que uma complementa a outra, institui e restitui como uma engrenagem que funciona pela ligação entre os desdobramentos e os encaixes com outras peças (pensamos uma peça possível como sendo algo da exterioridade.

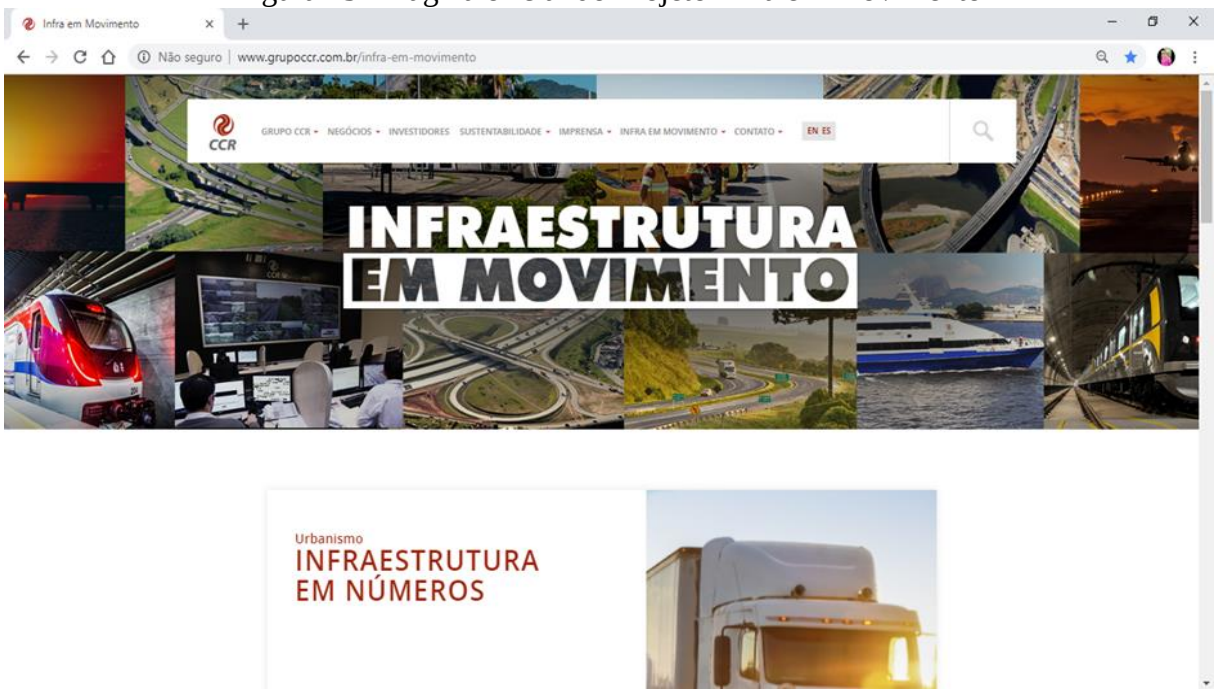
Posto isso, esse efeito de movimento é compreendido entre, por exemplo, à mão de obra necessária para que se construa uma rodovia), que formam o todo, a cidade é o todo. O esquema é o ímã que reúne as três vertentes que, em seu interior, sustentam o Projeto Infra em Movimento, as concepções que se entendem por espaços urbanos e os efeitos de sentido inscritos a partir dele.

O funcionamento discursivo pode ser compreendido/percebido na nomeação do Projeto Infra em Movimento. *Infra* (abaixo de) é, também, um prefixo que vem do latim e que significa a parte de um todo que está abaixo e que dá uma sustentação, que exprime a relação de algo inferior, mas que é, também, a base da construção de várias outras palavras. A partir

dela, estudamos a palavra ‘infraestrutura’, que com o auxílio do prefixo *infra* produz um efeito de base indispensável a uma sustentação da cidade, do sujeito, da vida em/na urbe (DICIONÁRIO PRIBERAM, 2020).

Esse suporte que o projeto dá, produz o efeito de movimento, que pode ser percebido, também, na apresentação do *site* do Projeto Infra em Movimento, linkado à CCR, conforme imagem a seguir:

Figura 13 – Página oficial do Projeto Infra em Movimento



Fonte: Grupo CCR (2020).

Percebemos, na página inicial do projeto, os sentidos estabelecidos ao prefixo *infra*, uma vez que, no *site* da CCR, aparece o *link* do projeto ‘infra-em-movimento’, e, logo abaixo, o dizer ‘Infraestrutura em Movimento’, e, mais abaixo, ‘INFRAESTRUTURA EM NÚMEROS’, que, dentro dos mapas interativos, bem como dos vídeos que dizem sobre a estrutura das cidades, é referido, na maioria das vezes, como ‘Infra’, a ‘infra’ que movimenta as cidades. Ou seja, resumindo e condensando um funcionamento à palavra, bem como, um vetor de movimentação de algo que sustenta, independente da relação com o radical ‘estrutura’.

Ademais, o contraste entre a palavra ‘Infraestrutura’ e ‘Em Movimento’ pode ser percebida. Enquanto uma é escrita em cor branca, a outra é envolta por cor branca. Notamos o sentido de completude entre o discurso de infraestrutura, aliado ao movimento dos vídeos, das cidades, da globalização.

É por sombreamento que a palavra ‘EM MOVIMENTO’ reflete a palavra ‘INFRAESTRUTURA’. Logo, infraestrutura está para o movimento, assim como o movimento está para a infraestrutura, do mesmo modo, os sujeitos estão para esse engendramento que emerge das duas.

O funcionamento discursivo arraigado à *infra(estrutura)*, pode ser percebido também, pelo imagético que está atrelado à formulação da página inicial do *site* do Projeto Infra em Movimento. Os recortes de: pontes, vias, caminhos, ruas, avenidas e transportes em geral, produzem o efeito de caminhos por onde, por meio da tríade, o desenvolvimento das cidades tornar-se-ia possível. Assim, esses efeitos de sentido que se inscrevem nas condições de produção do Projeto Infra em Movimento, projetam um imaginário de cidade (ORLANDI, 1999), uma cidade que se move, significa pelos efeitos da infraestrutura, materializados.

Na sequência, pensamos e analisamos sobre os efeitos de sentido que emergem do espaço em que se inscreve a CCR.

3.2. A Companhia de Concessões Rodoviárias (CCR)

A Companhia de Concessões Rodoviárias (CCR) foi fundada no ano de 1999, com a finalidade de atuar nos segmentos de concessão de rodovias, mobilidade urbana, aeroportos e demais serviços (GRUPO CCR, sem ano, não paginado).

Além de ser um grupo de empresas de referência nacional e internacional, é responsável pela estreia do Novo Mercado da BM&F Bovespa:

> [...] além de ser responsável por mais de 3.265 (três mil, duzentas e sessenta e cinco) rodovias da malha, concedida nacionalmente, nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Mato Grosso do Sul. A CCR, é, ainda, a pioneira em contrato de concessões de rodovias no Brasil (GRUPO CCR, sem ano, não paginado).

O Grupo atua, ainda, em negócios correlatos, tais como no setor de transmissão de dados de alta capacidade, por meio da Transmissão de Dados em Alta Velocidade (SAMM)[19],

[19] “A SAMM é uma empresa 100% controlada pelo Grupo CCR, prestadora de serviços de Comunicação Multimídia, autorizatária SCM, e que tem como negócio prestar serviços de transmissão de dados em alta capacidade. Ela estará presente em 142 municípios dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná, que juntos representam 34% do PIB do Brasil. Sua rede *backbone* abrange mais de 4.788 quilômetros de fibras ópticas subterrâneas, com topologia em anel e monitoramento 24 horas por dia, 7 dias por semana. A Samm possui ainda mais de 1.744 quilômetros de acesso óptico em rede urbana”. Disponível em: http://www.sammnet.com.br/sobre-a-samm.html. Acesso em: 13 dez. 2019.

empresa prestadora de serviços de comunicação multimídia e conectividade IP com mais de 4.700km de fibra óptica subterrânea e aérea (GRUPO CCR, sem ano).

Segundo o resumo do *site* do Grupo CCR (sem ano), em sua página inicial, o grupo atua, ainda:

> No segmento de transporte de passageiros por meio das concessionárias ViaQuatro, CCR Barcas e CCR Metrô Bahia, responsáveis, respectivamente, pela operação da Linha 4-Amarela de metrô em São Paulo, pelo transporte aquaviário de passageiros no Rio de Janeiro e pelo sistema metroviário de Salvador e Lauro de Freitas, além de ter participação na concessão do VLT Carioca (Veículo Leve sobre Trilhos), que interligará a região portuária e o centro do Rio de Janeiro (GRUPO CCR, sem ano, não paginado).

Conforme observado, a presença do Grupo CCR no mercado e o crescente desenvolvimento das cidades, no que se refere à infraestrutura, é abrangente, pois o grupo atua em vários segmentos, tais como os meios rodoviário, aéreo, financeiro, prestação de serviços, de comunicação multimídia e conectividade da América Latina.

Com isso, analisamos e compreendemos que há um crescente e acelerado impulso, uma vez que os setores estão investindo na globalização do urbano por meio de financiamentos em segmentos que os sujeitos urbanos necessitam constantemente à resolução da vida fluxonal das pequenas e grandes metrópoles.

Sendo assim, o Grupo CCR se consagra enquanto um lugar instituído de referência no processo de constituição dos sujeitos, e, em suma, das cidades, visto que tais serviços, do ponto de vista capitalista, devem ser fomentados e implantados, observando, com efeito, os preceitos aos quais as empresas parceiras do Grupo CCR almejam para com tanto investimento em infraestrutura e ‘preocupação’ com as questões de sustentabilidade e qualidade de vida urbana impregnadas nas políticas que são tidas como “objetivo primeiro” do grupo, conforme pode ser observado no *site*.

A atualização do espaço urbano, seja na oferta de melhores condições de deslocamento, de vida ou de emprego(s), é o caminho pelo qual o capital pode circular e, consequentemente, manter o sistema capitalista em vigência, pois sem a exploração de mão de obra, fomento à globalização do espaço, bem como o discurso de atualização necessária à vida em sociedade, são vertentes que carregam consigo toda uma segregação de classes em detrimento do destaque de uma única.

Observando as políticas de atuação do Grupo CCR, percebemos a atuação nos segmentos de rodovias, mobilidade urbana, aeroportos e serviços em geral. O Grupo trabalha

com quatro núcleos de negócios, responsáveis pela gestão, tanto dos atuais, quanto dos novos negócios que estão em estudo, que são:

> **CCR Lam Vias**: responsável pelas concessões das rodovias federais, tais como CCR NovaDutra, CCR ViaLagos, CCR RodoNorte, CCR MSVia e ViaRio. **CCR Infra-SP**: responsável pelas concessões das rodovias do Estado de São Paulo, tais como CCR AutoBAn, CCR ViaOeste, CCR RodoAnel, CCR SPVias e Renovias. **CCR Mobilidade**: responsável pelas concessionárias ViaQuatro, ViaMobilidade, CCR Barcas, CCR Metrô Bahia e VLT Carioca. **CCR Aeroportos**: responsável pelas concessionárias BH Airport (Aeroporto Internacional de Belo Horizonte), Quiport (Aeroporto Internacional de Quito, Equador), Aeris (Aeroporto Internacional de San José, Costa Rica), CAP (Aeroporto Internacional de Curaçao, Antilhas Holandesas) além das TAS (Total Airport Services, nos Estados Unidos), empresa de prestação de serviços aeroportuários (GRUPO CCR, 2020, não paginado).

Ao se inscrever nesses núcleos de negócio, atuando em vias, diferentes infraestruturas, mobilidade urbana, bem como o transporte aéreo, o grupo de empresas de concessões rodoviárias nos faz compreender como está sendo pensado o escoamento de sujeitos pelas cidades e pelo mundo.

O movimento que institui o progresso nas cidades, de implementação de novas infraestruturas e consolidação de aspectos sociais, direciona diversas ações sobre o espaço urbano virtual, silenciando, com efeito, os reais de cidade que não são postos em movimento nos vídeos e nos mapas interativos do Projeto Infra em Movimento.

É, contudo, um atravessamento, tanto de cenas nos elementos imagéticos, quanto nos espaços constituintes do seio social e no modo como os sujeitos se constituirão nos novos espaços urbanos contemporâneos e infraestruturados, descritos pelos mapas interativos, os quais possuem um caráter de completude frente aos discursos que estão em circulação nesse material.

Umas das grandes mudanças ocasionadas pelas sociedades que sucederam o período Pós-Revolução Industrial, foram os investimentos em ciência, tecnologia e urbanidades, dos quais podemos ver os efeitos ocorrendo nos eventos mais simples do nosso dia a dia, como, por exemplo, comprar uma passagem aérea de última hora para outro país, ou, deslocar-se para outro estado no mesmo dia, e, até mesmo, ir ao supermercado sem enfrentar grandes engarrafamentos.

Nos últimos 50 anos, essas mudanças têm proporcionado que as distâncias pudessem ser encurtadas, a comunicação pudesse ser instantânea e o escoamento de sujeitos e produtos também fossem otimizados. Compreendemos que a globalização das cidades está em constante

mudança, pois, a cada minuto, algo novo está sendo implantado nos meios de transporte, na comunicação e na ciência.

Consagra-se efeito dessas crescentes e aceleradas mudanças, a exploração dos recursos naturais, uma vez que, dada essa exploração, as empresas, grupos e/ou associações estampam, em suas páginas virtuais. a preocupação com a sustentabilidade. Ora, não há como possuir fluidez em todos os setores se não houverem as explorações, tanto de pessoal, quanto de recursos naturais. Desse modo, o grupo CCR se compromete, tal como descrito no *site*, ao "desenvolvimento sustentável", entre muitas aspas, num acordo que fez no ano de 2016 com a Organização das Nações Unidas (ONU), chamado de Pacto Global.

O próprio nome do acordo nos remete a algo historicamente constituído como ruim[20], tendo em vista os sentidos que se estabeleceram ao longo do tempo à palavra pacto, assim como temos os famosos "Pacto da Educação" e o "Pacto da Saúde". Em outras palavras, o desenvolvimento das cidades está condicionado à instalação dos serviços prestados pelo grupo de empresas associadas à CCR em relação ao processo de industrialização.

Outrossim, a CCR, juntamente aos seus patrocinadores, criam os anúncios publicitários acerca da divulgação da infraestrutura[21], na perspectiva de evidenciar os benefícios e, consequentemente, as potencialidades que a cidade e os sujeitos têm, caso a CCR esteja à frente do desenvolvimento da economia e do crescimento da infraestrutura, por exemplo, das cidades brasileiras.

Trazemos, à baila, um dos discursos materializados em um dos vídeos produzidos pelo Grupo CCR (2017), no *youtube*, intitulado "Sobre CCR", e, também, no *site* do Projeto Infra em Movimento que nos diz o seguinte:

> A soma do 'todos', resulta na rede de sucesso. É assim que o Grupo CCR atua no dia a dia: buscando inovar em seus investimentos com ajuda dos mais de 13 mil colaboradores e de cada usuário. O resultado é construído e aprimorado diariamente em uma das maiores companhias de infraestrutura do Brasil e da América Latina. Juntos somos mais! (GRUPO CCR, 2017, não paginado).

Compreendemos, por meio deste discurso, que o 'todo' se refere a sujeitos e cidades, uma vez que contidos neles está o processo de globalização e o próprio Grupo CCR. A busca incansável por inovação, oriunda de empresas privadas, possui, como premissa, dominação de mercado e evidência na preferência externa à qual necessita de algum serviço do grupo. É por

---

[20] Não estamos, de maneira alguma, empregando a palavra 'Pacto' para caracterizar sentidos relacionados ao domínio das crenças.

[21] Grupo CCR. **Infra em Movimento**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XJY9hmrzIdA. Acesso em: 06 jul. 2019.

meio do efeito produzido pelo *marketing* e da formulação direta de convencimento, que os objetivos empresariais tangem-se e/ou materializam-se frente à transparência e/ou opacidade do discurso e da compreensão citadina.

Outra compreensão que podemos perceber, é o possível impacto do Grupo CCR, no que se refere à empregabilidade proporcionada pelas inúmeras oportunidades de trabalho da camada social que será convocada a produzir mão de obra, pois, tal como já pensamos outrora, é o jogo dos que produzem e dos que usufruem. Em contrapartida, temos os que coordenam, financiam, projetam.

Desse modo, o Grupo CCR é o grupo de empresas do Brasil e da América Latina como um todo. Ou seja, a América globalizar-se-á por meio dos serviços da CCR. Descrevemos, ainda, o discurso que compõe o vídeo, no sentido de que possamos analisar, depreender e compreender as outras concepções que se inscrevem e significam nos dizeres formulados.

Analisamos, ainda, os efeitos de evidência veiculados nos vídeos e nos mapas interativos. O discurso é trabalhado na tentativa de demonstrar que os sentidos estão prontos e acabados ao que se institui enquanto real citadino.

De acordo com o Grupo CCR (2017):

> Desenvolver caminhos, criar opções, acreditar no ser, conectar histórias e empreender. Compartilhar valores, inspirar transformações, valorizar a vida, buscar a excelência sempre. Somos a CCR! **Um dos maiores grupos de infraestrutura da América Latina. Viabilizamos soluções de investimentos e serviços em infraestrutura. Fomos a primeira companhia a ingressar no segmento mais exigente da Bolsa, o Novo Mercado da BM&F Bovespa**. Atualmente, 55,23% das ações da CCR são negociadas no Novo Mercado, sendo 89% no mercado internacional. Um reconhecimento à nossa governança aqui e lá fora. **Buscamos sempre desenvolver o caráter socioeconômico e ambiental das comunidades onde estamos presentes**. Atuamos nos setores de concessão de rodovias, mobilidade urbana, aeroportos e serviços. Em concessão de rodovias, estamos presentes em quatro estados brasileiros (São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Mato Grosso do Sul) e em mobilidade urbana, atuamos no Rio de Janeiro, em São Paulo e na Bahia. E, em aeroportos estamos presentes em Minas Gerais, no Equador, na Costa Rica e Curaçao. Por meio da TAS, atuamos em serviços aeroportuários em diversos aeroportos nos Estados Unidos. Misturamos diferentes sotaques, culturas e experiências. Todos com a mesma paixão em servir. **Elegemos relacionamentos éticos e transparentes como nosso principal legado. Acreditamos ser este o melhor caminho para transformar as comunidades onde estamos presentes. Somos tecnologia, pioneirismo, somos a CCR! Nos preparamos dia a dia para lidar e superar desafios**. Buscamos a excelência sempre! Buscamos ir além! E para ampliar o alcance das nossas atividades, atuamos com o Instituto CCR. O Instituto CCR busca estimular o protagonismo dos jovens participantes de seus projetos nas comunidades onde residem. **Buscamos** empoderá-los para que influenciem positivamente estas comunidades. Um efeito multiplicador! O Instituto CCR está comprometido com a transparência na aplicação dos recursos próprios e

> recursos de leis de incentivos. **Acreditamos** que transparência gera confiança e a história solidifica a nossa reputação. Inovação, pioneirismo e criatividade como alicerces para o crescimento qualificado. **Hoje, somos mais de 13 mil colaboradores em prol da vida, prontos para crescer**. **Prontos para fazer o Brasil crescer**. **CCR, é por aqui que você chega lá!** (GRUPO CCR, 2017, não paginado).

FORMAÇÃO IMAGINÁRIA

A partir do conceito lacaniano de imaginário, Pêcheux (1975) define que as formações imaginárias sempre resultam de processos discursivos anteriores. As formações imaginárias se manifestam, no processo discursivo, através da antecipação, das relações de força e de sentido. Na antecipação, o emissor projeta uma representação imaginária do receptor e, a partir dela, estabelece suas estratégias discursivas. O lugar de onde fala o sujeito determina as relações de força no discurso, enquanto as relações de sentido pressupõem que não há discurso que não se relacione com outros. O que ocorre é um jogo de imagens: dos sujeitos entre si, dos sujeitos com os lugares que ocupam na formação social e dos discursos já-ditos com os possíveis e imaginados. As formações imaginárias, enquanto mecanismos de funcionamento discursivo, não dizem respeito a sujeitos físicos ou lugares empíricos, mas às imagens resultantes de suas projeções.

Olhe a língua a base dos processos discursivos – funcionamento

OBSERVAR OS VERBOS...

Conforme o discurso do vídeo vai acontecendo, os elementos imagéticos vão se relacionando. A construção entre discurso e imagem se solidifica entre elementos da contemporaneidade que alia, sujeitos, cidade, infraestrutura e perspectivas de futuro por meio da atuação do Grupo CCR.

Segundo Medeiros (2013):

> Circular no espaço urbano é, antes de tudo, uma experiência sensorial e imagética, das ações que constroem a visualidade da cena urbana, instaurando contornos sinuosos: os espaços cheios e os vazios, o colorido do comércio das calçadas, a arquitetura das casas antigas (depredadas, habitadas, desabitadas, etc.) e dos prédios modernos (inelegíveis para muitos e matéria de identidade cosmopolita para outros), a movimentação dos sujeitos pelas ruas, na disputa por espaço com barracas, bicicletas, carros e tantas outras materialidades (MEDEIROS, 2013, p. 132).

O vídeo nos permite caminhar no espaço urbano digital, que se apresenta, no material, por meio das formulações que descrevem e inscrevem os ambientes urbanos que sofrem interferência na infraestrutura proporcionada pelo Grupo CCR.

Os elementos sensoriais e imagéticos utilizados como recursos à formulação do vídeo, conduzem os sujeitos à percepção do efeito de evidência do jogo de sentidos que estão impregnados nos dizeres, bem como as condições de produção das novas cidades que se erguem cheias de infraestrutura e fomento à sustentabilidade.

Ocorre, no entanto, que o tecido da cidade 'organizada' se configura de um outro modo, fora do digital. Tem-se, na verdade, uma cidade desorganizada e sem muita infraestrutura, diferente da que é apresentada pelos vídeos do Projeto Infra em Movimento, pois as outras, emitem gases tóxicos e possuem sujeitos que, além de trabalharem em prol da construção de cidades-modelo, também têm suas particularidades e fomentam, de alguma forma, o dia a dia da cidade.

Medeiros (2013) acrescenta, ainda, que:

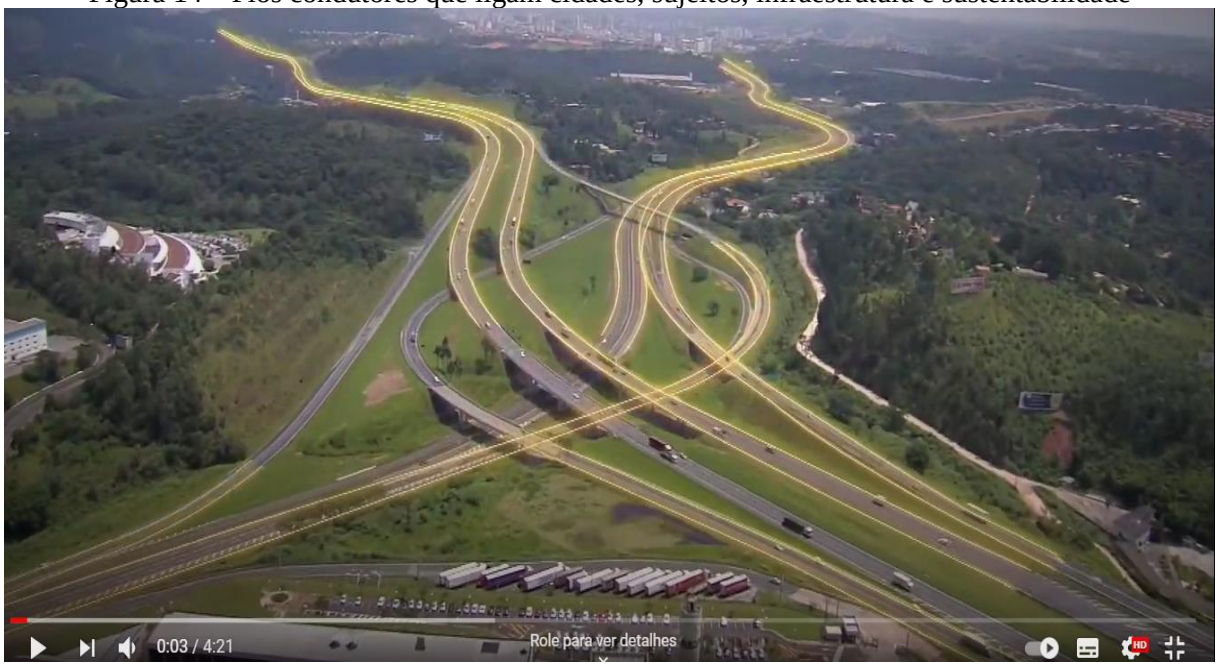
> Esse tecido imagético que se constrói no espaço urbano se dá pela interligação de várias imagens, pois uma imagem nunca está só, está sempre em relação com outras e em relação com o campo de visibilidade que a sustenta, seja ele material ou imaterial, mas ideologicamente corporificado. Esse todo urbano dado ao excesso, à sobra... à exaustão é, pois, traço de sentido constitutivo da expressão das questões sociais materializadas nos modos de textualizar, em que a imagem está inclusa, bem como nos modos de multiplicar da mídia (MEDEIROS, 2013, p. 132).

Ou seja, temos nessa constituição de sentidos relações que se interligam e projetam novos sentidos. É o caso dos elementos imagéticos os quais podemos observar na composição do material apresentado. O tecido citadino descrito pelos vídeos estão longe de aproximarem-se das cidades desorganizadas e corporificadas nas relações com o social, o político e o ideológico. São efeitos de evidência que confundem os sujeitos e proliferam um ideal social, tecnológico e tangente à realidade.

VER O LIVRO INTERPRETAÇÃO, ORLANDI.

Na Figura 9, que demonstra os segundos primeiros do vídeo, assim como pode ser percebido no decorrer dele, são trazidos fios condutores. Essas linhas que cortam todo o vídeo e mudam, de acordo com os elementos imagéticos, podem ser compreendidos como o movimento que a cidade sofre com as mudanças da globalização. O Projeto Infra em Movimento entende uma ligação possível entre cidade, vias, sujeitos, modernidade e progresso tecnológico por meio dos serviços aos quais presta à sociedade.

Figura 14 – Fios condutores que ligam cidades, sujeitos, infraestrutura e sustentabilidade



Fonte: Grupo CCR (2017).

Desse modo, o vídeo vai acontecendo e as teias do progresso, impulsionadas pelo Grupo CCR vão costurando o espaço citadino por entre os sujeitos que habitam as cidades-modelo que, ao serem evidenciadas pelo discurso de urbanidade descritos pelo Projeto Infra em Movimento, silenciam outras cidades, as que se inscrevem pela desordem, as que possuem ordem e organizações próprias, com sujeitos reais e relações sociais reais, com os âmbitos que compreendem os espaços urbanos, os quais não aparecem no vídeo.

Segundo Nunes (2014):

> [...] A construção discursiva da cidade envolve diferentes objetos de discurso, com sustentação em determinadas formações discursivas, que, por sua vez, estão imbricadas em instituições, em leis, em disciplinas, em procedimentos administrativos, em tecnologias de linguagem [...] (NUNES, 2014, p. 68).

Assim, concordamos com o autor quando postula que nas projeções imaginárias que dizem das cidades estão inscritos certos discursos e modos de representações de espaços e tempos que se configuram no ambiente citadino (NUNES, 2014). Ao que vimos analisando neste trabalho, percebemos essas projeções e discutimo-las conforme as postulações que destacamos nos vídeos e nos mapas interativos do Projeto Infra em Movimento.

Nunes (2014) afirma, ainda, que: "[...] Quando analisamos em suas relações de sentido, os objetos se articulam por meio de extensões, sobreposições, descontinuidades, acréscimos, apagamentos, reconfigurações" (NUNES, 2014, p. 68). Já as Figuras 15, 16, 17, 18 e 19, também extraídas do vídeo, demonstram as linhas e a identidade visual da CCR.

Por compreender que os elementos do vídeo acionam efeitos de sentido outros à sua formulação, significando a partir de condições de produção dadas, relacionamos as figuras que seguem com os aspectos sociais aos quais se pretende produzir entendimento por parte dos sujeitos citadinos por meio das formações discursivas que permeiam o capitalismo.

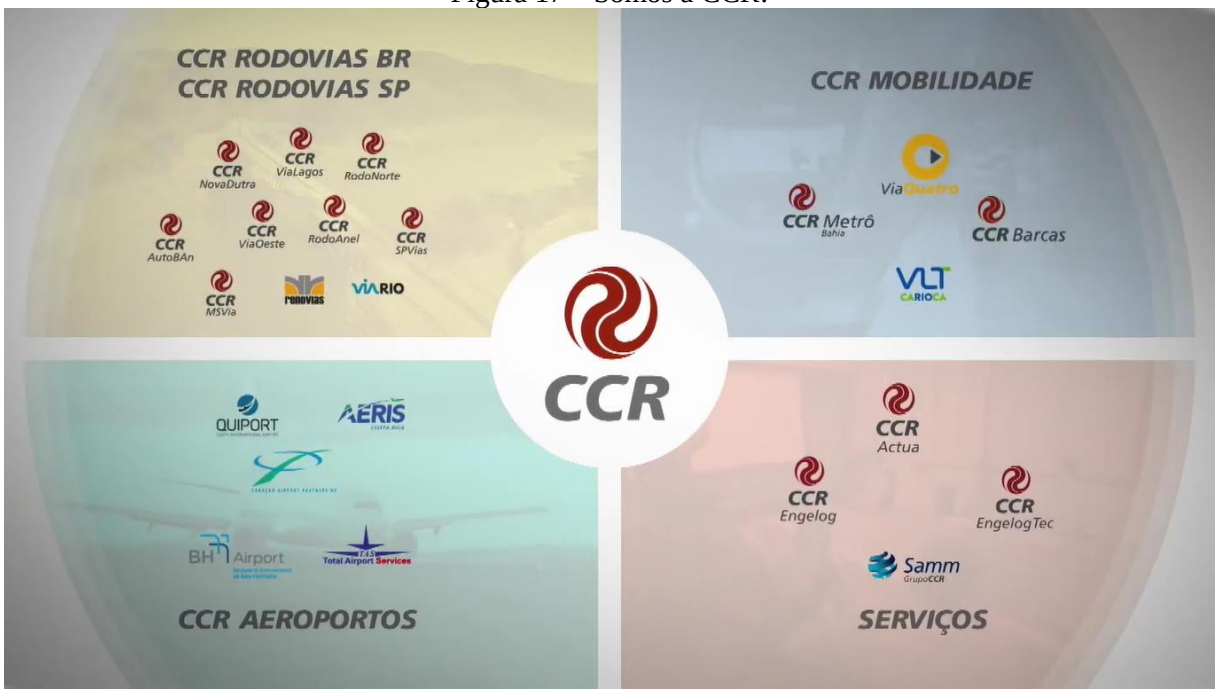
Figura 15 – Linhas em movimento e identidade visual do Grupo CCR

Fonte: Grupo CCR (2017).

Figura 16 – O Grupo CCR liga as Américas

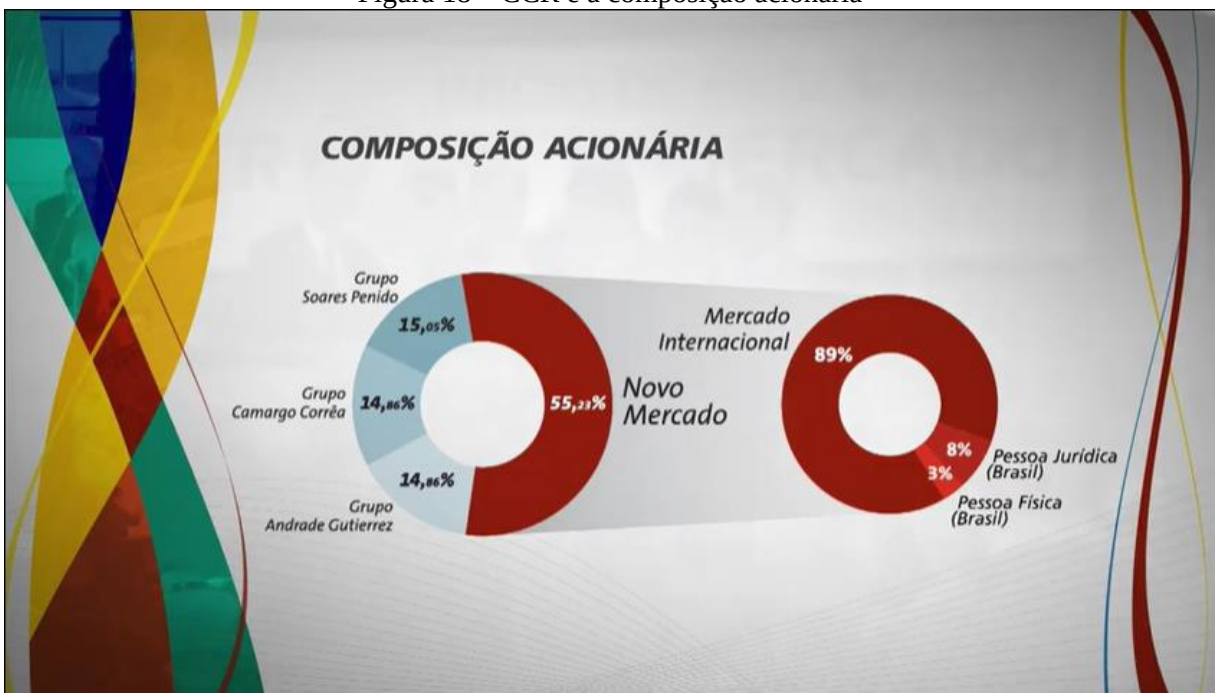
Fonte: Grupo CCR (2017).

Figura 17 – Somos a CCR!



Fonte: Grupo CCR (2017).

Figura 18 – CCR e a composição acionária

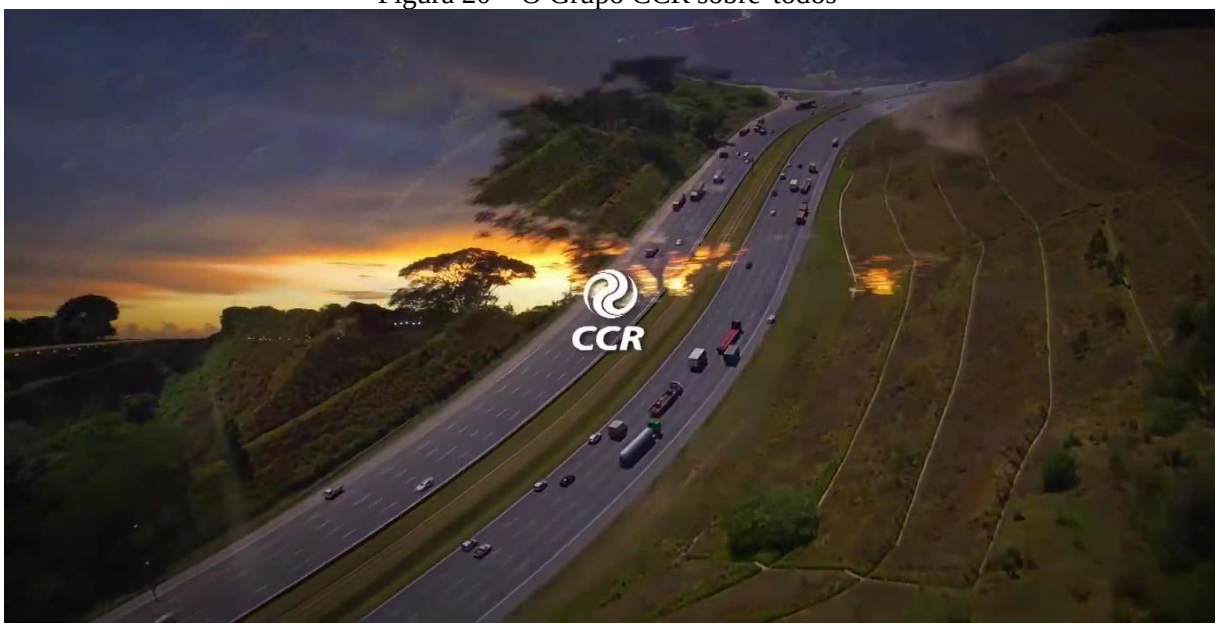


Fonte: Grupo CCR (2017).

Figura 19 – Acreditamos que transparência gera confiança!

Fonte: Grupo CCR (2017).

Figura 20 – O Grupo CCR sobre 'todos'



Fonte: Grupo CCR (2017).

As imagens demonstram um entrelaçamento – a composição imagética de um discurso.

Sugestão:

Discutir condições de produção – a cidade que se risca nos meios digital vem em uma posição política e ideologia pelo efeito do discurso da mundialização. Há algo sendo posto no nível do emergencial, do comercio.

A venda deve ser a partir do que se sustenta para o mundo, embora a cidade real esteja em desalinho. Observe os números as figuras. Trabalhe – FDs.

Tendo em vista a colocação acima, faz-se necessário que compreendamos esses dizeres que se colocam em circulação. A propaganda engendra um discurso já inscrito numa ideologia e num já dito, que corrobora para o objetivo da empresa que é o de vender o seu produto e/ou a sua marca para um determinado público.

A visão da CCR em relação ao sujeito, em conformidade com o discurso supracitado, nos faz refletir a partir de como essa formulação, como esse grupo empresarial enxerga o sujeito, numa perspectiva capitalista. À formulação, podemos ver a tomada de discurso em primeira pessoa, a CCR se dirige ao sujeito carregado por uma perspectiva de qualidade de vida urbana, que caminha rumo ao novo, a um futuro, onde, através da infraestrutura, facilite e dê condições de vida melhores aos sujeitos da cidade.

O discurso capitalista/consumista que constitui a sociedade brasileira, por exemplo, se torna um campo de exploração das empresas e indústrias que fomentam o desenvolvimento da cidade, (levando em consideração que a CCR atua mundialmente, internacionalizando seus serviços e produtos às sociedades pelo mundo, nesse caso, as cidades brasileiras).

Assim esse discurso vai tornando a convivência no âmbito citadino mais confortável, mediada por tecnologias de ponta, acesso aos serviços de locomoção, que, de certa forma, movimente os sujeitos e a cidade, em que, ambos estão em movimento, o sujeito em relação à urbanização e o espaço urbano em relação às facilidades de acesso e às tecnologias, característica feroz e de interferência significativa dos sujeitos do século XXI.

À imagem do que se coloca com esse discurso, de maneira que possamos, também, relacioná-lo à produção das imagens correlatas aos dizeres, na constituição do vídeo, é o efeito de modernidade, comodidade, benefício, condições de vida melhores aos sujeitos que serão tomados por esse funcionamento. À medida em que o dizer conduz o sujeito a crer que é único, exclusivamente e somente possível usufruir de tais tecnologias urbanas se não através/pela CCR e, chegar lá (onde?), por meio dela, é chegar a um desenvolvimento e, consequentemente, aceitando a CCR como provedora desses benefícios, é aceitar o futuro, na palma das mãos.

O grupo fala de uma cidade projetada, com portos, aeroportos, vias, ciclovias, lazer, sustentabilidade, etc., uma cidade provedora de qualidade de vida, por meio dos serviços da CCR. No próprio vídeo, que inicia com uma rodovia, que se perde em meio às montanhas, nos remete à ideia de caminho, de estar em movimento, caminhando rumo a um futuro, este que só é garantido através dos recursos tecnológicos fornecidos pelo trabalho e empenho da CCR. É um movimento de pensar que, enquanto o grupo de empresas constrói e trabalham na cidade, o sujeito pode esperar para caminhar sob o progresso, possibilitado por ela.

Para melhor visualizar, trazemos, abaixo, imagens do vídeo. As imagens seguem o cronograma de tempo do filme, em sequência:

Figura 21 – Sequência de imagens do vídeo intitulado “Infra em Movimento”

Fonte: Grupo CCR (20147).

Na primeira imagem vemos uma rodovia que atravessa a mata, corta montanhas, abre caminhos e desaparece no horizonte; na segundo imagem, através da estrada, perpassa por um túnel que dará acesso à cidade; na terceira, então, através do túnel, chega à cidade, atravessa-a, movimenta o transporte.

Já na quarta imagem, por entre as ruas da cidade, movimentam-se as pessoas, o transporte e a comunicação; na quinta imagem, perpassando essas instâncias, a empresa atravessa a cidade, propõe meios de locomoções, uma nova forma de andar na cidade; e, por fim, na sexta imagem, pela representação da última imagem, o projeto movimenta o mundo, o

Grupo CCR está no topo do mundo, nesse sentido, como o grupo de empresas que está além e aquém das outras em relação à infraestrutura das cidades.

Na sequência fílmica, há um efeito do verbal e o imagético, pois, o mesmo efeito de movimento no vídeo, pode-se observar no filme. Há uma relação, um jogo de imagens que significa a empresa como a que chegou para mudar, tirar o velho para instaurar o novo, apresenta um caminho de transformação e assim, vemos no funcionamento da imagem, "a transformação que movimenta o país em direção ao futuro [...]", "[...] a infraestrutura que coloca o Brasil em movimento". Nesse sentido, é notório que, tanto pelo verbal, quanto pelo imagético, o efeito que se tem é essa constante movimentação, o caminho necessário para "[...] que você chega lá".

Pensando por esse viés e refletindo sobre o material de análise, trazemos um pouco do que postula Nunes (2013) ao trabalhar as relações que se podem estabelecer ao analisar o que se tem por infográficos. O modo como o ambiente midiático "põe em circulação as formulações visuais na sociedade contemporânea pelos jornais, pela TV, pelo cinema, pela internet, entre outros meios, mostra a consequência de se analisar infográficos" (NUNES, 2013, p. 104).

Assim, sentimo-nos em desafio nas leituras que fazemos dos materiais infográficos, sejam eles impressos e/ou digitais. É o movimento que concebemos à composição deste trabalho. Perceber e compreender os materiais que circulam nos meios eletrônicos por meio do discurso que nele se materializa, é uma tarefa difícil, e, ao mesmo tempo, questionadora. O modo pelo qual circulam esses materiais produz, por sua vez, "um efeito-leitor demandado por uma prática de leitura que não tem mais sua sustentação somente na formulação verbal (NUNES, 2013, p. 104).

sim! Penso ser oportuno após a citação tocar de forma densa sobre o não verbal, a imagem discursivamente.

Por mais que o vídeo tenha apenas trinta segundos, os ideais sustentados pela companhia foram postos em funcionamento aos sujeitos, uma vez que, nesse curto espaço de tempo, as formas de facilitar a vida corrida no espaço urbano foram ditas, pois uma imagem está ligada a outra, começando pela estrada que levará o sujeito ao futuro, à ideia de ligação entre as vertentes constituintes do espaço urbano.

São postas em caráter de ligação, como se fosse um gene, do túnel que leva aos assentos do avião, que leva aos aeroportos, que leva ao metrô, que circula no meio da cidade, isso tudo, com pessoas participando dessa integração entre tecnologia e homem. Vê-se também, a ideia de rapidez, os dizeres acompanham a velocidade com que as coisas da cidade estão

ligadas. Sendo assim, infraestrutura, crescimento e rapidez, consolidam um gesto de interpretação de vivência de qualidade no espaço urbano.

De acordo com Orlandi (2013):

> [...] a máquina não é um substituto, um outro mesmo, um Um. Há sempre resto, um não Um, um incompleto, um não lá, porque pensamento, sujeito e sentido têm materialidade. Não são transparentes, nem exatos. Assim como o gesto de interpretação, que não é Um, em sua materialidade (ORLANDI, 2013, p. 18).

O espaço urbano e os sujeitos acabam sendo condicionados pelas máquinas que engendram a contemporaneidade. A velocidade em que o sistema de produção vem avançando com o uso das máquinas em substituição ao homem, vem deixando rastros por onde passa. As relações sociais estão, cada vez mais, sendo mediadas por máquinas, por tecnologias, por mobilidades digitais. Relações que deixaram de ser sólidas, num sentido mais consolidado, para tornarem-se liquidificadas, correntes, velozes.

Contudo, pensamos ser este o destino do homem? Condicionado à velocidade da tecnologia e da globalização de suas relações, os sujeitos digitais serão fluidos e poderão mover-se na rapidez em que mandam suas mensagens de texto pelos canais de comunicação cada vez mais atuais. É a produção científica e a produção de sentidos *sobre* e *do* científico que são processados pelos sujeitos e, de alguma forma, produz deslocamentos nas relações históricas humanas.

A voz que conduz o vídeo também significa. À medida em que o discurso vai acontecendo, a voz vai amarrando os dizeres às imagens, bem como aos efeitos de sentidos produzidos na relação entre os significantes que compõem o discurso. Essa voz, diz da empresa, dos objetivos dela, dos benefícios e também propõe uma expectativa e uma perspectiva ao sujeito em relação ao fato da cidade crescer e se desenvolver a partir do rol de vertentes apresentadas.

Faz pensar no processo de sobredeterminação do verbal a imagem. É como se a imagem estivesse despida de significação.

De certa forma, essa voz que dialoga com o sujeito, provoca efeitos de sentido à medida em que os sentidos vão se constituindo de sujeito para sujeito, que se identificará com as propostas e benefícios suscitados pelos dizeres da empresa, levando-o, assim, ao prestígio pelo Grupo CCR.

O grupo de empresas da CCR não age sozinho, nesse movimento de crescimento. Ele conta com a participação efetiva do capital, do financiamento, nesse caso, possibilitado pelo

Banco do Bradesco, pois, não há como investir em crescimento, se não há quem financie tal investimento (capitalista), como é o caso do crescimento urbano, que só se move pelo investimento de capital aplicado, tanto às pessoas físicas, quando às pessoas jurídicas.

3.3. O Banco do Bradesco

O Banco do Bradesco foi fundado em 1943. É uma instituição bancária privada que financia diversos setores de investimentos nos ramos de tecnologia, construção, infraestrutura, logística e demais segmentos que movimentam a economia do país (BRADESCO, 2021). Dentre suas falanges de atuação, está o patrocínio junto ao Projeto Infra em Movimento, que, nessa relação, entre mão de obra e divulgação, se inscreve enquanto órgão financiador de parte do processo de desenvolvimento das ações que o projeto dispõe (BRADESCO, 2019).

Segundo dados disponíveis no *site* do Banco do Bradesco (2011), além de ser o segundo maior banco privado do país, é tido como um dos maiores, no que se refere às fusões, aos crescimentos nos setores de arrecadação e investimentos, bem como de aquisições. Fundado por Amador Aguiar, juntamente com mais dois amigos, na cidade de Marília, no estado de São Paulo, chamava-se, à época, de Casa Bancária Almeida. Depois de algum tempo passou a se chamar Banco Brasileiro de Descontos S.A. (Bradesco), e, desde então, assina esse nome em sua razão social (BÚSSOLA DO INVESTIDOR, 2011).

Para se ter uma noção da magnitude do Banco do Bradesco, no ano de 2011, foi divulgado pelo próprio banco o lucro líquido do primeiro trimestre do ano. O lucro ultrapassou a marca de R$ 2,7 bilhões, consagrando-se enquanto o segundo maior resultado obtido por um banco de origem brasileira, de capital aberto, para apenas um trimestre de registro (FOLHA DE SÃO PAULO, 2011).

Segundo o *site* G1 (2011), o lucro obtido no primeiro trimestre de 2011 ficou atrás, apenas, dos dados divulgados pelo Itaú-Unibanco, em relação ao primeiro trimestre do ano de 2010, quando arrecadou ganhos superiores a R$ 3,2 bilhões. Desse modo, percebemos que tornam-se expressivos, os estudos relacionados ao Banco do Bradesco na sua atuação junto à sociedade e aos espaços urbanos, uma vez que, os investimentos são altos, no que tange ao fomento em bens e serviços, infraestrutura, e, atrelado a isso, os investimentos relacionados às questões de sustentabilidade, tais como as ressaltadas pelo Projeto Infra em Movimento e pelo Grupo CCR.

O Banco do Bradesco contribui na realização de muitos “sonhos” dos cidadãos, no que se refere aos produtos, serviços e financiamentos, atuando no fornecimento de seguros de vida,

imóveis, etc. Por ser uma instituição bancária privada, a visão empresarial, ao patrocinar e/ou financiar um projeto tal como o Projeto Infra em Movimento, tem, como objetivo, produzir a arrecadação monetária por meio da aplicação de juros, promovendo que o capital do país possa ser movimentado, e, em especial, a difusão da instituição enquanto fomentadora da economia do país (BRADESCO, 2019).

Segundo o *site* do Banco do Bradesco (2020), a empresa bancária prima por algumas visões e valores à sociedade. É ressaltado que o Banco do Bradesco fornece opções preferenciais aos seus clientes, seja de maneira física, na agência, seja no mundo digital, e que, dessa forma, diferencia-se por uma atuação eficiente em todos os segmentos do mercado. O que nos chama à atenção, referente ao ponto de vista sobre a atuação junto à sociedade, é que alguns preceitos são postos como prioridade ao atendimento do público, razão da existência de toda a magnitude da empresa.

Conforme o Banco do Bradesco (2020), esses pontos de valores são:

> 1 – Cliente como razão da existência da Organização; 2 – Ética em todas as atividades e relacionamentos; 3 – Transparência nas informações necessárias às partes interessadas; 4 – Crença no valor e na capacidade de desenvolvimento das pessoas; 5 – Respeito à dignidade e à diversidade do ser humano e 6 – Responsabilidade socioambiental, com incentivo de ações para o desenvolvimento sustentável (BRADESCO, 2020, não paginado).

Essas projeções postas pela empresa bancária privada, colocam, em funcionamento, sentidos que permeiam sujeitos, urbanidades e espaço digital. Analisamos, por sua vez, a respeito do primeiro valor ressaltado pelo Banco do Bradesco ser relativo ao cliente (BRADESCO, 2020).

A clientela, desse modo, não é apenas compreendida pela população que possui poder aquisitivo para financiar algum produto, mas todos os cidadãos que habitam espaços (urbanos e rurais). Na verdade, podemos perceber esses valores como sendo uma projeção dos valores também dispostos pelo Grupo CCR, quando cita o comprometimento com os cidadãos, nesse sentido, também clientes das empresas atuantes no espaço urbano.

Quando uma empresa ou grupo privada(o) começa a empreender no mercado, as crenças e valores são direcionados ao público-alvo, no sentido de promover-se diante da oferta dos serviços à comunidade urbana. Ao analisarmos os discursos e possíveis condutas em relação à prestação de serviços e destaque no mercado, vemos o funcionamento ideológico se inscrevendo nas perspectivas ressaltadas pela empresa/grupo.

Esses lugares, ora preocupam-se com os clientes, ora com a infraestrutura e estabilidade *dessa* e *para essa* clientela, ora cria discursos de sustentabilidade para tentar amenizar os impactos socioeconômicos, políticos e, principalmente, ambientais que provocam no seio social. Sobre este assunto, vimos relacionando as postulações que envolvem sustentabilidade entre as empresas de âmbito privado, em contraponto com o espaço urbano e o processo de globalização.

Contudo, esconde-se, por detrás das afirmações sustentáveis das iniciativas privadas, as contradições nos discursos, conforme as políticas internas e sociais do Banco do Bradesco salientam que seja primordial se oferecer, à sociedade:

> [...] soluções, produtos e serviços financeiros e de seguros com agilidade e competência, principalmente por meio da inclusão bancária e da promoção da mobilidade social, contribuindo para o desenvolvimento sustentável e a construção de relacionamentos duradouros para a criação de valor aos acionistas e a toda a sociedade (BRADESCO, 2020, não paginado).

Prima-se, então, por questões relacionadas a negócios, principalmente no que se refere à venda de bens à sociedade. Tal como afirmamos sobre o Grupo CCR, o Banco do Bradesco também cria políticas sustentáveis, uma vez que, para continuar no topo dos *rankings* de investimentos e ganhos necessita de financiar projetos que se expandam e explorem recursos naturais, logo, criam-se políticas de preservação e visão de sustentabilidade ao espaço urbano (BRADESCO, 2020).

Com isso, enxergamos uma projeção ilusória de dever, propagada pelas empresas de ordem bancária aos cidadãos urbanos. O compromisso com valores éticos, políticos, sociais e ambientais são levantados por essas organizações para que possam ser silenciados outros dizeres que põem em contraponto os objetivos capitalistas que encontram-se funcionando nas reais conformidades estabelecidas previamente, por um rol de prioridades estritamente capitalistas, que só se mantém em ordem pela desordem, que causam através dos silêncios que se valem nas políticas de atuação. Ou seja, os efeitos dessa relação são trabalhados em virtude de uma história, um imaginário capitalista, de um funcionamento discursivo que permeia os campos sociais.

Trabalhar esse efeito discursivo. Cuidado com o efeito ideológico elementar. Ou seja, tem-se um espaço mercadológico em movimento em processo de compra e venda que se abre a gestos de leitura pelo funcionamento da linguagem.

Portanto, essa ‘responsabilidade’ com o público perpassa alguns caminhos do discurso que nos permite questionar sentidos e interpretações. E, ao passo em que procuramos relacionar

as práticas com as premissas estabelecidas no tocante ao capitalismo, à globalização e à difusão da comunicação via *internet*, compreendemos os processos relacionais tais como acontecem na ordem do discurso que emerge dos materiais em circulação, tanto pelo Projeto Infra em Movimento, quanto pelo Grupo CCR, e pelo Banco do Bradesco.

Em um resumo de algumas de suas responsabilidades, dispostas no *site*, o Banco do Bradesco (2020) considera que se:

> [...] destaca pelo comprometimento com o **desenvolvimento socioeconômico** do País e traduz essa atitude em diretrizes, estratégias e ações de **sustentabilidade**, além do foco em iniciativas de inclusão bancária, **concessão de crédito e oferta de produtos considerando aspectos socioambientais** (BRADESCO, 2020, não paginado, **grifos nossos**).

Nesses dizeres, o comprometimento com o bem-estar do cidadão se estabelece como ponto forte da empresa. Porém, a atitude de comprometimento com o desenvolvimento socioeconômico, por meio de estratégias e ações de sustentabilidade são postas em cheque, quando vemos o financiamento às empresas provedoras de expansão urbana, em detrimento às questões de sustentabilidade.

A questão de sustentabilidade é vista como um assegurado de que o ambiente urbano será um ambiente limpo e provido de escoamento de detritos, contribuindo para a limpeza urbana e não de uma questão realmente sustentável que perpasse as questões do meio ambiente mesmo, no sentido de degradação do meio ambiente pelo avanço da poluição e desmatamento, pois não há como uma cidade crescer, por exemplo, sem que haja escoamento de detritos urbanos e o desmatamento à implantação de novos recursos urbanos, principalmente um metrô, que necessita de uma certa incidência no meio ambiente para ser implantado.

Incorporar políticas internas e externas à sociedade, critérios socioambientais, no sentido de gerenciar o relacionamento entre clientes e fornecedores, pode ser um aspecto que deve ser explorado pelas empresas privadas, tais como o Banco do Bradesco. Vemos, nas imagens dos vídeos analisados neste trabalho, que, em meio ao cinza das cidades e das rodovias, são postos, em evidência, o verde das árvores, onde o discurso de sustentabilidade e preservação do meio ambiente, proporcionando mais qualidade de vida aos sujeitos, aparecem.

ver – Minha Dissertação (base biblioteca Unicamp) – capitulo sobre sustentabilidade – ambiente.

Mas é, contudo, por meio do aperfeiçoamento de um bom planejamento em gestão ambiental, tanto pelo Projeto Infra em Movimento, quanto pelo Grupo CCR, que enxergamos uma saída possível para fomento do Banco do Bradesco em políticas públicas efetivas que

amparem iniciativas que deem conta do crescimento populacional e do urbano, ao passo em que, em meio a esses crescimentos, o Grupo CCR possa, além de desenvolver o que já desenvolve, proporcionar mais qualidade de vida aos sujeitos urbanos, com vistas, em primeiro lugar, ao caráter socioambiental e sustentável urbano.

Por mais que as avaliações considerem diversas empresas privadas como líderes em avaliações de investimento em sustentabilidade, como o resultado do Guia Exame de Sustentabilidade (2010), divulgado no *site* do Banco do Bradesco (2020), o qual considerou o banco, pela terceira vez consecutiva, o líder em investimento nessa área, devemos pensar em que medidas essas avaliações acontecem e quais parâmetros são avaliados, para se chegar a eleger um financiador modelo de globalização.

Portanto, explanadas e analisadas as condições de produção do Projeto Infra em Movimento, do Grupo CCR e do Banco do Bradesco, passamos à discussão da Rede Globo de Televisão para que possamos ingressar nos mapas interativos e na discussão das concepções de cidade e silenciamento que são evocados nessa tríade de fomento à infraestrutura das cidades das américas.

3.4. A Rede Globo de Televisão

A Rede Globo de Televisão é uma rede televisão aberta, brasileira, que atua no mercado televisivo desde o ano de 1965. Em relação a esse mercado, a Rede Globo de Televisão tem investido muito capital em *slogans* desde a sua fundação até os dias de hoje. A forma como a emissora de TV, Globo, se configura no meio social, diz muito de seu histórico político, ideológico, social, e, principalmente, capitalista. A Rede Globo de Televisão pertence à família Marinho, fundada, inicialmente, por Irineu Marinho (REDE GLOBO, 2020).

Os *slogans* veiculados pela Rede Globo de Televisão/Grupo Globo, nos materiais elencados à composição da análise deste trabalho, são sempre acompanhados do nome e/ou da identidade visual da emissora Rede Globo, seja no início ou no fim do vídeo, bem como no início ou fim das notícias e/ou postagens.

A Figura 22 demonstra algumas dessas identidades.

Figura 22 – Identidades que aparecem nos materiais veiculados pelo Projeto Infra em Movimento e pelo Grupo CCR

Fonte: Rede Globo (2020).

A demarcação de identidade, neste caso, referencia o lugar que a emissora ocupa no mercado televisivo, um lugar de destaque empresarial, no que se refere ao veículo de informações, não somente à população brasileira, mas, também, à mundial, pois a Rede Globo de Televisão está engajada mundialmente, no quesito de internacionalização de informações, sejam locais ou não (REDE GLOBO, 2020).

a logomarca produz um processo de identificação que funciona entre os leitores.

Segundo dados extraídos do site da Rede Globo (2020), as primeiras edições de jornais feitas pela família Marinho, até então dirigida por Irineu Marinho, pai de Roberto Pisani Marinho (diretor-chefe da rede globo de 1931 até o ano de 2003), datam do início do século XX, mais precisamente em 1911, com o Jornal A Noite, dirigido por Irineu, até a sua morte, que tem, por sucessor, Eurycles de Matos, amigo mais próximo de Irineu.

Roberto Marinho morre em 6 de agosto de 2003, aos 98 anos e deixa seu patrimônio aos cuidados dos filhos, Paulo Roberto Marinho, Roberto Irineu Marinho, João Roberto Marinho e José Roberto Marinho (REDE GLOBO, 2020).

Como pode ser observado, a emissora transcende gerações e perpassa a marca de mais de 55 anos de existência no Brasil. Nesse tempo, as parcerias e patrocínios foram recorrentes. Tal afirmação pode ser verificada pela percepção que se tem, ao verificar as plataformas digitais, tais como o próprio *site* oficial e o canal do *YouTube*, além de vários outros *links* de canais de comunicação que são anexos ao oficial e concluir que a emissora assina inúmeros lugares em diferentes aspectos sociais, além, é claro, da parceria que movimenta uma camada social através da divulgação dos materiais do Projeto Infra em Movimento e da atuação junto ao Grupo CCR.

Roberto Pisani Marinho (1904-2003) herdou, além da fortuna de seu pai, a rede de televisão mais influente da América Latina, e, mais tarde, a mais influente no mundo. A administração do Grupo Globo (GG) ocorreu de 1925 até 2003, sendo considerado, por vezes, um dos homens mais poderosos e influentes do país no século XX (REDE GLOBO, 2020).

O empreendedorismo de Roberto Marinho levou à constituição de um dos maiores impérios de telecomunicação do planeta, pois toda a sua família, engajada no jornalismo, herdava parte da mídia que conhecemos hoje. O jornal O Globo foi dirigido, ainda na adolescência, por Roberto Marinho, que um tempo depois, foi se expandindo nas empresas vinculadas às organizações Globo. A primeira concessão pública de TV no Rio de Janeiro, que a Rede Globo de Televisão fez foi no ano de 1957 (REDE GLOBO, 2020).

Em relação à estrutura e alcance da emissora de TV, a Rede Globo de Televisão faz parte do GG que é um grande aglomerado de mídia brasileiro e o maior da América Latina. Dentro do rol de empresas associadas ao GG estão, segundo o *site* da própria Rede Globo de Televisão (2019):

> Rede Globo Filmes (empresa cinematográfica), a TV Globo Internacional (difusão internacional), a Globo Marcas (*branding* e publicidade), a Globo Vídeo (vídeos na *internet*), a TV Globo Minas (emissora de televisão em Belo Horizonte), a TV Globo Brasília (emissora de televisão em Brasília), a TV Globo Nordeste (emissora de televisão em Recife), a TV Globo Rio de Janeiro (emissora de televisão no Rio de Janeiro) e a TV Globo São Paulo (emissora de televisão em São Paulo) (REDE GLOBO DE TELEVISÃO, 2019, não paginado).

Penso que se torna desnecessário uma descrição sobre o canal da televisão, X, mas discutir como esse meio de comunicação – televisivo – joga produz pela imagem o processo ideológico. Discutir a logomarca como aquela que se ajusta ao discurso do infra – o movimento.
Ver trabalhos de Telma Domingues, o qual vc usa no inicio de sua escrita; dentre outros .

A Rede Globo de Televisão, em sua grande estrutura mundial de cobertura de notícias, se insere no mercado midiático de veiculação de discursos de infraestrutura e sustentabilidade de grandes empresas do ramo, como é o caso da parceria estabelecida com o Grupo CCR. Nessa relação, a Rede Globo de Televisão atua como mídia promotora de disseminação de notícias, discursos, mercado, capital e demais vertentes de interesses capitalistas, nos quais as premissas de infraestrutura e verticalização das cidades são acionadas.

Como ser (re)conhecido rapidamente e mundialmente se não *pela* e *através* da grande mídia? Desse modo, a parceria entre a grande mídia e as empresas de infraestrutura é válida. Em linhas gerais, discutiremos mais a respeito dessa relação com a Rede Globo de Televisão nas análises dos mapas interativos e dos discursos dos vídeos.

3.5. Os mapas interativos do Projeto Infra em Movimento

"*É sem dúvida, disse a mim mesma,*
Que a cidade real [...] me interessa menos que a cidade sonhada,
Que a cidade fantasmada, que a cidade-tela,
Aquela que eu trago em mim".
(RÉGINE ROBIN)[22].

Com efeito, às análises, trazemos, ainda, as condições de produção dos dois mapas interativos, disponíveis no *site* do Projeto Infra em Movimento e no portal do G1 (2017). Vale ressaltar que o projeto, nesse portal, é nomeado com a expressão 'EM MOVIMENTO', diferente do apresentado anteriormente, pelo Grupo CCR.

Em relação ao primeiro mapa interativo, temos uma estrutura retangular que se encaixa à outra. Uma cidade que se organiza pelos retângulos por entre outros elementos que dão o *design* do espaço urbano, funcionando e movimentando sujeitos, como mostra o primeiro mapa interativo (Mapa 1).

Mapa 1 – Primeiro mapa interativo do Projeto Infra em Movimento

Fonte: Em Movimento (2017).

Nesse primeiro mapa interativo (Mapa 1), analisamos a razão pela qual recebeu esse nome. 'Interativo', na Língua Portuguesa, é um adjetivo e que faz referência a uma ação de

[22] ROBIN, Régine. **Mégapolis**: les derniers pas du flâneur. Paris: Stock, 2009.

interação, ou seja, para haver interação deve haver mais de uma pessoa (PRIBERAM, 2020). É como pensar a relação que permeia o discurso, pois ele é efeito de sentido entre interlocutores (PÊCHEUX, 1975).

Ademais, interativo se relaciona com quaisquer fenômenos que reagem uns sobre os outros. Na área de informática, tudo o que se relaciona com interativo produz ação de interação entre indivíduos. Se pensarmos essa relação no digital, temos interação, porém, em mobilidades diferentes, em condições de produção diferentes. O modo como os sujeitos se relacionam, se constrói por meio dos fios, são fios do discurso, que fluxam nas teias contemporâneas do digital/eletrônico (PRIBERAM, 2020).

A cidade descrita, por mais que pareça 'completa', tem seus deslizes. Não há uma organização linear entre as ruas, mostrando que essa cidade, por exemplo, possa ter um centro político ou uma central que liga as demais partes do todo. O mapa possui uma característica que também está presente no segundo mapa interativo, ele se assemelha a uma placa-mãe de computador. Ou seja, a cidade digital, lógico-matemática, se organiza em compartimentos onde circulam os sujeitos citadinos.

Observamos que há um morro no centro dessa cidade, arborizado e inscrito no meio do espaço urbano. Há uma tentativa de demonstrar que a cidade é contemplada em quesitos ambientais, de sustentabilidade. Mas há, contudo, um dimensionamento reduzido de uma cidade real, em condições de funcionamentos não-digitais (PROJETO INFRA EM MOVIMENTO, 2017).

O pequeno espaço urbano, criado por esse mapa, é contemplado por vários aspectos assegurados em políticas públicas e projetos financiados por setores privados contemplados para o citadino, uma vez que o fluxo das cidades depende de serviços essenciais que as movimentam e as fazem funcionar. Esses elementos, do primeiro mapa para o segundo, sofrem alterações significativas em fornecimento de qualidade de vida aos sujeitos urbanos. As discutiremos em detalhes mais adiante.

Tem-se, ainda, um pequeno rio que corta a cidade, que a corta transversalmente. Interessante pensar que todos os aspectos dessa cidade parecem se ligar uns aos outros. O próprio mapa está em movimento, conforme pode ser percebido ao acessar o *site* Em Movimento. A cidade se significa no movimento proporcionado pelo GIF.

A cidade parece estar cercada por uma praia e, consequentemente, envolta pelo mar. Isso nos leva a conferir mais um aspecto de completude, mais um gesto de significação de uma possível cidade litorânea, visto que não se têm cidades tão tecnologicamente desenvolvidas como as cidades brasileiras localizadas no litoral. Sem mencionar, ainda, o fato do progresso e

dos efeitos da globalização começarem pelos litorais de um país e a expansão, conforme os anos, se estender aos quatro cantos por meio da exploração de bens naturais e serviços de mão de obra, em detrimento do novo, contemporâneo, fluido.

Desse modo, temos a cidade ideal, planejada com os preceitos de tecnologia e logística para atender às contemporaneidades proporcionadas pela tecnologização do espaço urbano. Esta cidade se configura como um modelo litorâneo, globalizado e contemporâneo, que, diferente de uma cidade qualquer, significada a partir de uma ordem e uma organização, não sofre mudanças por meio do deslocamento em virtude do aprimoramento e da desconstrução, ao contrário, ela já nasce pronta, sem que precise de mão de obra para cria-la, modifica-la, já que o digital a criou.

Retomamos, o segundo mapa interativo (Mapa 2), no que se refere ao que se apresenta enquanto sentido de evidência da/na cidade digital. Pode-se perceber os silenciamentos e, consequentemente, conforme demonstrado pelo primeiro mapa interativo (Mapa 1), os sentidos das cidades reais às quais caminhamos, moramos, constituímos.

Mapa 2 – Segundo mapa interativo do Projeto Infra em Movimento

Fonte: Em Movimento (2017).

Em relação ao segundo mapa interativo, este se difere, em vários aspectos, dos que se inscrevem em relação ao primeiro. A começar pelas ruas e vias, que seguem um novo padrão. Agora, temos um centro em forma circular, a partir do qual as ruas se ligam e ligam outros lugares da cidade a um centro.

A diferir, também, no modo como é projetada, porque segue um padrão de modernidade, anexando, à constituição, um caráter de cidade globalizada no século XXI, de mais fácil acesso ao sujeito, trabalhando com a ideia de completude no oferecimento de comodidade ao sujeito citadino.

A cidade desse mapa é cortada por um rio, que oferece recursos ao espaço urbano, tais como: hidrelétrica, rios e bacias hidrográficas, ou seja, mais um aspecto que não aparece no primeiro mapa interativa (Mapa 1).

A cidade apresenta uma quantidade relativamente baixa de área verde, em relação à primeira, bem como um imaginário, até mesmo, de reflorestamento, pois as árvores seguem uma métrica característica de reflorestamento, pois não segue o curso natural das grandes florestas, que se caracteriza por uma assimetria.

A cor cinza, o concreto, também se sobressai, em relação ao primeiro mapa. Esta característica, cada vez mais presente nas grandes cidades, reverbera sentidos de sustentabilidade e avanço exacerbado das cidades em relação ao meio ambiente.

TERMINAR DE ANALISAR E FAZER O FECHAMENTO...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetos de estudo desta pesquisa foram descritos e analisados com base nos pressupostos teóricos e metodológicos da Teoria de Análise de Discurso, materialista de linha francesa. O caminho de análise foi sendo emergido e percorrido conforme as leituras de cidade, sujeito e discurso, e, à medida em que deslocamos essas concepções, fomos estabelecendo relações com a exterioridade, com as inscrições de/em língua, de/em história.

O modo como o Projeto Infra em Movimento e o Grupo CCR projetam os efeitos de sentido a respeito do espaço urbano eletrônico, dizem de concepções calcadas em pressupostos contemporâneos capitalistas envoltos por discursos que se inscrevem, com efeito, no âmbito midiático/eletrônico. As cidades que funcionam e significam nos mapas interativos e nos vídeos, destoam das cidades reais em suas particularidades que envolvem *ordem* e *organização* próprias.

Quando mobilizamos as compreensões a respeito de cidade, pudemos delinear aspectos aos quais se relacionavam na constituição do corpo urbano e do corpo dos sujeitos. Os efeitos de sentido que engendram os materiais de análise, apresentados nesta pesquisa, circulam, tanto pelo meio social, por entre as ruas e vielas do urbano, quanto pelo espaço eletrônico, fios de rede e mobilidade rarefeita.

Desse modo, o movimento produzido pelos elementos imagéticos e pelos discursos que acompanha o Projeto Infra em Movimento, projetam um imaginário de cidade do ponto de vista digital. Esse imaginário consiste na afirmação de que as cidades descritas e significadas pelos mapas interativos, são autossustentáveis e possuem os mecanismos necessários à vida urbana.

Essa vida na urbe, conforme o que circula sobre cidade, na concepção da tríade de fomento do Projeto Infra em Movimento está relacionada aos aspectos de telefonia, satélite, produção de energia, geração de emprego, mobilidade urbana, deslocamentos de pessoal, preservação ao meio ambiente, transportes públicos, saneamento básico, deslocamento de sujeitos, etc., que fazem com que esse espaço se movimente rumo ao tecnológico, ao contemporâneo.

O ‘todo’ dos sujeitos urbanos, frente aos discursos inscritos na ordem do eletrônico, em suma os que se materializam nos mapas interativos do Projeto Infra em Movimento, são silenciados pelos discursos que analisamos nesta pesquisa. Os sujeitos à margem não estão significando nas cidades digitais do ponto de vista da infraestrutura que movimenta o mundo, une as Américas e sustenta todo um espaço histórico, político, social e ideológico.

Além disso, as camadas sociais que habitam os reais espaços urbanos que significam por *ordens* e *organizações* próprias, estão e são, com efeito, silenciadas nos mapas interativos que resumem a atuação do Grupo CCR nas cidades. Compreendemos que esse silenciamento se dá pelas formações discursivas e ideológicas que são pautadas no engendramento social urbano que emerge da globalização e expansão do ambiente urbano, já que o destino das cidades, conforme os materiais de análise, cresce e se movimenta diariamente.

FALTA SOMENTE UM FECHAMENTO.

REFERÊNCIAS

BARACUHY, Maria Regina. Análise do discurso e mídia: nas trilhas da identidade nordestina. *In:* **VEREDAS *ON-LINE*: ANÁLISE DO DISCURSO**, Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, jul./ago., 2010, p. 167-177. ISSN 1982-2243. Disponível em: https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/04/artigo-131.pdf. Acesso em: 19 mar. 2019.

BRADESCO, 2020.

BRADESCO, 2019.

BRADESCO, 2011.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. IBGE, 2019. Disponível em: https://news.un.org/pt/story/2019/02/1660701. Acesso em: 25 ago. 2019.

BRASIL. (2001).

BRASIL. (1988).

BÚSSOLA DO INVESTIDOR. Banco do Bradesco S/A. **Finanças e seguros-Bovespa**: BBDC4, 2011. Disponível em: http://www.bussoladoinvestidor.com.br/cotacao/BBDC4.asp. Acesso em: 10 nov. 2019.

CASTELLS (1983).

CANTORI, Wagner. Voz e completude: os sentidos da ciência no ar. *In:* DIAS, Cristiane. ***E*-urbano**: sentidos do espaço urbano/digital. Laboratório de Estudos Urbanos (LABEURB), Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade (NUDECRI), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, p. 92-116, 2011. ISBN: 978-85-98807-06-5. Disponível em: https://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/pdf/eurbano7.pdf. Acesso em: 10 set. 2019.

CAROZZA, 2013.

COURTINE, Jean-Jacques. **O tecido da memória**: algumas perspectivas do trabalho histórico nas ciências da linguagem, Línguas, n. 114, p. 5-12, Coleção Memória, História, Língua, Paris, 1994.

DEBRAY, 1995.

DIAS, Cristiane. (2016).

DIAS, Cristiane. *E*-urbano: a forma material do eletrônico no urbano. *In:* DIAS, Cristiane. ***E*-urbano**: sentidos do espaço urbano/digital. Laboratório de Estudos Urbanos (LABEURB), Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade (NUDECRI), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2011. Disponível em: https://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/pdf/eurbano2.pdf. Acesso em: 15 abr. 2019.

DIAS, Cristiane. 2011.

DIAS, Cristiane. Os sentidos das cidades virtuais. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 53, n. 2, p. 125-136, jul./dez., 2011. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636982/4704. Acesso em: 20 jan. 2021.

DICIO. 2019.

DONATO, Vitório. **Logística verde**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2008. 256 p.

FEDATTO, Carolina Rodrigues. Arquivo e memória discursiva na cidade. *In:* FEDATTO, Carolina Rodrigues. **Um saber nas ruas**: o discurso histórico sobre a cidade brasileira. (p. 29-37); Unicamp, 2013. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/268942/1/Fedatto_CarolinaPadilha_D.pdf. Acesso em: 15 abr. 2019.

FEDATTO, Carolina Padilha. Língua na rua: margens do sujeito. RUA [on-line]. 2009, n° 15. v. 1; ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. Disponível em: http://www.labeurb.unicamp.br/rua/; Acesso em: 25/09/2018.

FEDATTO, Carolina Padilha. Trajetos, imprevistos, sentidos nas cidades. Rua: Campinas. (129-132), 2005. In ORLANDI, E. P. Cidade dos sentidos. (p. 159), Campinas: Pontes. 2004.

FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. Discursos sobre Cidades na Enciclopédia “Tradicional”, na Wikipédia e na Desciclopédia: percursos de sujeitos, saberes e línguas. *In:* DIAS, Cristiane. Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital [online]. Série e-urbano. Vol. 2, 2013, Consultada no Portal Labeurb – http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/ Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (org.). Glossário de termos do discurso. São Paulo: Pontes, 2020. 297 p. ISBN 786556370055.

FERREIRA, Leila da Costa. **A questão ambiental**: sustentabilidade e políticas públicas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 1998.

FOLHA DE SÃO PAULO. Mercado. Lucro do Bradesco cresce 28,5% e atinge R$ 2,7 bi no 1º tri. *In:* FOLHA DE SÃO PAULO, 27 abr., 2011. Disponível em: https://m.folha.uol.com.br/mercado/2011/04/907760-lucro-do-bradesco-cresce-285-e-atinge-r-27-bi-no-1-tri.shtml. Acesso em: 20 jul. 2019.

G1/EM MOVIMENTO, 2020.

G1/EM MOVIMENTO, 2019.

G1/EM MOVIMENTO, 2018.

G1/EM MOVIMENTO, 2017.

G1. Bradesco tem lucro líquido de R$ 2,79 bilhões no 1º trimestre. Crescimento é de 3,4% ante igual período de 2011. Carteira de crédito no período avançou 14,6%. *In:* GLOBO.COM, 27 abr., 2011. Disponível em: http://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2012/04/bradesco-tem-lucro-liquido-de-r-279-bilhoes-no-1-trimestre.html. Acesso em: 10 jul. 2020.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a reprodução de identidades. DOSSIÊ: São Paulo, vol. 4, nº 11, (p. 11-25), nov., 2007.

GRUPO CCR. Grupo CCR - é um prazer viajar com você! [S. l.: s. n.], 26 maio 2015. 1 vídeo (3min 52s). Publicado pelo canal Grupo CCR. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZjtdrZ_LxFI. Acesso em: 20 mai. 2019.

GRUPO CCR. Infraestrutura. Como a infraestrutura de transporte pode ajudar no desenvolvimento social do Brasil. *In:* GRUPO CCR, 04 jul. 2018. Disponível em: http://www.grupoccr.com.br/infra-em-movimento/infraestrutura/como-a-infraestrutura-de-transporte-pode-ajudar-no-desenvolvimento-social-do-brasil. Acesso em: 15 nov. 2019.

GRUPO CCR. Sobre o Grupo CCR. O grupo CCR é uma das maiores empresas de concessão de infraestrutura do mundo. *In:* GRUPO CCR, [S. l.], [S. d.]. Disponível em: http://www.grupoccr.com.br/grupo-ccr/sobre-o-grupo-ccr. Acesso em: 25/06/2019, às 20h53min.

GRUPO CCR. 2020.

GRUPO CCR. Você já parou para pensar tudo o que é preciso para que uma cidade não pare? *In:* GRUPO CCR, 10 dez., 2020. Disponível em: http://www.grupoccr.com.br/grupo-ccr/infra-em-movimento/voce-ja-parou-para-pensar-tudo-o-que-e-preciso-para-que-uma-cidade-nao-pare--106096. Acesso em: 10 dez. 2020.

GRUPO CCR. 2019.

GRUPO CCR. 2017.

HOUAISS, Dicionário. 2010.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. 5. Ed., São Paulo: Centauro, 2008.

LEMOS, André. O que é cidade digital? *In:* **GUIA DAS CIDADES DIGITAIS**. Disponível em: http://www.guiadascidadesdigitais.com.br/site/pagina/o-que-cidade-digital. Acesso em: 05 abr. 2019.

MARTINE, George; ALVES, José Eustáquio Diniz. Economia, sociedade e meio ambiente no século 21: tripé ou trilema da sustentabilidade. Revista Brasileira de Estudos de População, Rio de Janeiro, v. 32, n. 3, p. 433-460, set./dez., 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rbepop/v32n3/0102-3098-rbepop-S0102-3098201500000027P.pdf. Acesso em: 20 mai. 2019.

MASSMANN, Débora Raquel Hettwer; BARROS, Renata Chrystina Bianchi de. Mobilidade e acessibilidade no espaço e-urbano. *In:* DIAS, Cristiane. **Formas de mobilidade no espaço *e*-urbano**: sentido e materialidade digital. Laboratório de Estudos Urbanos (LABEURB), Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade (NUDECRI), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, Série *e*-urbano, v. 2, p. 91-104, 2013. Disponível em: https://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/volumeII/arquivos/pdf/eurbanoVol2_DeboraMassman_RenataBarros.pdf. Acesso em: 15 set. 2020.

MEDEIROS, Caciane Souza de. Mídia e sociedade no espaço digital. *In:* DIAS, Cristiane. Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital [online]. Série e-urbano. Vol. 2, 2013, Consultada no Portal Labeurb – http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/ Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

MICHAELIS, Dicionário on-line de língua portuguesa. Estrutura. *In:* MICHAELIS.ORG, 05 jan., 2020. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=estrutura. Acesso em: 05 jan. 2021.

MICHAELIS, Dicionário on-line de língua portuguesa. Infra. *In:* MICHAELIS.ORG, 05 jan., 2021. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=estrutura. Acesso em: 05 jan. 2021.

MOTTA, Ana Luiza Artiaga Rodrigues da. O sujeito no discurso ecológico sobre a pesca na cidade de Cáceres estado de Mato Grosso. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2003. 137 p. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270724/1/Motta_AnaLuizaArtiagaRodriguesda_M.pdf. Acesso em: 10 out. 2020.

NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO, 2019.

NUNES, José Horta. A cidade enquanto objeto do discurso enciclopédico. Revista Rua, Campinas, Edição Especial, n. 20, p. 1-20, 2014. Disponível em: https://www.labeurb.unicamp.br/rua/artigo/verpdf?publicacao_id=5. Acesso em: 26 abr. 2020.

NUNES, Silvia Regina. Práticas de leitura no infográfico eletrônico: trajetos, tropeços e movimentos. *In:* DIAS, Cristiane. Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital [online]. Série e-urbano. Vol. 2, 2013, Consultada no Portal Labeurb – http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/ Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. *In:* DIAS, Cristiane. Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital [online]. Série e-urbano. Vol. 2, 2013, Consultada no Portal Labeurb – http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/ Laboratório de Estudos Urbanos –

LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Língua, comunidade e relações sociais no espaço digital. *In:* DIAS, Cristiane. (org.). ***E*-urbano**: sentidos do espaço urbano/digital. Campinas: Labeurb, 2011. Disponível em: http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/. Acesso em: 29 ago. 2020.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Língua, Comunidade e Relações sociais no espaço digital. *In:* DIAS, Cristiane. E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital [online]. 2011, Consultada no Portal Labeurb – http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/ Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. 2010.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. 2009.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. A Cidade como Espaço Político-Simbólico: textualização e sentido público. *In:* ORLANDI, E. P. Discurso e Texto. (p. 185-202), Pontes, 2008.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Análise de discurso: Princípios e Procedimentos. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. 2005.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Ler a cidade: o arquivo e a memória. *In:* ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Para uma enciclopédia da cidade. São Paulo: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. 2002.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. 2001.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2000.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Interpretação**. 1. Ed., Petrópolis: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2. Ed. Traduzido por Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. *In:* GADET, F.; HAK, T. (orgs.) Por uma análise automática do discurso. Trad. Bethânia Mariani, et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi [et al.]. 3. Ed, Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi [et al.]. 1. Ed, Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel. (1990).

PÊCHEUX, Michel; GADET, 1981).

PÊCHEUX, Michel. (1975).

PROJETO INFRA EM MOVIMENTO, 2018.

PROJETO INFRA EM MOVIMENTO, 2017.

PROJETO INFRA EM MOVIMENTO, 2016.

PRIBERAM. Dicionário on-line de Língua Portuguesa. Infra. *In:* PRIBERAM, 10 jul. 2020. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/infra. Acesso em: 10 jul. 2020.

RAMA, Angel. 2015.

REDE GLOBO, 2020.

RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE. 2010. Disponível em: http://www.bradescori.com.br/site/conteudo/informacoes-financeiras/relatoriossustentabilidade.aspx?secaoId=723. Acesso em ago. 2011.

RIBEIRO; CARDOSO, 1994.

ROLNIK, Raquel. 1995.

SANTOS, Douglas. **A reinvenção do espaço**: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

SANTOS, Vinicius Wagner Oliveira Divulgação Científica, Inclusão Digital e a “Insurreição dos 'Saberes Sujeitados'”. *In:* DIAS, Cristiane. E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital [online]. 2011, Consultada no Portal Labeurb – http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/ Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

SILVA, Telma Domingues da. Televisão e internet no Brasil: formulação e circulação das “mensagens” para o cidadão consumidor. *In:* DIAS, Cristiane. E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital [online]. 2011, Consultada no Portal Labeurb – http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/ Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. Tradução de Sérgio Marques dos Reis. *In:* VELHO, Otávio Guilherme. (org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Marco Aurélio SC, 1967. p. 10-24. Disponível em: http://www.marcoaureliosc.com.br/03velho_completo.pdf. Acesso em: 15 out. 2020.

SOARES, Neures Batista de Paula. **Memória e discurso**: os sentidos de terra no documentário "Vale dos Esquecidos". Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Linguística (PPGL), Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), Cáceres, 2016. 96 p. Disponível em: http://portal.unemat.br/media/files/Neures-Batista-de-Paula-Soares.pdf. Acesso em: 15 dez. 2020.

TAKAHASHI, 2000.

VENTURINI, M. C. Leitura do Espaço Urbano e Ensino. In INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. L. Memória e História na/da análise do discurso. (p. 159-175), Mercado das Letras, 2011.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. Tradução de Marina Corrêa Treuherz. *In:* VELHO, Otávio Guilherme. (org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Marco Aurélio SC, 1967. p. 89-112. Disponível em: http://www.marcoaureliosc.com.br/03velho_completo.pdf. Acesso em: 15 out. 2020.

ZOPPI-FONTANA, Mónica Graciela. Cidade e discurso: paradoxos do real do imaginário, do virtual. **Revista Rua**, v. 4, n. 1, p. 39-54, 1998. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640628/8179. Acesso em: 15 abr. 2019.